

Lucila Bassan Zorzato

**A cultura alemã na obra infantil *Aventuras de  
Hans Staden*, de Monteiro Lobato.**

Dissertação apresentada ao Programa de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito para obtenção do título de Mestre em Teoria e História Literária.

Orientadora: Profa. Dra. Marisa Lajolo

Campinas  
2007

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

Zorzato, Lucila Bassan.

A cultura alemã na obra infantil Aventuras de Hans Staden, de Monteiro Lobato / Lucila Bassan Zorzato. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

**Z78c**

Orientador : Marisa Lajolo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lobato, Monteiro, 1882-1948 - Crítica e interpretação. 2. Staden, Hans, ca.1525-ca.1576. 3. Literatura infantil - História e crítica. 4. Cultura alemã. I. Lajolo, Marisa. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
Instituto de Estudos da Linguagem

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado , em sessão pública realizada em 18 de outubro de 2007, considerou a candidata Lucila Bassan Zorzato aprovada.

Profa. Dra. Marisa Lajolo – Orientadora.

Profa. Dra. Carmen Zink Bolonhini – Titular.

Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu – Titular.

200814425

Este exemplar é a redação final da  
tese / dissertação e aprovada pela  
Comissão Julgadora em:

04/10/08

À minha mãe, Vera, e ao meu pai, Osvaldo, pelo apoio constante.

Ao Anderson, pelo incentivo e carinho, em todas as horas.

Todos, amores da minha vida.

## **Agradecimentos**

À Marisa Lajolo, pelos conselhos, orientações e também por me ensinar a caminhar sozinha.

Ao professor João Luís Ceccantini, responsável pela minha iniciação à pesquisa.

Aos professores Carmen Zink, Marcia Abreu e Marcio Seligmann, pelas valiosas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao meu irmão Ricardo, eterno companheiro.

À amiga Raquel, pela amizade e apoio para vencer todos os obstáculos.

Às amigas Emília, Ozângela, Roberta, Thaís e Tâmara, por fazer das horas de trabalho também de muita alegria.

Aos colegas do grupo “Monteiro Lobato e outros Modernismos Brasileiros”, companheiros de jornada.

À minha família e demais amigos, pela torcida de sempre.

Às instituições que muito contribuíram para a realização desta pesquisa: CEDAE (Unicamp), Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (São Paulo) e Instituto Martius-Staden (São Paulo).

À FAPESP, pelo financiamento da pesquisa.

## Resumo

A pesquisa *A Cultura alemã na obra infantil Aventuras de Hans Staden*, de Monteiro Lobato examina, a partir das obras *Meu cativo entre os selvagens do Brasil* (1925) e *Aventuras de Hans Staden* (1927), a relação de Monteiro Lobato com a cultura alemã.

O estudo dessas obras suscita indagações a respeito não só dos processos de tradução e adaptação adotados por Lobato e da recepção da obra pelo público, como também questões referentes à relação do autor com o universo alemão. Sob este aspecto, a pesquisa investiga, através da análise de documentos e da correspondência lobatiana, a representação da cultura alemã para Lobato, as propostas de versão de sua obra para o alemão, sua recepção entre leitores de língua alemã e a relação do autor com a própria língua.

**Palavras-chave:** 1. Lobato, Monteiro, 1882-1948 - Crítica e interpretação. 2. Staden, Hans, ca.1525-ca.1576. 3. Literatura infantil - História e crítica. 4. Cultura alemã.

## Abstract

This research entitled *The German Culture in Aventuras de Hans Staden in Monteiro Lobato's juvenile literature* looks into the relationship between Monteiro Lobato and the German culture through the analyses of two pieces of work: *Meu cativo entre os selvagens do Brasil* (1925) and *Aventuras de Hans Staden* (1927).

The study of the previously cited works brings up some questioning concerning not only the translation and adaptation processes used by the author as well as the reader's acceptance, but also questioning concerning the author's relation with the German universe. Therefore, in order to investigate the importance of the German culture for Lobato, his work German version proposals, the German readers acceptance of his work as well as the author's relationship with his own language, this research will analyse some documents and Lobato's mail.

**Keywords:** Lobato, Monteiro, 1882-1948 - Criticism and interpretation; Staden, Hans, ca.1525-ca.1576; Juvenile literature - History and criticism; German culture.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	10
<b>Capítulo 1 – Lobato Alemão</b>	
1.1 A Alemanha nas cartas lobatianas.....	15
1.2 A Alemanha por Lobato.....	19
1.2.1 A guerra e o discurso racial em Lobato.....	38
1.3 Lobato para os alemães.....	56
1.3.1 A obra lobatiana entre os leitores teuto-brasileiros.....	67
<b>Capítulo 2 – De Hans Staden a Monteiro Lobato</b>	
2.1 A obra de Hans Staden.....	76
2.2 Hans Staden entre os projetos do editor.....	83
2.3 A língua do tradutor.....	94
2.4 Hans Staden em suas diferentes versões.....	101
2.5 As edições lobatianas da obra de Hans Staden.....	124
<b>Capítulo 3 – As Aventuras de Monteiro Lobato</b>	
3.1 Hans Staden à lobatiana.....	133
3.2 A representação do índio em Aventuras de Hans Staden.....	155
<b>Conclusão</b> .....	164
<b>Bibliografia</b> .....	166

### Anexos:

- I. Corpus epistolar do capítulo 1.
- II. Breve cotejo de edições e traduções da obra de Hans Staden.

- III. Breve cotejo de edições de *Aventuras de Hans Staden*.
- IV/V. Primeiras edições: *Meu cativo entre os selvagens do Brasil* (1925)  
*Aventuras de Hans Staden* (1927)
- VI. Transcrição dos textos de Monteiro Lobato em alemão.

## Introdução

Toda pesquisa tem uma história. A desta começa com o interesse em conciliar os estudos de língua alemã aos de literatura infantil. O primeiro passo foi um breve trabalho, realizado ainda na graduação, de análise das diferentes adaptações da obra *Os músicos de Bremen (Die Bremer Stadtmusikanten)* dos Irmãos Grimm, incluindo versões como a de Íside Bonini, Heloísa Jahn, Maria Heloísa Penteadó, Ana Maria Machado e Monteiro Lobato. O passo seguinte foi redescobrir a obra lobatiana.

A obra infantil de Monteiro Lobato, mesmo consagrada, apresenta-se como rica fonte de pesquisas e, no que se refere ao estudo das influências estrangeiras, em especial alemãs, ainda se mostra pouco explorada pelos críticos. Assim, tal tarefa constitui-se como uma tentativa de analisar a obra lobatiana sob um novo prisma: compreender os possíveis novos sentidos e significados nos textos *Meu cativo entre os selvagens do Brasil* (1925) e *Aventuras de Hans Staden* (1927), originalmente de língua alemã, reelaborados por Monteiro Lobato. A busca de traços da cultura alemã poderia, além de definir a relação entre Lobato e a cultura alemã, também complementar ou mesmo identificar novas marcas do processo de tradução e adaptação adotadas pelo escritor.

Uma das estratégias utilizadas durante o desenvolvimento da pesquisa foi dividir o trabalho em duas vertentes, que examinaram, concomitantemente, a representação da Alemanha para Lobato e a trajetória de Hans Staden, sobretudo no que se refere às versões lobatiana da obra. Neste sentido, buscamos em diferentes acervos – Biblioteca Monteiro Lobato, Centro de Documentação Alexandre Eulálio (Cedae), Instituto Martius-Staden – documentos (cartas, artigos de jornal, primeiras edições de livros, traduções) que contribuíssem para compreensão mais ampla da influência alemã na obra do escritor. Além disso, tomamos também como referência as obras dos principais biógrafos de Lobato.

Para compreender o conjunto de informações levantadas durante o desenvolvimento do trabalho, dividimos a dissertação em três partes: “Lobato Alemão?”, “De Hans Staden a Monteiro Lobato” e “Aventuras de Monteiro Lobato”. Na primeira, apresentamos dados da vida de Lobato que, direta ou indiretamente, relacionam-se com a temática alemã. Assim, procuramos responder questões que pareciam pouco discutidas na biografia do escritor: Lobato lê alemão? Qual a língua de partida para os trabalhos com o livro de Hans Staden e

outras obras alemãs, como os *Contos de Grimm* (1932) ou as *Aventuras do Barão de Münchhausen* (1924)? Para Lobato, qual é o papel dos alemães nas guerras? Além de Nietzsche, que autores alemães são estudados por Lobato? Sua obra é publicada em língua alemã? A principal fonte de análise para estas questões que, sob diferentes enfoques, descrevem a representação da Alemanha para Lobato é a correspondência lobatiana. Neste caso, as missivas trocadas entre Lobato e seu tio José Francisco Monteiro Júnior, que vivera alguns anos na Alemanha, e a correspondência da viúva e da filha do escritor, Purezinha Lobato e Ruth Lobato, respectivamente, com escritores e tradutores alemães, ganham especial relevo, já que abordam novas vertentes da vida e da obra de Monteiro Lobato.

A segunda parte traz uma breve apresentação da obra de Hans Staden, destacando as primeiras traduções em língua portuguesa e o papel de relevância que a obra ocupa na tentativa de construção de uma identidade para o país. Ainda neste item, desenvolvemos algumas hipóteses que justificam o trabalho de ordenação literária realizado por Monteiro Lobato e sua boa recepção entre o público leitor, que, mais tarde, fundamentará a adaptação da obra para o público infantil. Além da análise comparativa entre a tradução de Albert Löfgren, texto de partida para as versões lobatianas, e a de Monteiro Lobato, efetuamos o cotejo das diferentes edições de *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*, publicadas respectivamente em 1925, 1926, 1927 e 1945, na tentativa de elucidar o processo de elaboração da obra e sua relação com a História e com o público.

A terceira parte se ocupa do processo de adaptação da obra de Hans Staden para o público infantil. Neste caso, identificamos em *Aventuras de Hans Staden* características, já apontadas por alguns pesquisadores da obra lobatiana, predominantes em sua produção infantil: oralidade, linguagem “desliteraturizada”, intertextualidade, valorização do ato da leitura, resgate de temas nacionais, preocupação com a veracidade dos fatos e a identificação das fontes históricas, desenvolvidos também como forma de despertar na criança a capacidade de julgamento, entre outros. E, no que diz respeito aos aspectos que estão diretamente ligados à ideologia da obra, consideramos a construção de valores históricos e religiosos e, sobretudo, a representação da figura do índio. Sob este viés, a obra vincula-se diretamente à tarefa de recuperar e valorizar a cultura indígena dentro da História do Brasil. O cotejo das diferentes edições da obra procura, mais uma vez, analisar as marcas do processo de adaptação de Lobato.

Com o intuito de ilustrar e sistematizar os dados apresentados nesse trabalho, apresentamos, em anexo, uma tabela com a identificação das cartas ativas (escritas pelo escritor), passivas (endereçadas a Lobato) e de terceiros (neste caso, endereçada à Editora ou à família do escritor, responsáveis pela reprodução de suas obras) que compõe o corpus epistolar do primeiro capítulo; um breve cotejo das edições e traduções da obra de Hans Staden, examinado no segundo capítulo, e das diferentes edições da adaptação infantil. Em cd-rom, encontram-se a reprodução das primeiras edições de *Meu cativo entre os selvagens do Brasil* (1925) e de *Aventuras de Hans Staden* (1927), de alguns contos lobatianos traduzidos para o alemão, além de cartas e outros documentos abordados ao longo da dissertação.

Nesse sentido, acreditamos que a maior contribuição dessa pesquisa é, além de apresentar novos dados relacionados à vida de Lobato e da análise sistematizada do processo de ordenação e adaptação da obra de Hans Staden – e nesse caso, as alterações são fundamentadas não só no público leitor (adulto e crianças), mas, em se tratando da reescrita de suas próprias versões, também no autor, que está sempre se redefinindo com relação aos textos e aos seus demais projetos – identificar a circulação, ainda que restrita, da obra lobatiana entre leitores de língua alemã.

## **Capítulo 1**

### **Lobato alemão**

## Capítulo 1:

### Lobato alemão

“Perguntando-lhe, certa vez, um repórter, se era menino briguento, respondeu: “Não era provocador, mas não recusava briga. E sempre venci. Nunca fui batido em minhas lutas físicas. Quando entrei no Colégio Americano, em Taubaté, com oito ou nove anos, um alemãozinho retaco e forte, José Rossener, era o terror das crilas. Assim que me viu, cara nova ali no recreio, correu a me ‘judiar’, como é de uso com os calouros. O recreio era no pátio e num salão grande que abria para o pátio. O chatolha louro viu-me e veio ‘feito’ e pulou em cima de mim, montou-se sobre os meus ombros. E eu, não sei se de propósito, ou por acaso, dei com ele contra a quina dum portal - e foi só sangue. Abriu-se uma brecha na cabeça de Rossener - e fiquei temido e nunca mais me fizeram nada nesse Colégio. Lembro que vieram os vigilantes e levaram o Rossener dali, sangrando muito ...” (CAVALHEIRO. 1962, p. 15)

A anedota acima descreve talvez o primeiro contato, não muito amistoso, de Monteiro Lobato (1882-1948) com um alemão na infância. Em sua biografia, são poucas as histórias que marcam a relação entre Lobato e a Alemanha. O estudo da correspondência lobatiana, no entanto, revela algumas questões que permeiam tal relação. Há, em muitas das cartas do escritor, comentários sobre a leitura e a tradução de obras de língua alemã, projetos de trabalhos desenvolvidos em parceria com os alemães, relatos de sua postura sobre a guerra, particularidades que definem não só a ligação do escritor com o “universo alemão”, mas também com a própria língua.

Parte da correspondência registra também a representação de Lobato e de sua obra entre os alemães. Encontramos, nesse sentido, um considerável número de cartas de tradutores alemães interessados na obra do escritor.

Considerando um conjunto epistolar composto por 22 cartas - ativas (9), passivas (4) e de terceiros (9) - trataremos, na primeira parte desse capítulo, da relação Lobato/Alemanha a partir da ótica lobatiana, examinando, dentro desse conjunto de missivas, cartas familiares e pessoais que, direta ou indiretamente, toquem na temática Lobato/Alemanha. Posteriormente, examinaremos a correspondência que propõe a tradução e a divulgação, em língua alemã, da obra adulta e infantil de Lobato. A isso

acrescentam-se alguns de seus contos já traduzidos para o alemão, o que sugere, além de certa internacionalização do escritor, a definição de um público novo: leitores alemães.

### 1.1 A Alemanha nas cartas lobatianas

A escrita epistolar<sup>1</sup> – uma das modalidades da escrita de si – tem sido bastante utilizada, tanto como fonte de pesquisa, quanto como objeto de estudo e, como outras práticas de escrita auto-referencial (memórias, diários, biografias, etc.), apresenta certas especificidades.

A primeira delas refere-se ao seu caráter relacional, já que, *a priori*, as cartas são produzidas tendo em vista um destinatário específico, com quem se estabelece relações. Elas têm ainda, além de fórmulas bastante conhecidas (datação, assinatura, formas de tratamento e de despedidas), um ritmo “descontínuo e cíclico”, que se altera de acordo com os acontecimentos vivenciados pelos correspondentes. Apresentam marcas temporais e espaciais entre os atos de escrever, receber e ler as missivas; de tempos de narração (passado, presente ou futuro) e ainda tempo de valorização entre o momento em que são produzidas e recebidas pelos indivíduos:

Trabalhar com cartas, assim como com outros documentos, privados ou não, implica procurar atentar para uma série de questões e respondê-las: Quem escreve/lê as cartas? Em que condições e locais foram escritas? Onde foram encontradas e como estão guardadas? Qual ou quais o (s) seu (s) objetivo (s)? Qual o seu ritmo e volume? Quais as suas características como objeto material? Que assuntos/temas envolvem? Como são explorados em termos de vocabulário e linguagem? Essas questões podem se multiplicar, chamando atenção do analista para as importantes relações estabelecidas entre quem escreve, o que escreve, como escreve e o suporte material usado na escrita. (GOMES, 2004, p.21)

---

<sup>1</sup> Com relação a este aspecto, ver GOMES, Angela de Castro (Org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

O trabalho com a escrita epistolar também expressa, de forma emblemática, as relações pessoais e profissionais de um indivíduo e, através dela, revelam-se opiniões, idéias, sentimentos, ou mesmo a “revisão” de alguns discursos de acordo com o ambiente social, político ou cultural em que estão inseridos. Quando se trata de cartas de intelectuais, como as do escritor Monteiro Lobato, pode-se ainda pensar na epistolografia como uma nova perspectiva para a análise dos vértices (e bastidores) do sistema literário, proposto por Antonio Candido<sup>2</sup> – relação entre escritor, obra e público.

Os registros pessoais (sejam eles cartas, diários ou biografias), no entanto, não devem ser tomados como “fontes de verdade”, mas como documentos que podem ganhar uma nova significação quando analisados em si mesmos, a partir de suas condições de produção (suporte material, códigos lingüísticos e sócio-culturais) e do distanciamento crítico.

O volume de cartas de Monteiro Lobato é bastante expressivo<sup>3</sup>. Em sua correspondência, é possível destacar algumas definições sobre o gênero epistolar, como a visão de que, nas missivas, imagens (verdadeiras e/ou falsas) são construídas mais livremente. Na literatura, ao contrário, exige-se atitude. Se mentir, é preciso mentir “com elegância, arte, pronomes no lugar e sem um só verbo que discorde do sujeito<sup>4</sup>”.

A afirmação de que “carta é conversa com um amigo” demonstra ainda como Lobato vê a escrita epistolar. Uma linguagem, segundo ele, escrita “em mangas de camisa e pé -no -chão, como a falada<sup>5</sup>”, sem formalidades, sem ordenação, sem formas gramaticais. Nas cartas estão todos os fatos, todas as idéias e sonhos que marcam desde o cotidiano até o imaginário dos correspondentes.

---

<sup>2</sup> “Entendo por sistema a articulação dos elementos que constituem a atividade literária regular: autores formando um conjunto virtual, e veículos que permitem seu relacionamento, definindo uma vida literária: públicos, restritos ou amplos, capazes de ler ou de ouvir as obras, permitindo com isso que elas circulem e atuem; tradição, que é o reconhecimento de obras e autores precedentes, funcionando como exemplo ou justificativa daquilo que se quer fazer, mesmo que seja para rejeitar.” In: CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. 1999.

<sup>3</sup> A correspondência lobatiana é objeto de estudo do pesquisador Emerson Tim, em sua tese de doutorado “Em busca do ‘Lobato das cartas’: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários”, financiada pela Fapesp (03/00176-0). Tim é integrante do projeto temático “Monteiro Lobato (1882-1948) e outros Modernismos Brasileiros”, coordenado pela Profª. Dra. Marisa Lajolo.

<sup>4</sup> Idem

<sup>5</sup> Ibidem, p.77-80. Carta de 07/11/1094

No caso lobatiano, é preciso também ressaltar o ineditismo do escritor em publicar, em vida, parte de sua correspondência com o amigo Godofredo Rangel<sup>6</sup>, contrariando seu próprio conceito de que “carta é sapato de defunto. Depois que o autor morre é que elas aparecem<sup>7</sup>”. Mas a publicação dessas missivas não é resultado de uma simples reunião de cartas, e sim fruto do trabalho de seleção, em que são excluídos “bagaços” e “inconveniências” do texto: “Deixaremos só o bom – como as canas de chupar que a gente atora a ponta e o pé. Depois decidiremos sobre o que fazer<sup>8</sup>”. Assim, além de romper com certas especificidades do gênero epistolar – regras de escrita, tempo de valorização das missivas – Lobato tem em vista não um único destinatário (o amigo Rangel), mas também define como tal seu público leitor.

As cartas ativas que compõem o corpus epistolar do primeiro capítulo<sup>9</sup> são endereçadas a Godofredo Rangel, Charles Frankie, Antonio Salles, Artur Coelho e à leitora Maria Luiza. Afora as cartas já publicadas, há um conjunto inédito de missivas, pertencentes a diferentes acervos: CEDAE/Unicamp; IEB/Usp; Biblioteca Monteiro Lobato/SP, e Fundação Casa de Rui Barbosa/RJ.

Antes de abordarmos as missivas, é interessante referir que elas não se caracterizam pelo uso das normas da escrita epistolar, anteriormente expressadas – Lobato subverte essas regras segundo seus próprios critérios de conveniência. Algumas, por exemplo, não são datadas; outras, são assinadas simplesmente como “*Lobato*” ou, mais informalmente, como “*L.*”. Quando às saudações, Lobato é quase sempre direto, iniciando as cartas somente com o nome do destinatário “*Rangel*”, “*Frankie*”. As formas de despedida, tanto quanto as de saudações, são breves – “*Adeus*”, “*Sem mais*” – embora pareçam provocadoras quando o assunto é polêmico “*Deutschland über alles!*”. Na carta endereçada à leitora mirim Maria Luiza, a despedida assume um tom mais afetivo “*do amiguinho desconhecido Monteiro Lobato*”.

---

<sup>6</sup> As cartas trocadas entre Lobato e Rangel foram reunidas e publicadas, pela primeira vez, em 1944, com o título “Barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel”.

<sup>7</sup> LOBATO, op. cit., p. 17. Escusatória.

<sup>8</sup> Ibidem, p.352-3. Carta de 15/09/1943.

<sup>9</sup> Consultar tabela I, em anexo.

A maior parte das cartas é datiloscrita, isso não constitui, no entanto, padrão para todas as cartas consultadas durante o desenvolvimento da pesquisa, já que existem, entre elas, também cartas manuscritas. Algumas vezes, o papel é timbrado, mas nem sempre com dados (endereços pessoais e/ou comerciais) de Lobato. Em alguns casos, é possível observar tais informações no conteúdo das missivas: “Mudo-me para S. Paulo na próxima semana. Fico na rua Formosa 53 até tomar casa.” (Rangel, Caçapava, 11/10/1917); “Este mês passo no Rio (vou amanhã) e lá estarei às tuas ordens à rua Rodrigo Silva 28.” (Antônio Salles, s./d.).

BL-ms00003

MONTEIRO LOBATO

S. Paulo, 21, 6, 926

Sta Maria Luiza:

Arrumando os meus papéis hoje, encontrei a sua cartinha azul de 11 de fevereiro e me deu vontade de lhe escrever sabendo como vai passando a minha amiguinha desconhecida e companheira de "livre pensamento".

Tem lido muito? Aumentou a biblioteca? "aquele tempo tinha 110 volumes. E agora? Aposto que já está em 120.

Li sua cartinha lá no sítio do Picapau e a Emilia disse: "Ela que venha aqui que eu tiro a prosa dela" - e como voce disse que sabia alemão, a sapaca da Emilia pôs-se a aprender alemão depressa para não fazer feio quando voce vier. Ela já sabe dizer Como vai? Bem obrigada, e outras coisinhas assim na lingua do barão de Munchhausen.

Emilia, coitada, anda muito aborrecida, porque os livros já deram noticia que ela estava escrevendo as Memorias da Marquesa de Fabico e esses memorias não saem nunca. Ela é uma danadinha para falar, mas quando pega na pena fica boba e não sei nada. Eu desconfio que quem vai escrever as memorias dela é o visconde - e depois, está claro que ela as assina com o maior caradurismo do mundo, como fez com a arimetica.

Este ano deu muita laranja lá, sobretudo cravo, e eles tem se regalado. Até Quindim está gordo de tanto mbycar laranja - esse com casca e tudo.

Fabico anda planejando qualquer coisa. Qualquer dia ele tambem sai com um livro, Geometria de Fabico, qualquer coisa assim. Deu mania de escritor neles. Até Quindim está fazendo uma Historia Natural - e bem boa, para um animalão chifrado daqueles.

Essa prosa está boa mas é hora de ir tomar café. Já me chamaram e com bolinhos de tia Nastacia). Porisso, adeus. Seja muito feliz e me escreva uma carta bem comprida e aneienta como as da Emilia.

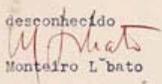
Do amiguinho desconhecido  
  
 Monteiro Lobato

Fig. I – Carta de Lobato a leitora Maria Luiza (Cedae/BL-ms00003)

São ainda freqüentes nas cartas lobatianas o uso de adendo, sobretudo nas endereçadas a Rangel, como na carta de 24/08/1904. Nesta, a temática é justamente a linguagem de cartas:

P.S. – mais uma vez insisto que acabes com as delicadezas e rodeios. Tuas “fórmulas” já me enjoam. Amabilidades são coisas de caixeiro de loja. (...) Temos que não nos enganar com adjetivos.

Os assuntos abordados nas missivas são variados: literatura, política, petróleo, família. No entanto, neste trabalho enfatizamos, dentro desses temas, dados que pudessem ilustrar a influência da cultura alemã em Lobato e, mais adiante, complementar o estudo de revisão e adaptação da obra de Hans Staden, publicados respectivamente em 1925 e 1927. O mesmo se dá nas cartas passivas e de terceiros, analisadas, em sua maior parte, ao fim do capítulo. O objetivo é definir a Alemanha para Lobato e, em contrapartida, o escritor Monteiro Lobato para os alemães, a partir, principalmente, da epistolografia do escritor.

## 1.2 A Alemanha por Lobato.

A pesquisa com a correspondência familiar de Lobato possibilitou-nos resgatar a figura de seu tio. José Francisco Monteiro Júnior ou tio Zezé, como era chamado pelo sobrinho, é filho de José Francisco Monteiro<sup>10</sup> (Visconde de Tremembé) com Anacleto do Amor Divino, e portanto irmão de Olímpia, mãe de Lobato. Homem instruído e dedicado à leitura, é quem adquire grande parte dos livros da biblioteca do Visconde, citada diversas vezes por Lobato. José Francisco fora aluno do colégio São João Evangelista<sup>11</sup>, em

---

<sup>10</sup> Segundo Ortiz, o visconde de Tremembé teria mais um filho, Francisco Alvez Monteiro Netto, nascido da união com D. Virgínia (irmã do cônego Benjamim de Tolledo Mello), em 1860. Bacharel em direito, Francisco ingressou na carreira diplomática e faleceu, ainda muito jovem, em Paris, em 05/03/1883. In: Ortiz, José Bernardo. *Velhos Troncos*, p.275.

<sup>11</sup> O Colégio S. João Evangelista foi fundado em 1862, em Taubaté, pelo prof. Edmundo Morewood, educador dinamarquês que se fixou na cidade. Nessa instituição de renome na região, cursaram jovens das melhores famílias do Vale do Paraíba. *Ibidem*, 277.

Taubaté, e mais tarde, formou-se em medicina na cidade de Leipzig, onde também casa-se, ainda na Alemanha, com Adélia Monteiro, filha de um professor alemão chamado Fritsch.

Em Taubaté exerce, durante algum tempo, a carreira médica e política. Como médico, trabalha no Hospital Santa Isabel<sup>12</sup>, onde atende gratuitamente a população mais carente, e funda a primeira sociedade médica da cidade – A Sociedade Médica e Cirúrgica de Taubaté, em 21/12/1989, na qual se elege, no mesmo período, secretário. José Francisco desfruta de grande prestígio em sua cidade natal, elegendo-se vereador pelo Partido Liberal. Enquanto vereador, atua como membro das comissões de higiene e de contas, e também faz parte do comitê de recepção ao Imperador, em sua visita à Taubaté, em outubro de 1886. Antes, porém, da conclusão de seu mandato, o governo republicano dissolve as câmaras municipais.



**Fig. II** – Anúncio do consultório de José Francisco,

<sup>12</sup> O Hospital Santa Isabel foi um empreendimento ligado à história da família Monteiro. Segundo Ortiz, o comendador Francisco Alvez Monteiro, irmão do Visconde de Tremembé, foi um dos primeiros a defender a idéia da construção de um hospital de caridade em Taubaté. Após um longo período de negociação com a câmara de vereadores, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Taubaté foi instalada em 25/03/1876 e a construção do hospital teve início no mês seguinte. O Barão (depois Visconde) de Tremembé também colaborou com a Irmandade, doando o segundo prédio do hospital. Também descendentes dos Monteiros, os médicos José Francisco Monteiro Júnior e José Gabriel Monteiro prestaram serviços ao hospital. Ibidem, p. 276.

no Jornal Liberal Taubateense, de 1888.

Orador fluente, José Francisco pronuncia vibrante discurso a 04/03/1888, dia da libertação dos escravos em Taubaté, da sacada da Câmara Municipal. Este também assina a ata de adesão da Câmara taubateana ao governo republicano, em 11 de novembro de 1889. Mais tarde, abandona as atividades como médico e político para dedicar-se à vida diplomática. De volta à Europa se estabelece na Alemanha, de onde escreve para Lobato.

A longa carta, datada de 1º de julho de 1901, traz informações sobre a adaptação de José Francisco entre os alemães e alude, em vários momentos, a questões familiares, conforme ilustra a transcrição abaixo<sup>13</sup>:

Meissnerstrasse, 3<sup>b</sup> I

Kötzschenbroda, Dresden, 1/VII. 1901<sup>14</sup>

Meu caro Juca

A tua carta, aqui recebida a 8 de Junho, foi para nós motivo de real satisfação, por vermos nela a prova de que nosso sobrinho não desmerece o conceito que dele sempre formamos. Não te supúnhamos ingrato, Juca, e foi sempre nossa opinião, que o teu silêncio era mais imposto, que voluntário – eis porque considero agradável a surpresa. – Reconheço que o materialismo dominante não tem conseguido avassalar os teus bons sentimentos, que, apesar de tudo, sabes dar apreço ao que apreço merece.

Que a Providência assim te conserve, é o nosso inteiro desejo.

Espero que não fique só nessa única carta e que continues a escrever-me, contando tudo quanto te diz respeito, teus estudos, tua vida – tudo enfim - porque tudo nos interessa.

Sabes a estima que reciprocamente nos ligava a teus pais e podes imaginar, que, apesar de todos os contratempores e

<sup>13</sup> Todas as missivas citadas no capítulo mantêm sua forma original, sem qualquer tipo de correção. Sempre que necessário discutimos, em nota de rodapé, passagens que possam comprometer a interpretação do texto. Segue ainda, em anexo, uma tabela com a identificação das mesmas nos diferentes acervos em que estão localizadas.

<sup>14</sup> Carta inédita pertencente ao acervo da Biblioteca Monteiro Lobato.

dos artificios empregados, não se evapora n'um dia a simpatia crescida em anos.

Desde que aqui cheguei tenho obtido sensíveis melhora em minha saúde seriamente abalada por tudo quanto passei no Brasil e um aumento de peso de cinco quilos e meio, é disso a prova mais evidente.

Além disso, eu que não podia passear sem meu carro, mesmo para distâncias pequenas, dou agora meus passeio a pé, caminhando 1 e 2 horas sem sentir maior abalo. – Eu tive a princípio meus receios e, de fato, o inverno foi rigorosissimo; felizmente o frio fez-me bem e refrescou-me o sangue escaldado.

Do Brasil pouco sei; jornais de lá não tenho, e mesmo de Taubaté são escassas as notícias que me chegam. Até para conhecer o estado do câmbio tenho certa dificuldade, porque nem todos os jornais referem-se ao mercado monetário brasileiro. Casualmente, de quando em vez, transpira nos jornais de aqui uma noticiuzinha interessante, como por exemplo, a pilhérica escamoteação dos 300 contos do Conde do Pinhal na Estação de Taubaté.

A vida aqui é muito agradável, se bem que seja tudo diferente do Brasil: natureza, clima, povo, hábitos e costumes.

Talvez um dia depare-se a ocasião de visitares tu a Europa e a Alemanha e poderás aí sim formar o teu juízo.

Não falta quem dê preferência aos franceses; pela parte que me toca, condiz mais com o meu modo de encarar o mundo e a vida o sério Alemão que o leviano e gentil Gaulês.

Por hoje adeus, meu Juca. – Que a felicidade te acompanhe e não te falte saúde e amor ao trabalho, são os nossos votos.

Queira-nos sempre bem, como nós te queremos e escreva ao teu tio e amigo

*Zezé.*

Muitas saudades e um abraço de

Titia Adele.

A forma elogiosa com que o tio descreve o país e o modo de vida de seus habitantes talvez tenha influenciado de forma significativa Lobato, para quem, mais tarde, a Alemanha representará um país civilizado, de grandes riquezas culturais.

A descrição positiva da cultura alemã faz-se também presente na divulgação, enquanto editor, de autores alemães e teuto-brasileiros, a exemplo de Hans Staden, Aurélio

Zimmermann e Clemens Brandenburger – esses últimos têm seus trabalhos publicados na “Revista do Brasil” –, e em artigos que destacam a contribuição, ainda que de forma indireta, da ciência alemã na campanha de saneamento, a participação de imigrantes alemães na guerra contra o Paraguai e em outras aspirações nacionalistas, e mesmo a influência dessa cultura entre nossos intelectuais:

A grandeza moral e a magnanimidade de D. Pedro II, foram herança materna, isto é, genuinamente alemã. A influência exercida pelos nossos homens de letras Tobias Barreto, Júlio Ribeiro, João Ribeiro, Sílvio Romero, Gonçalves Dias, Capistrano de Abreu, foi mais uma consequência da cultura alemã que eles assimilaram, e o próprio Bilac, que tão admiravelmente traduziu do alemão Max und Moritz, sobre a rubrica de Juca e Chico, não fugiu a essa exceção<sup>15</sup>. (LOBATO, 1965, p.171)

Mais adiante Lobato complementa:

Aos poucos o Brasil acabará reconhecendo que deve muito ao esforço alemão, desde Hans Staden, que tão bela documentação deixou dos primeiros dias da nossa terra, até Bresslau (...). A contribuição científica desses investigadores é tão importante que não lhe vale metade o trabalho reunido dos investigadores filhos de outras terras. Se o esforço desta gente fosse bem compreendido pelos brasileiros, seria mister conceder-lhes um lugar privilegiado na nossa gratidão. (...) A causa dessa injustiça é o desconhecimento da verdadeira Alemanha, e a aceitação incondicional da Alemanha caricaturada e falsificada pelos seus inimigos tradicionais. (170/171)

Esse discurso exaltado em prol da Alemanha e da importância da disseminação de sua cultura entre nós brasileiros aproxima-se da visão apaixonada que Lobato terá dos EUA. Com a mesma ênfase, descreve seu fascínio pelas modernidades da vida norte-americana: indústria, tecnologia, automóveis, estradas, povo, metrô, cinema, Walt Disney.

---

<sup>15</sup> LOBATO, Monteiro. *Críticas e outras notas*. São Paulo: Brasiliense, 1965.

Tudo parece impressionar Lobato, que registra as novidades encontradas no país em cartas enviadas para os amigos: “Este país é uma maravilha. Abre a cabeça da gente<sup>16</sup>”.

A questão familiar é outro aspecto significativo na carta de José Francisco. Vocábulos e expressões como “silêncio imposto”, “contratempo”, “artifícios empregados”, “saúde abalada”, “tudo quanto passei no Brasil” remetem à briga familiar que teria marcado a vida de Lobato e as relações de sua família com o tio. Embora ainda não se tenha encontrado documentos que esclareçam a causa do desentendimento familiar, podemos considerar as diferenças políticas entre José Francisco – republicano e defensor da causa abolicionista – e seu pai, Visconde de Tremembé, como uma hipótese para tal contenda. Neste sentido, acreditamos que este é um fato relevante e ainda pouco explorado na biografia do escritor.

A missiva enviada alguns anos depois por sua tia Adele, esposa de José Francisco, reforça a relação afetiva entre tio e sobrinho, principalmente no momento em que a doença de seu esposo parece agravar-se. Como na carta anterior, a escrita assume um tom melancólico e revela dados da vida de Adele e José Francisco na Alemanha<sup>17</sup>.

Kotzschenbroda, 15 de agosto de 1904<sup>18</sup>

Meu bom Juca:

Você ha de admirar-se, de receber uma carta minha, e não de seu Tio Zezé: mas ele infelizmente não pode escrever, porque ele está muito mal e eu acho é meu dever, contar para você; – Já na carta, que ele escreveu no dia dos vossos anos, ele contou-vos, que estava doente e depois ele ficou muito mal. Faz 4 meses ele está de cama, gravemente doente sofrendo dos rins e do coração. Passamos tempos tristes, havia dias, que a vida d’ele pendia de um fio; durante semanas ele foi sustentado artificialmente, porque tudo laçou. Agora ele está tão fraco, que não pode mais andar, e horar, que os médicos querem que passeie no ar fresco, sai de carrinho de doentes,

---

<sup>16</sup> Carta endereçada à amiga Iainha Pereira Gomes. (NUNES, 1983, p.13-4 apud SACCHETTA, 2000, p.130).

<sup>17</sup> A transcrição da carta traz o seguinte lembrete: “Observação: Tia Adele era de nacionalidade alemã. Isso explica alguns erros de redação desta carta.”

<sup>18</sup> Carta inédita pertencente ao acervo da Biblioteca Monteiro Lobato.

mas de uma semana para cá, também está fraco demais para isto.

Os médicos queriam mandam alguns tempos nos banhos, - mas é impossível, porque nossos meios não dão para isto, e já o tratamento até aqui ficou muito caro. – Por que Deus fez sofrer uma criatura tão boa, tão nobre, desta maneira que nunca fez mal a ninguém, só fez bem. Coitado: a sorte d’ele foi sofrer.

Gravemente doente, com o coração cheio de tristeza, tinha de deixar sua terra, e quando começou a sossegar um pouco, chegou de lá uma desgraça em cima da outra, é o que o mata.

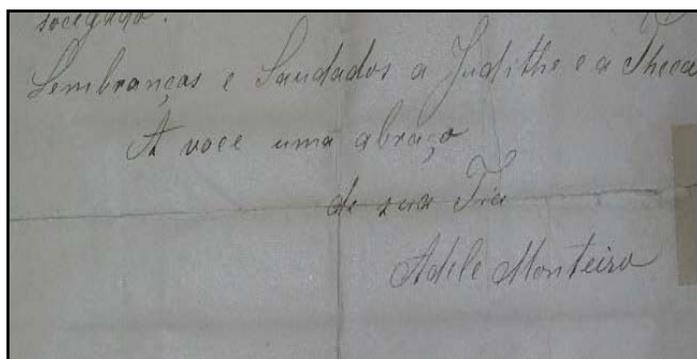
Que gosto ele teve com a vossa e a carta da Theca, que chegaram 2 dias antes do dia dos anos d’ele, Deus abençoe vocês, que deram ainda este gosto para ele. Quantas vezes ele leu as cartas, com cara tão contente e lágrimas nos olhos. 3 dias depois do dia dos anos dele, teve uma recaída, que não deixou melhorar até hoje. Queira Deus que melhorasse logo, porque é muito triste, o que o coitado tem de sofrer.

Agora ele está dormindo, os médicos deram Veronal para ele poder dormir uma noite sossegado.

Lembranças e saudades a Judithe e a Theca

A você um abraço

De sua tia Adele Monteiro



**Fig. III** -Trecho final da carta de Adele Monteiro

Como se vê, a carta tem desdobramentos interessantes – dificuldades com a língua, problemas financeiros, relações familiares. Neste último caso, embora sem provas concretas que justifiquem a cisão familiar, restam-nos as suposições: Acreditar em Adele? A vida diplomática teria motivado o desentendimento? Segundo Ortiz, após o falecimento de José Francisco na Itália, a viúva Adele volta mais uma vez ao Brasil, retornando

definitivamente para Alemanha. Ainda hoje existe uma praça em Taubaté que conserva o nome de José Francisco Monteiro Júnior.

A correspondência trocada com Godofredo Rangel também registra muitas peculiaridades da vida pessoal e profissional de Lobato, como a nostalgia dos tempos da juventude, impressões de leitura, projetos de escrita, discussões literárias, políticas ou empresariais e também dados relacionados à Cultura alemã (autores, traduções, livros, etc.). A referência à obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, por exemplo, é tema freqüente em muitas cartas.

A primeira menção à obra de Nietzsche é feita na carta de 2 de junho de 1904, escrita em São Paulo. Nela, Lobato explica com entusiasmo suas impressões de leitura da obra do alemão:

Chegou-me o Nietzsche em dez preciosas brochuras amarelas, tradução de Henri Alber<sup>19</sup>. Nietzsche é pólen. O que ele diz cai sobre os nossos estames e põe em movimento todas as idéias-germens que nos vão vindo e nunca adquirem forma. (...)

Nietzsche me desenvolveu um velho feto de idéia. Veja se entende. O aperfeiçoamento intelectual, que na aparência é um fenômeno de agregação consciente, é no fundo o contrário disso: é desagregação inconsciente. Um homem aperfeiçoa-se *descascando-se* das milenares gafeiras que a tradição lhe foi acumulando n'alma. (56-57)

À idéia de se desvincular de regras e (pre)conceitos impostos por doutrinas “universalmente aceitas como verdadeiras numa época”, segundo as palavras de Lobato, agrega-se a necessidade de se cultivar a individualidade, preservando no homem seus próprios valores e seus preceitos, proposta que podemos observar na carta de 24/08/1904:

S. Paulo, 24, 8, 1904<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Trata-se da tradução francesa de Henri Albert. Lobato traduz, em 1906, a partir versão de Henri Albert, dois livros do filósofo: *O Crepúsculo dos ídolos* e *O Anticristo*. O manuscrito não chegou a ser publicado e está depositado no Fundo Monteiro Lobato, como parte do acervo do CEDAE/UNICAMP (MLB 4.1.00013).

<sup>20</sup> Carta publicada in: LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, V.I, 1951. p. 65.

Rangel: há muito que quero insistir em Nietzsche, e dele te mando um volume que lerás e devolverás, e então mandarei outro. Não há Nietzsches nas livrarias desta Zululândia. Estes me vieram da França. Considero Nietzsche o maior gênio da filosofia moderna – e o que vai exercer maior influência. É o homem “objetivo”. O homem *impessoal*, destacado de si e do mundo. Um ponto fixo acima da humanidade. O nosso primeiro ponto de referência. Nietzsche está *au delà du bien et du mal*, trepado num topo donde tudo vê nos conjuntos, e onde a perspectiva não é a nossa perspectivazinha horizontal. Dum banho em Nietzsche saímos lavados de todas as cracas vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade. Da obra de Spencer saímos spencerianos; da de Kant, saímos kantistas; da de Comte, saímos comtistas – da de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos. O meio de segui-lo é serguir-nos. “Queres seguir-me? Segue-te!”. Quem já disse coisa maior? Nietzsche é potassa cáustica. Tira todas as gafeiras. (P.65)

A leitura de Nietzsche desperta em Lobato<sup>21</sup> o valor da individualidade no homem. Segundo Cavalheiro, seu principal biógrafo, o conselho do filósofo - “Queres seguir-me? Segue-te!” – representa para o escritor “liberdade mental e moral”, conceitos que ele empregará não só na vida pessoal, mas também em sua obra. Em entrevista para o jornal *O Estado de São Paulo*, Lobato complementa: “Nunca fiz na vida outra coisa senão, em tudo trilhar o conselho nietzschiano, indiferente a censuras ou aplausos ou a interesses. (...) Jamais escrevi ou afirmei coisa de que não tivesse convencido<sup>22</sup>.”.

Ora com profundo vigor, ora de maneira não tão febril, Lobato recorre a várias estratégias para aliciar Rangel para os estudos de Nietzsche: cita títulos do filósofo, transcreve trechos de sua teoria ou, como nas cartas citadas, descreve as descobertas realizadas a partir da filosofia nietzschiana. O *post scriptum* à carta de 9 de dezembro de 1904 ilustra tal tentativa:

P.S. – Veiu de retorno o meu Nietzsche. Chegou bem de viagem e através das notas marginais disse-me que... que...

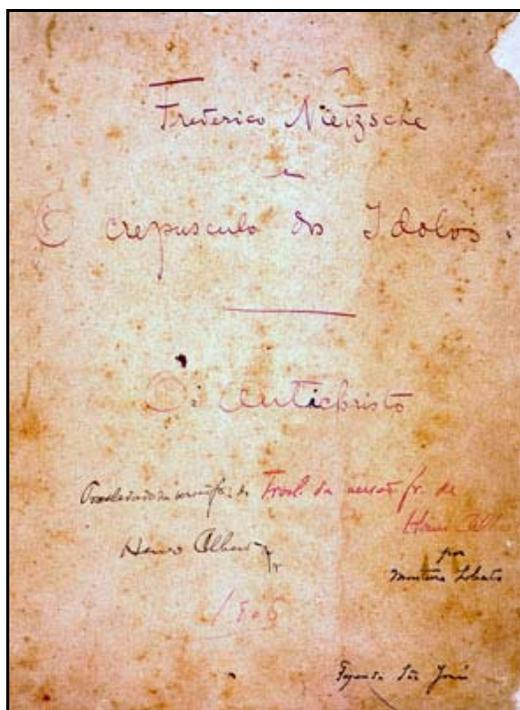
<sup>21</sup> Com relação à influência de Nietzsche na obra de Lobato ver: MOURA, André Muniz. *Monteiro Lobato: um leitor de Nietzsche*. UFRJ, Rio de Janeiro, 2000. Dissertação de mestrado.

<sup>22</sup> “Confissões ingênuas”, *O Estado de São Paulo*. In: LOBATO, Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. P.224. Segundo nota explicativa, tal entrevista, realizada por volta de 1941, faz parte da enquête “Testamento de uma geração”, organizada para o jornal *O Estado de São Paulo* e editada em 1944 pela Livraria do Globo, de Porto Alegre.

que só te procurará em novos volumes alguns anos mais tarde,  
depois que o meu amigo Rangel amadurecer um pouco mais.  
Impertinente este alemão, não é verdade? (84)

O propósito de atrair, entre seus amigos e correspondentes, leitores para a obra de Nietzsche é visível em outras cartas. O tom entusiástico com que descreve o trabalho do autor é, na maioria das vezes, comum a todas elas: A Lino Moreira aconselha a leitura como solução – “O remédio que irá te curar é Nietzsche (...) exijo-o em nome do teu futuro que leias esse gênio”; A Albino, considerado filósofo do grupo do minarete, recomenda que conheça a obra do alemão: “Vá atrás desse homem, Albino (...) ele abrange e penetra tudo, sobretudo penetra. Nietzsche estonteia e me embriaga” (LOBATO apud CAVALHEIRO, 1962, p.87-8).

A referência a Nietzsche ilustra nossa tentativa de estabelecer relações entre Lobato e a cultura alemã e, neste sentido, também demonstra o desconhecimento do escritor com a língua, já que este faz suas leituras a partir de traduções francesas, questão que se comprovará no exame das cartas que tratam do petróleo e de negociações com um grupo financiador alemão, enviadas a Charles Frankie.



**Fig. IV** - Manuscritos originais das traduções de Nietzsche.  
(Acervo Fundo Monteiro Lobato, CEDAE/UNICAMP, MLB 4.1.00013)

Em carta de onze de janeiro de 1925, também endereçada a Rangel, o mote é a tradução<sup>23</sup>. Nela, Lobato trata com o amigo a possibilidade de traduzir e adaptar para o público infantil alguns clássicos da literatura universal. Ele realiza o mesmo trabalho com a obra dos Irmãos Grimm<sup>24</sup>:

S. Paulo, 11,1,1925<sup>25</sup>

Rangel:

Já mandei os originais de Michelet. Os cantos extraídos das peças de Shakespeare vão para que escolhas alguns dos mais interessantes e os traduza em linguagem bem singela; pretendo fazer de cada canto um livrinho para meninos. Traduzirás uns três, à escolha, e mos mandarás com o original; quero aproveitar as gravuras. Estilo água de pote, hein? E ficas com a liberdade de melhorar o original onde entenderes. O *D. Quixote* é para ver se vale a pena traduzir. Aprovado que seja esse resumo italiano, mãos à obra. E também farás para a coleção infantil coisa tua, original. Lembra-te que os leitores vão ser todos os Nelos deste país e escreve como se tivesse escrevendo para o teu. *Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos de refazer tudo isso – abrigar a linguagem.*

Lobato.

[Grifo nosso]

O empenho de Lobato em constituir uma literatura infantil brasileira<sup>26</sup> é amplamente debatido na correspondência com Rangel. Talvez influenciado pelas leituras realizadas na

---

<sup>23</sup> Trataremos, mais detalhadamente, das concepções de tradução desenvolvidas por Lobato no segundo capítulo.

<sup>24</sup> Os Irmãos Jakob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) são conhecidos pela coleção *Volks- und Hausmärchen* (Contos de Fadas para o Povo e o Lar). In: CARPEAUX, Otto Maria. *Literatura alemã*. P.114.

<sup>25</sup> Carta publicada in: LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, V.II, 1951. p. 275.

<sup>26</sup> Segundo Lajolo e Zilberman a preocupação em dar ao público infantil obras de qualidades é corrente nos discursos de alguns críticos brasileiros, em fins do século XIX. Silvio Romero, por exemplo, ressalta a precariedade das condições de sua alfabetização, realizada a partir de manuais ultrapassados, José Veríssimo afirma que a reforma dos livros infantis é uma das medidas mais urgentes para a educação nacional, livros com “assuntos” e “espíritos” nacionais; Afonso Schmidt chama atenção para a falta de adaptações em português do Brasil. A justificativa para as denúncias de ausência de livros infantis e às queixas sobre a falta

infância<sup>27</sup> ou pela preocupação com a formação de seus filhos<sup>28</sup>, Lobato enfatiza o valor da leitura e, por extensão, do livro, para as crianças.

No artigo “A criança é a humanidade do amanhã”, o escritor ressalta a importância de boas leituras para o desenvolvimento intelectual dos jovens:

O defeito dos livros impróprios e, portanto, refugados pelas crianças está em que retarda o advento do gosto pela leitura. Há homens que passaram a vida sem ler um livro, fora os escolares, justamente por não terem tido em criança o desejo de ler um só livro que lhes falasse à imaginação. Já os que têm a felicidade de na idade própria entrarem em contato com livros que “interessam”, esses se tornam grandes leitores e por meio da leitura prolongam até ao fim da vida o progresso auto-educativo. Quem começa pela menina da capinha vermelha pode acabar nos Diálogos de Platão, mas quem sofre na infância a lavagem dos livros instrutivos e cívicos, não chega até lá nunca. Não adquire amor pela leitura. (253-254)<sup>29</sup>

---

de material brasileiro estão vinculadas, neste momento, ao panorama marcado prioritariamente por obras estrangeiras e, principalmente, à valorização da instrução e da escola como um dos projetos necessários para a consolidação de um Brasil moderno. Neste contexto, começam a sistematizarem-se os esforços para a formação da literatura infantil brasileira. Antes, porém, de Lobato consagrar-se como fundador dessa literatura, a produção em voga, quer pelo predomínio do tom didático e moralizante, quer pela cópia de modelos europeus, não se configura plenamente como tal. Neste viés, Lobato mostra-se também atento à qualidade dos textos infantis em circulação, muitas vezes distante da realidade brasileira e, por isso mesmo, desestimulante para a leitura.

<sup>27</sup> Lobato descreve suas impressões de leitura de Robinson Crusóé: “Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para adultos já me enjoiei. Bichos sem graças. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusóé do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar”. In: LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. V. II, p. 292-3; Carta de 07/05/1926.

<sup>28</sup> Em carta a Rangel, datada em 8 de setembro de 1916, o projeto lobatiano de criação de uma literatura infantil brasileira ganha contornos mais definidos a partir da experiência com seus próprios filhos: “Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisas para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha conta. Guardam-nas de memória e vão contar aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. (...) Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhenta se impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta (...). É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos...”. In: LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*, V.II, p.103.

<sup>29</sup> LOBATO, Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1951. V.15.

Em sua obra infantil, Lobato inova na temática, criando obras em que o real e o maravilhoso se misturam dentro de um cenário com elementos nacionais, e na linguagem, atribuindo às suas produções e traduções oralidade e simplicidade. Ao produzir livros que possam ser lidos como se o leitor ouvisse uma história ou participasse de uma aventura, o escritor rompe com a tradição de textos didáticos e com a rigidez das formas gramaticais, dando à leitura também um sentido lúdico.

O trabalho com as obras de Grimm é publicado em 1932 - *Contos de Grimm* - e em 1934 - *Novos Contos de Grimm*, pela Editora Nacional. Mas as personagens fundadoras da literatura infantil ocidental - Branca de Neve, Rosa Vermelha, Cinderela - estão presentes também em algumas obras que compõem a coleção infantil do escritor, sobretudo na obra *O Sítio do Picapau Amarelo*, de 1939<sup>30</sup>. Além da obra dos Irmãos Grimm, o escritor adapta para o público infantil outras histórias originalmente de língua alemã, são elas: Barão de Münchhausen (*Aventuras de Barão de Münchhausen*, 1924) e Hans Staden (*Aventuras de Hans Staden*, 1927).

Para algumas crianças, a tradução de obras alemãs (Grimm, Münchhausen, Staden), espanholas (D. Quixote) ou inglesas (Peter Pan), dentre outras línguas, demonstra a poliglotismo do autor, hipótese, no entanto, bastante ingênua. Na correspondência entre Lobato e seus leitores mirins é possível notarmos esse tipo de associação, como na carta de fevereiro de 1936, da leitora Maria Luiza<sup>31</sup>:

Pelotas, 11 de fevereiro de 1936.<sup>32</sup>

Querido Monteiro Lobato

---

<sup>30</sup> Consulte, a respeito, o estudo dos personagens estrangeiras na obra *O sítio do Picapau amarelo*, de Monteiro Lobato, desenvolvido pela pesquisadora Mariana Baldo de Gênova, na pesquisa de mestrado “As terras novas do sítio: uma nova leitura da obra *O Picapau Amarelo* (1939)”, FAPESP Nº 04/05203-8. Gênova é integrante do projeto temático “Monteiro Lobato (1882-1948) e outros modernismos brasileiros”, desenvolvido sob coordenação da professora Dra. Marisa Lajolo.

<sup>31</sup> As cartas de Maria Luiza pertencem ao Dossiê Monteiro Lobato, depositado no arquivo Raul de Andrade e Silva, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da USP. O estudo da correspondência dos leitores infantis de Monteiro Lobato é objeto de estudo da pesquisadora Raquel Afonso da Silva, integrante do projeto temático sobre Monteiro Lobato, no trabalho de mestrado “Conversa de Bastidores: a correspondência entre Monteiro Lobato e seus leitores infantis”, FAPESP, Nº 04/12985.

<sup>32</sup> Carta pertencente ao Dossiê Monteiro Lobato (IEB / USP / (IEB / USP / C1 P2 C8)).

Para começar minha carta digo que me chamo Maria Luiza, sou brasileira, minha mãe é franceza e meu pai brasileiro. Mamãe chama-se Marth P. Lima e papai José Pereira Lima e meu sobrenome naturalmente é uma árvore e uma fruta também. Escrevo esta carta para vos elogiar pelos bons livros que escrevestes. Somos atheus, e pelo livro “História do Mundo” percebi que vós o sois também. Tenho 12 anos, e vos confesso que já me acho “velha”. Tenho uma biblioteca (que) de mais de, 110 livros, mas principalmente aprecio os vossos livros. (...) Eu estava no colégio alemão e aos 11 anos acabei o 6º curso, mas agora estou me preparando para fazer o exame de admissão para o 1º ano do ginásio pelotense.

*Sei falar francês, alemão e compreendo um pouco de inglês. Notei que o senhor sabe falar inglês porque traduziu Pollyanna e Pollyanna moça e Aventuras de Huck Finn, até o senhor fala sobre ele em “Geografia de Dona Benta”, esqueci-me de dizer que também tenho este livro e o livro “História do Mundo para crianças”. Se eu um dia fosse na Dona Benta no sítio do Picapau-amarelo seria capaz de fazer mil aventuras, tanto que D. Benta e família seriam capazes de abrir os olhos maiores que “os grandes olhos de John Grafford como diz Emília de língua comprida. Muitas lembranças a todos e recomendações a tia Nastácia e uma beijoca à Emília.*

*Esqueci-me de dizer que o senhor fala italiano porque traduziu Pinocchio, e alemão porque traduziu “Munchhausen”.*

Acabo aqui minha carta e elogio-vos mais uma grande vez.

E à vós nossos grandes cumprimentos, (principalmente de mim)

Vossa grande desconhecida amiga

Maria Luiza [Grifo nosso]

Para apresentar-se a menina recorre a argumentos que são incomuns à maioria das crianças e, por isso mesmo, chamam a atenção do escritor: é filha de uma família atéia, possui uma grande biblioteca particular, parece bastante culta e estuda diferentes línguas estrangeiras, inclusive o alemão. Tais características a aproximam do autor, que como ela é ateu e conhece outros idiomas. Pode-se dizer que tais “semelhanças” sustentam a ilusória idéia do poliglottismo do autor, que desperta a admiração da garota e é por esta ressaltado a partir do número de adaptações de textos estrangeiros publicados por Lobato.

Em outra carta, sem data, mas provavelmente escrita no mesmo ano (1936), Maria Luiza dirige-se diretamente aos personagens do sítio e manda um recado, em alemão, para Emília.

Illma. Sra.<sup>33</sup>

Dona Benta Encerrabodes de Oliveira e família. Como vão todos aí?

Como vai a Emília Balaqueira; Narizinho, a sonhadora; Pedrinho, o aventureiro; Visconde, o sábio embolorado; Tia Nastácia, a dona de todos os “credos” e “fazedora” dos mais gostosos bolinhos; Quindim, o inteligente paquiderme africano; Rabicó, o engole espadas (digo espadas de cascas de abóbora) e a senhora que me parece um tanto assustadiça?

Diga a esses amiguinhos meus (menos a Emília) que quando eu puder irei ajudá-los a “aventurar”. (Aventurar, termo que emprego quando quero dizer – fazer aventuras)

Diga ao meu amigo Monteiro Lobato, se ele for aí, que me desculpe a tardança da resposta a sua carta. Pois não tive coragem de pedir-lhe desculpas diretamente na carta que lhe escrevi.

Maria Luiza

*3 palavras dedicadas a Emília em deutsch.*

*-du- bist- dumm –*

von Maria Luiza [Grifo nosso]

Na carta endereçada a personagem “Dona Benta Encerrabodes de Oliveira e família”, Maria Luiza descreve as principais características do pessoal do sítio. Com isso podemos perceber como a leitora concebe os personagens lobatianos. O recado em alemão - “du-bist-dumm”, que pode ser traduzido como “você é idiota” - confirma a antipatia da menina pela boneca, que já no começo da carta é excluída do recado que a avó deveria dar aos seus amiguinhos do sítio.

Podemos inferir, a partir da correspondência trocada entre a menina e o escritor, que a personificação dos personagens com os quais ela dialoga é um recurso adotado pelo

<sup>33</sup> Carta pertencente ao Dossiê Monteiro Lobato (IEB / USP / C1 P2 C9)). Carta escrita provavelmente no ano de 1936.

próprio Lobato em muitas de suas cartas para o público infantil. A missiva<sup>34</sup> datada de junho de 1936 para Maria Luiza confirma tal hipótese:

S. Paulo, 21, 6, 936<sup>35</sup>

Sta. Maria Luiza:

Arrumando os meus papéis hoje, encontrei a sua cartinha azul de 11 de fevereiro e me deu vontade de lhe escrever sabendo como vai passando a minha amiguinha desconhecida e companheira de “livre pensamento”.

Tem lido muito? Aumentou a biblioteca? Naquele tempo tinha 110 volumes. E agora? Aposto que já esta em 120.

Li sua cartinha lá no sítio do Picapau e a Emília disse: “Ela que venha aqui que eu tiro a prosa dela” – *e como você disse que sabia alemão, a sapeca da Emília pôs-se a aprender alemão depressa para não fazer feio quando você vier. Ela já sabe dizer Como vai? Bem obrigado, e outras coisinhas assim na língua do Barão de Munchhausen.*

Emília, coitada, anda muito aborrecida, porque os livros já deram notícia que ela estava escrevendo as Memórias da Marquesa de Rabicó e essas memórias não saem nunca. Ela é uma danadinha para falar, mas quando pega na pena fica boba e não sai nada. Eu desconfio que quem vai escrever as memórias dela é o Visconde – e depois, está claro que ela as assina com o maior caradurismo do mundo, como fez, com a arimética.

Este ano deu muita laranja lá, sobretudo cravo, e eles têm se regalado. Até Quindim está gordo de tanto mascar laranja – esse com casca e tudo.

Rabicó anda planejando qualquer coisa. Qualquer dia ele também sai com um livro, Geometria do rabicó, qualquer coisa assim. Deu mania de escritor neles. Até Quindim está fazendo uma História Natural – e bem boa, para um animalão chifrudo daqueles.

Bem, a prosa está boa mas é hora de ir tomar café. Já me chamaram (e com bolinhos de tia Nastácia). Por isso, adeus. Seja muito feliz e me escreva uma carta bem comprida e asneirenta como as da Emília.

<sup>34</sup> Lobato envia outras cartas a Maria Luiza, uma anterior a esta, datada em 04/03/1936 (BI-ms 0008) e outra sem data (BI-ms 0004). As cartas pertencem ao Fundo Monteiro Lobato, depositado no CEDAE, Unicamp. As missivas podem também ser consultadas no site: <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato>. Último acesso em 28/06/2006.

<sup>35</sup> Carta pertencente ao Fundo Monteiro Lobato. BI-ms 00003 CEADE / UNICAMP.

Do amiguinho desconhecido Monteiro Lobato.  
[Grifo Nosso]

É notável, desde o início da carta, a inserção da imagem do sítio e de seus personagens como mediadores da relação de Lobato com Maria Luiza. Assim como nos livros, Lobato cria na carta um universo em que o real e o maravilhoso se misturam e, a partir dele, estimula sua leitora a adquirir mais cultura, lendo suas obras e estudando outros idiomas.

Lobato alude à leitura através da quantidade de livros da biblioteca da menina. Logo em seguida, incentiva o estudo do alemão usando a figura da boneca, que também começa a estudar a língua e, desta forma, se aproxima da leitora. A linguagem utilizada na carta é a mesma adotada por Lobato em sua obra. Para isso, o escritor se vale de palavras simples e coloquiais (“regalado”, “prosa” etc.). Assim, parece exercer na carta o mesmo papel de D. Benta no sítio – o de educador.

A referência à publicação de um novo livro – *Memórias de Emília* – pode ainda ser observada como uma estratégia do autor que procura avaliar, de antemão, a recepção de sua obra entre seus leitores infantis.

Ao contrário do que acredita a leitora Maria Luiza, Lobato não domina o idioma alemão. Alusões à própria língua são visíveis na correspondência entre Lobato e Charles Frankie<sup>36</sup>. Frankie, suíço naturalizado brasileiro, é engenheiro e companheiro de Lobato na luta pelo petróleo.

Ao retornar dos Estados Unidos, na década de 1930, Lobato dedica-se à revisão de suas obras, a produções de novos textos infantis e a traduções de obras estrangeiras, trabalhos que garantem sua sobrevivência. Neste período, envolve-se também com políticas de crescimento nacional, propondo a extração de ferro e petróleo. Embora a questão seja bem mais complexa, podemos dizer que durante o desenvolvimento do projeto de exploração de petróleo, Lobato, sem contar com a parceria do governo, busca apoio popular

---

<sup>36</sup> Charles W. Frankie é suíço, mas, segundo Edgar Cavalheiro, veio para o Brasil com dois anos de idade e, mais tarde, foi naturalizado brasileiro. O engenheiro Frankie atuou como colaborador de Lobato em levantamentos geofísicos, na Campanha do Petróleo. Suas cartas pertencem ao Dossiê Charles Frankie, depositados no CEDAE/Unicamp. Tal correspondência é objeto de estudo da pesquisadora Kátia Nelsina, no trabalho de mestrado “O poço do Visconde e a epistolografia lobatiana”. A pesquisadora é também integrante do projeto temático sobre Monteiro Lobato.

e lança uma campanha pública, com debates na imprensa e palestras pelo interior do país, para levantar capital. Com poucos recursos, as Companhias<sup>37</sup> nacionais de petróleo recorrem à proposta de um grupo técnico financeiro alemão<sup>38</sup>, que auxiliaria as empresas com prestações de serviços (abrir perfurações, montar refinarias, fornecer carros-tanques e equipamentos modernos) em troca de uma porcentagem no petróleo brasileiro produzido. De acordo com Cavalheiro, ao perceber a viabilidade da proposta alemã, Lobato, com o apoio de Charles Frankie, emprega todos os recursos para concretizar o negócio, porém sem sucesso:

Ao perceber a possibilidade de que grupos alemães fortíssimos viessem dar à indústria petrolífera do Brasil seu apoio técnico e financeiro, Monteiro Lobato exulta, e emprega todos os esforços no sentido de atraí-los. Em pura perda. As firmas alemãs deixaram bem claro que só após os estudos da Elbof<sup>39</sup> concretizariam qualquer negócio. E tais estudos, de antemão assentados pelo Governo do estado, não puderam ser feitos. (P.29)

Para Lobato, a derrota de seu empreendimento petrolífero tem razões políticas, já que nem o governo, nem a política empresarial, monopolizadora da comercialização de combustível, estavam, de fato, interessados na extração do petróleo no Brasil. Dentro deste contexto, as cartas enviadas ao engenheiro Charles Frankie ilustram não só a dificuldade de comunicação entre Lobato e os alemães, como também a negociação com o grupo alemão.

Através do excerto da carta de 11 de março de 1935, podemos presumir a pouca intimidade de Lobato com a língua alemã:

---

<sup>37</sup> São elas: Companhia de Petróleo do Brasil (fundada em 1931), irmã da Companhia de Petróleo Nacional, da Companhia Petrolífera Brasileira e da Companhia de Petróleo Cruzeiro do Sul. In: LAJOLO, Marisa. *MonteiroLobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000. P. 75.

<sup>38</sup> O grupo alemão interessado na pesquisa e exploração do petróleo brasileiro era constituído pelas empresas: Haniel & Lueg; Farben; Wirth-Erkens; Mannesmann; Itag; Theinmatall; Deutsche Montanbank; Deutsche Erdoelgesellschaft e Instituto Geológico do Reich. A proposta foi apresentada às Companhias Nacionais através da firma Piepmeyer & Cia., localizada em Cassel, Alemanha. In: CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. P.56.

<sup>39</sup> Segundo a pesquisadora Kátia Nelsina, ELBOF (Elektrische Bodenforschung) é o departamento responsável pelo trabalho de prospecção da empresa alemã Piepmeyer & Cia.

S. Paulo, 11, 3, 1935<sup>40</sup>

Meu caro Frankie:

(...) Mr. Winter<sup>41</sup> esteve comigo, *mas a dificuldade de língua impediu-me que nos entendêssemos como era preciso*. Escrevo por isso a V. para que V. lhe transmita minhas idéias e meu pedido de desculpa. (...)

Espero, meu caro Frankie, *que V. saiba traduzir meu pensamento para Mr Winter* de modo que a brutal conduta do nosso perfurador em nada influencie o seu espírito quanto aos entendimentos que já teve comigo (...).

[grifos nosso]

Adeus

Monteiro Lobato.

A missiva acima transcrita, se analisada juntamente com trechos de outras cartas destinadas a Frankie, como a de 15/03/1935 (Chf 1.2.00052) - “Para adiantar expediente já incluo aqui uma carta de apresentação do Dr. Winter ao Dr. Pacheco. *Ele fala alemão, de modo que podem entender-se perfeitamente.*” [grifo nosso] – indica que a língua referida na missiva anterior é a alemã. Diante das dificuldades com o idioma, o autor busca outros recursos para se fazer entender e recorre ao amigo Frankie<sup>42</sup>.

Já na carta de 18 de junho de 1936 é possível observarmos referência aos negócios com a firma Piepmeyer & Cia, porta-voz do grupo alemão interessado na pesquisa e na extração do petróleo nacional. Segundo Cavalheiro, a empresa Haniel & Lueg estaria responsável pelo trabalho com as sondas.

S.P. 18,6,936<sup>43</sup>

---

<sup>40</sup> A carta de Monteiro Lobato a Charles Frankie pertence ao Fundo Charles Frankie, no acervo do CEDAE/UNICAMP, Chf 1.2.00050.

<sup>41</sup> Engenheiro alemão do petróleo, Winter é o representante da firma Piepmeyer & Cia, porta-voz do grupo alemão no Brasil.

<sup>42</sup> Charles Frankie traduzira para o português o livro de Essad Bey – “A Luta pelo Petróleo”, prefaciado por Lobato.

<sup>43</sup> A carta de Monteiro Lobato a Charles Frankie pertence ao Fundo Charles Frankie, no acervo do CEDAE/UNICAMP, Chf 1.2.00131.

Frankie:

(...) O Winter ante hontem contou-nos que recebera carta tua em alemão na qual se dizia que o poço estava pescado. Tivemos um grande contentamento – mas a carta de 10 que eu recebi retificou esse ponto. (...) Muito bem. Vejo tudo em marcha. Os passos do Piep na Alemanha vão ser da maior importância. Se ele consegue a ligação de interesses com Haniel ou outro, o primeiro passo estará dado para o financiamento. Atrás da primeira sonda virá tudo mais. (...)

Lobato.

O papel da Alemanha em grandes conflitos mundiais é também assunto de algumas missivas lobatiana. Neste caso, porém, a temática ganha desdobramentos que promovem a discussão da questão racial em Lobato. Tais aspectos são abordados no tópico abaixo.

### 1.2.1 A guerra e o discurso racial em Lobato

A postura lobatiana em relação à política de guerra alemã (1914/1917 e 1939/1945), retratada em algumas missivas, suscita questões como a da representação do discurso racista e eugenista em Lobato. De fato, essas questões estão presentes não só na epistolografia do escritor, mas também em sua produção literária para adultos e crianças. Mas este tipo de constatação não encerra a discussão. Outro caminho é examinar tais questões à luz da representação das teorias raciais entre a intelectualidade brasileira, nas primeiras décadas do século XX, e, no caso específico de Lobato, considerar ainda as inconstâncias do autor. Neste sentido, podemos dizer que, muitas vezes, Lobato articula seu discurso de acordo com seus interesses.

Elegemos como ponto de partida para nossa análise algumas cartas do escritor endereçadas a Godofredo Rangel, Antonio Sales e Artur Coelho.

Caçapava, 11,10,1917<sup>44</sup>

Rangel:

---

<sup>44</sup> Carta publicada in: LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. V. II, 1951. p. 155.

(..) Eu já tive o meu período febril de ruismo, igual ao teu de hoje: foi em fins de Afonso Pena e Nilo e todo o Hermes. Aquele Ruy combativo, cruel como Jeová, feroz como Ezequiel, foi a culminância do “fenômeno Ruy”. Mais ainda nessa fase funciona como o refletor de todas as ânsias, queixas e desejos da nação. Fez-se Voz da Natureza, Boca do País. Naquele tempo, por política, estava divorciado dele. Tentei conversar contigo sobre a Águia que depenava o Avestruz e tu fugiste com o corpo. Hoje dá-se o contrário. Eu é quem estou divorciado de Ruy... por motivos bélicos. E não o leio. Como torço pela vitória da Alemanha e Ruy é o paladino da derrota alemã, resumo minha opinião sobre ele com a imbecilidade dum calouro: “É uma besta!” Mas sei ou sinto que isso é pura imbecilidade minha diante de imbecis ainda maiores que eu. E se não o leio é na certeza de que se ler, a “besta” me converte com a sua lógica de aço e cá me põe o germanismo de cuecas, de pernas para o ar. Porque meu germanismo tem fundamentos grotescos: a causa número um é ser aliadófilo o meu barbeiro; a número 2 é serem aliados o *Estado de S.Paulo*, todos meus amigos e toda a gente. Germanizando, eu me isolo do barbeiro, do jornal e duma súcia de amigos. Pura questão de higiene mental <sup>45</sup>. (...)

Lobato.

A carta escrita a Rangel assume um tom bastante sarcástico ao tratar de um tema espinhoso: a Primeira Guerra. Nesta, é também possível observar a postura de Lobato em relação à Alemanha, no caso específico, no que se refere ao posicionamento dos alemães na guerra. Essas referências, no entanto, não são feitas de maneira séria, mas de forma jocosa, já que Lobato justifica sua simpatia pelos alemães com argumentos superficiais e pilhéricos.

A posição de Lobato parece censurar mais a ausência de senso crítico do barbeiro, do jornal e de seus amigos do que, de fato, compartilhar com a política alemã. Mas ao censurar a acriticidade destes, Lobato sublinha sua própria falta de argumentos sólidos em prol da Alemanha. Seu favoritismo é, em suas palavras, “grotesco”, e justificado mais pela empatia por seus “vizinhos germanófilos”, do que pelas crenças ideológicas. Tanto lhe falta

---

<sup>45</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. II Tomo. P. 155-158.

embasamento crítico, que se nega a ler os artigos de Rui Barbosa sobre a política de guerra alemã, com receio infantil de ser convencido por ele.

Tal hipótese dialoga com o perfil traçado por Skidmore sobre os efeitos da I Guerra em grande parte de nossos intelectuais, influenciados pela “visão” francesa dos fatos. Segundo o pesquisador, escritores e críticos importantes, como Rui Barbosa, José Veríssimo, Mário de Alencar e Coelho Neto, afirmam que o Brasil deveria juntar-se aos aliados contra a barbárie alemã. Em 1915, os intelectuais “pró-aliados” fundam, então, a Liga Pelos Aliados, com o intuito de promover campanhas e mobilizar a população contra o “perigo alemão”. Os jornais e revistas mais populares seguem a mesma linha de pensamento, “a elite brasileira estava empapada da cultura francesa” (SKIDMORE, 1976, p.168). Os aliados encontram, entretanto, oposição num grupo isolado de intelectuais – Tobias Barreto, Oliveira Lima e Capistrano de Abreu – e, principalmente entre os líderes dos colonos alemães, que em maio de 1915 publicam, no jornal de língua alemã em São Paulo, um suplemento em português que rebate as histórias publicadas sobre as atrocidades alemãs.

Edgard Cavalheiro também ressalta que na redação do jornal *O Estado de São Paulo*, freqüentado pelo escritor, o “aliadofilismo” assume proporções gigantescas e, “amigo do contra”, Lobato começa a se dizer “germanófilo”. Na realidade, este não parece simpatizar com a Alemanha do Kaiser, mas se incomoda profundamente com a perseguição imposta à comunidade teuto-brasileira:

Nesses dias em que nosso nacionalismo vermelho estruge e muge, corcoveia e rabeia, e percorre a cidade em busca de inofensivas placas de firmas alemãs, só um Mark Twain, e com a mesma pena com que escreveu aquela história da caça ao elefante branco, poderia fixar o grotesco dos paspalhões que sem nada para ocultarem viviam à caça de espiões que nada tinham a espionar. (LOBATO apud CAVALHEIRO, 1962, p. 224)

Na carta seguinte, a política de oposição à propaganda dos aliados ainda é latente. Neste caso, porém, os argumentos empregados por Lobato assumem um tom radical.

A<sup>o</sup>. Salles<sup>46</sup>

Recebi carta, retrato, Guidinha e não respondi por vários motivos. 1<sup>o</sup> porque me aborreceu – perdoe a expressão – o tom malcriado da carta versus Alemanha. Não que eu tenha nada com a Alemanha, nem eram minhas aquelas palavras que te irritaram (eram do Neiva), mas pelo tom. Respondi com raiva, mas não mandei a carta, vendo que era tolice brigar por tão pouco. (...) Você, por exemplo, tem a visão apaixonada pela apresentação francesa dos fatos, vê a Alemanha através dos olhos gauleses e faz corpo com a obra política movimentada pela maquina de propaganda aliada. É uma contingência humana, e um direito teu. Já comigo dá-se o contrario. (...) Sou pró-Alemanha. Considero-o o único país civilizado, culto, decente, digno de viver. Aprovo incondicionalmente tudo o que a Alemanha fez, invasão da Bélgica, destruição da França, bombardeio de catedrais etc. Só lamento que o não fizesse em escala maior ainda, dando cabo de todos os povos latinos, inclusive o nosso, que é latino da África, à força de gás lacrimogêneo, gás de mostarda, gás do diabo. Tudo que não é alemão para mim traz o cunho duma marca inferior, e vice-versa. Como vê, partidarismo extremado, violento, injusto, cego – tal qual o teu. Não há, pois, entre nós, harmonia possível neste ponto, e não vale a pena perdermos tempo com esta politicagem.

Mas como ia dizendo, não mandei a carta, e fiz bem. Que tolice, esfriar relações por motivos de política internacional! (...)

Quanto ao livro do Dumur<sup>47</sup> – Nach Paris<sup>48</sup> não o lerei visto que é coisa do "outro lado". Reservo o tempo que perderia com ele para ler um sobre a bancarrota final da França que sairá nestes 10 anos, quando a Alemanha se reerguer da campanha que lhe fez o mundo. A tolinha está fiada nas indenizações, e vai ver como a Alemanha as paga. Rirá melhor quem rir-se por ultimo. Viva a Alemanha! Viva o gás lacrimogêneo!

Adeus, meu caro, e perdoe esta maluquice – não esquecendo que foi V. quem começou. (...)  
Deutschland über alles!

<sup>46</sup> Embora sem data, a missiva tem como contexto a Primeira Guerra Mundial, e alude ao romance de Louis Dumur, publicado ano de 1920. Supomos, com isso, que tenha sido escrita após esta data.

<sup>47</sup> Louis Dumur (Genebra, 1863 – Neuilly-sur-Seine, 1933), romancista suíço de expressão francesa.

<sup>48</sup> Romance de Louis Dumur (Paris, Payot, 1920. In-12, 359 p.), cuja tradução do título em alemão seria “Em direção a Paris!”.

M. Lobato

Ao contrário da missiva anterior, escrita a Rangel, a posição pró-Alemanha constrói-se com argumentos mais plausíveis. Em primeiro lugar, Lobato destaca a forte influência da propaganda dos aliados entre a população e descreve com características positivas a Alemanha (a riqueza de sua cultura, o caráter de sua população). Entretanto, a supremacia cultural do país é empregada também como justificativa, em seu ponto de vista, para os atos de guerra dos alemães, com os quais se diz plenamente de acordo. A partir daí, a postura de Lobato se investe da mesma passionalidade que critica em Salles, no início da missiva, e seu partidarismo assume certo extremismo, que se dá a ver nas sugestões chocantes apresentadas na carta. Além de uma postura eugênica, Lobato parece assumir também uma visão racista, já que desqualifica a miscigenação da raça brasileira (“latinos da África”).

Algumas vezes, a acusação de um partidarismo unidirecionado e a ênfase à índole do povo alemão são argumentos adotados, conforme ilustra Skidmore (1989), como forma de resistência aos pró-aliados. No caso dos imigrantes alemães, por exemplo, políticos dos estados do sul e líderes dos colonos insistem na distinção entre a política do império alemão e seu papel na guerra e a vida dos imigrantes no Brasil, e combatem extremismos, como o de Lobato ou de adeptos dos aliados, que suscitem qualquer tipo de violência – física ou verbal – contra alemães.

Mas Lobato não leva às vias de fato este confronto, e retorna a sua primeira posição, afirmando que não vale à pena se indispor com um amigo por motivos de política internacional. Disto, pode-se inferir que Lobato não é militante em seu germanismo, mas apenas o toma como uma forma de polemizar e radicalizar a questão. A querela entre os correspondentes representa, em certo sentido, no espaço micro da carta, o macro conflito entre Alemanha e França durante a guerra.

Referências à Alemanha por ocasião da Segunda Guerra Mundial também são visíveis em cartas endereçadas ao amigo Artur Coelho, como a abaixo transcrita:

1º de agosto de 1943/1944 (?)<sup>49</sup>

Coelho:

---

<sup>49</sup> Carta publicada in: LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. V. II, 1951. p. 131.

(...) A desgraça da guerra atual é matar muito pouca gente e destruir muita “coisa feita”. A coisa feita é que constitui a riqueza do mundo, como obra do aturado trabalho de gerações. Destruir isso é o maior dos crimes imagináveis – ao passo que destruir gente é apenas sangria aliviadora do grande mal que é o excesso de gente. (...)

O crime de Hitler, para mim, é esse: destruir *coisas* feitas em vez de matar gente, como o Kaiser. O número de franceses que morreram na guerra atual é grotescamente insignificante – e o que houve de destruição foi tremendo. Já na guerra anterior a França se beneficiou com a eliminação duns 3 milhões de franceses, isto é 1/10 da população total. Daí o automático enriquecimento da França de após-guerra.

Minha esperança esta na guerra química. Fatalmente há de haver alguns terríveis gases novos que venham salvar a situação. Porque, meu caro Coelho, se nesta guerra não morrerem de 30 a 40 milhões de homens, a bancarrota do mundo será inevitável e a miséria excederá à da China e alcançará até os States. Escreva o que estou dizendo.<sup>50</sup>

Lobato.

Nesta, o sarcasmo de suas palavras sugere a profunda desilusão do autor face ao homem e às conseqüências nefastas do seu progresso. Ao longo da missiva, pode-se perceber a afinidade de Lobato com ideologias em discussão no período, como a Eugenia, que ele defende como sendo a solução para as questões econômico-sociais. A mortandade resultante da guerra seria uma saída para mitigar o descompasso entre excesso populacional e riquezas produzidas. Nesta linha de pensamento, Hitler seria culpado pela destruição material e não pela morte da população.

Essas idéias provocadoras que Lobato dissemina na carta, mas não aprofunda, são o pano-de-fundo da obra *A chave do Tamanho*, de 1942. Nesta, Emília, tentando findar a Guerra, viaja até a “casa das Chaves” e, ao invés de mudar a chave da guerra, altera a chave do tamanho. Em conseqüência, todas as criaturas reduzem de tamanho e passam a sobreviver segundo as leis da natureza. Assim, há uma grande mortandade na narrativa, já que só sobrevivem aqueles que se adaptam com maior presteza à nova condição. Esse

<sup>50</sup> LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*. II Tomo. P. 131.

genocídio, no entanto, não causa maiores dramas de consciência na boneca, que se expressa em termos semelhantes aos do seu criador na carta acima:

– O mundo já andava muito cheio de gente. A verdadeira causa das guerras estava nisso – gente demais, como D. Benta vivia dizendo. O que eu fiz foi uma limpeza. Aliviei o mundo. A vida vai começar de novo – e muito mais interessante. (...)

– Pense bem, Visconde. A tal “civilização clássica” estava chegando ao fim. Os homens não viam outra solução além da guerra – isto é, matar, matar, matar, destruir todas as coisas criadas pela própria civilização – as cidades, as fábricas, os navios, tudo. (P.44-45)<sup>51</sup>

Mas esta perspectiva negativa face ao “progresso” das sociedades industriais coexiste, na história, com uma nova utopia: o narrador se entusiasma com a “nova” civilização que está sendo construída em terras americanas, na cidade de Pail City. Na vida real, no entanto, tal desengano pode ser resultado de sucessivas perdas: a morte dos filhos Guilherme e Edgard, a liquidação das companhias de petróleo, a prisão e crises financeira<sup>52</sup>. Para Artur Neves, amigo e correspondente de Lobato, “a fase mais trágica da vida de Monteiro Lobato é a que vai de 1941 a 1945 (...) mas o que mais torturou o escritor nesses anos foi, sem dúvida, a asfixiante atmosfera criada pelo Estado Novo<sup>53</sup>”.

A guerra é um tema bastante abordado por Lobato. Em seu trabalho, Gouvêa (2003 apud VALENTE, 2004, p.25) faz uma busca do tema pela obra do escritor, destacando referências feitas desde a Guerra do Paraguai e a Revolução Constituinte de 1932, no Brasil, até os principais conflitos internacionais: Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Entre suas publicações, destacam-se artigos como “A Hostefagia”, “Veteranos do Paraguai”, “Uruguaiana”, “O pai da guerra” e “O espião alemão”. Além dos textos para adultos, o assunto é discutido também em algumas obras infantis, como *História do Mundo*

<sup>51</sup> LOBATO, Monteiro. *A chave do Tamanho*.

<sup>52</sup> Segundo Lajolo, apesar de todo seu dinamismo, o escritor sai da prisão como outro homem, desencantado e amargurado; e, na década de 40, Lobato sobrevive principalmente de direitos autorais e traduções. (Lajolo, 200º, p.70-74)

<sup>53</sup> Apud AZEVEDO et al, 2000, P. 187.

*para crianças* (1933), *Geografia de Dona Benta* (1935), *A reforma da Natureza* (1941) e *A chave do Tamanho* (1942).

Se em alguns casos, como nas missivas acima analisadas, Lobato assume uma postura extremista, enaltecendo a matança de pessoas, em outros, ao contrário, entende a guerra como um mal sem cura:

A guerra constitui o grande mal, a cruel avariose que torturou, tortura e há de torturar toda a humanidade. É mal sem remédio, porque a guerra tira dos seus próprios efeitos extremos, vitória e derrota, o estímulo que mantém vívida a mentalidade guerreira.

A apoteose dos heróis, a apresentação estética de todos os crimes, o embelezamento sistemático da carnicaria, o exaltamento das virtudes guerreiras, revigoram, na vitória, a mentalidade bélica enfraquecida dos anos de paz. Na derrota, o sofrimento injusto, a espoliação do inocente, a insolência da pata invasora, criam o ódio mortal e põe em todas as almas uma idéia suprema de vingança. (...)

No caso recente da Grande Guerra: quem a acendeu? O Estado: – o Estado alemão, O Estado inglês, o Estado Francês, o Estado russo. Mas quem lhe sofreu os horrores inenarráveis? Os povos respectivos. (...) Para quem é coração guerra é dor<sup>54</sup>. (p.53)

Referências à política de guerra alemã adquirem também outro sentido no artigo intitulado “Que fazer da Alemanha depois da guerra?”, resultado de uma entrevista concedida ao *Jornal Folha da Noite*<sup>55</sup>. Neste, Lobato enfatiza a necessidade de combater atos de violência, como os crimes cometidos pelos alemães durante as guerras, com educação.

Da violência só sai violência. Contra uma grande nação dementada pelo “delírio do poder”, o mundo se juntou de 1914 a 1918 e dominou a Alemanha depois de horrorosa hecatombe. Mas, inebriados pelo “delírio da vitória”, os

---

<sup>54</sup> LOBATO, Monteiro. O pai da guerra. In: \_\_\_\_\_. *A onda verde*, 1951.

<sup>55</sup> Reportagem sem data. In: LOBATO, M. *Prefácios e entrevistas*, p.301.

vencedores lançaram mão do único remédio que jamais curou coisa alguma: violência... (...)

Em vez da brutalidade da ocupação militar, a generosa ocupação das escolas. (...) O homem civilizado é um puro e simples produto da educação. Só a educação amansa, socializa e internacionaliza. O povo germânico é a mais alta expressão de eficiência e capacidade mental. Para torna-se um povo *primus inter pares* precisa só de uma coisa: educar-se no alto sentido internacional. E se o mundo não educar a Alemanha agora, depois de vencida pela segunda vez, se reincidir no erro de mais uma vez aplicar-lhe o estúpido remédio da violência, só conseguirá uma coisa: gestar em vinte ou cinquenta anos a Terceira Guerra Mundial – e nessa talvez o mundo seja derrotado<sup>56</sup>. (P.301)

Nesse contexto, entre as volúveis opiniões lobatianas sobre os efeitos da política de guerra alemã, a discussão sobre racismo e eugenia em Lobato parece dialogar não só com as posturas extremistas assumidas por Lobato, mas também com a questão da qualidade étnica do povo brasileiro, que descrita e bastante adjetivada, atinge os diferentes setores da sociedade (literatos, políticos, cientistas e pesquisadores estrangeiros), e é entendida como uma das principais causas para o atraso da nação, entre o fim do século XIX e início do XX.

As teorias raciais (evolucionismo racial, positivismo, naturalismo e social darwinismo) que alcançam significativo sucesso na Europa chegam tardiamente ao Brasil, mas são acolhidas com entusiasmo, sendo difundidas a partir de 1870. Os anos 70, por sua vez, são um marco na história do Brasil, uma vez que representam, com o fim da escravidão, a entrada de um novo ideário político e econômico no país. Ao lado do crescimento e fortalecimento de centros de ensino (museus etnográficos, faculdade de direito e medicina, institutos históricos e geográficos), são visíveis mudanças como o processo de urbanização, o movimento migratório para as cidades e a alteração do regime de trabalho, a ascendência do café brasileiro no mercado mundial e a configuração de novas elites que colocam em risco os interesses de autoridades tradicionais. Neste momento, as teorias raciais se apresentam, segundo Lilia Schwarcz, como um modelo teórico viável para estabelecer e justificar as diferenças internas: “o problema racial é, portanto, a linguagem

---

<sup>56</sup> Idem. *Prefácios e entrevistas*, 1951.

pela qual se torna possível apreender as desigualdades observadas, ou mesmo uma certa singularidade nacional.” (SCHWARCZ, 1995, p.239).

Mas a adoção dessas teorias não acontece de maneira imediata. Se de um lado tais teorias justificam cientificamente organizações hierárquicas, de outro, com a interpretação pessimista da mestiçagem, inviabilizam um projeto nacional que acaba de nascer. Em vez de absorção passiva ou repetição, o que se vê é um esforço de adaptação – e mesmo de negação de princípios que condenam o cruzamento racial –, ao cenário brasileiro já miscigenado:

É na brecha desse paradoxo – no qual reside a contradição entre a aceitação da existência de diferenças humanas inatas e o elogio do cruzamento – que se acha uma saída original encontrada por esses homens de ciência, que acomodaram modelos cujas decorrências teóricas eram originalmente diversas. Do darwinismo social adotou-se o suposto da diferença entre raças e sua natural hierarquia, sem que se problematisassem as implicações negativas da miscigenação. Das máximas do evolucionismo social sublinhou-se a noção de que as raças humanas não permaneciam estacionadas, mas em constante evolução e “aperfeiçoamento”, obliterando-se a idéia de que a humanidade era uma. Buscavam-se, portanto, em teorias formalmente excludentes, usos e decorrências inusitados e paralelos, transformando modelos de difícil aceitação local em teorias de sucesso.” (SCHWARCZ, 1995, p.18)

A reação dos intelectuais frente à questão racial também não é uniforme. Para Thomas Skidmore há três grupos distintos: o primeiro acredita que o estigma da mestiçagem é um exagero e que o Brasil progredi admiravelmente; o segundo admite o peso da questão e tenta compreender a relação entre a identidade nacional e o problema racial. Nesse caso, as teorias deterministas, tidas como corretas, exercem grande influência, mas, acredita-se também na possibilidade de cura para o Brasil. Já o terceiro grupo, minoria, nega e contesta as presunções racistas em voga.

Os nomes de Euclides da Cunha e Manoel Bonfim são bastante representativos, nesse sentido. A teoria euclidiana impressa em *Os Sertões*, segundo Skidmore, repete a condenação do sangue mestiço corrente nos escritos de sociólogos europeus como

Gumplowicz e Lapouge – “a mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial (...) a mestiçagem extremada é um retrocesso<sup>57</sup>.” – e ilustra a mentalidade da grande maioria da elite brasileira. Bonfim, ao contrário, rejeita todas as teorias deterministas empregadas para explicar a condição do Brasil e para justificar o pessimismo no futuro da nação. Embora não hesite em assumir o atraso econômico dos países latinos, inclusive o Brasil, rebate as inconsistências lógicas da doutrina racista. Para provar as características positivas do mestiço, Manoel Bonfim recorre ao trabalho de outros cientistas – Zabrowski, Waitz – divulgadores de novas tendências da antropologia na refutação do “racismo científico”. Nos rumos desse debate, destacam-se nomes como o de Silvio Romero, Graça Aranha, Nina Rodrigues, Alberto Torres, Araripe Júnior e José Veríssimo.

Em seu trabalho, Tania de Luca investiga a representação das teorias raciais entre os intelectuais colaboradores da *Revista do Brasil*<sup>58</sup>. Os anos abarcados pela pesquisadora (1916-1930), embora não apresentem opiniões ortodoxas, como as de Euclides da Cunha, demonstram que a intelectualidade presente no periódico é gerada e nutrida em teorias deterministas, seja de cunho racial, climático ou cultural. Neste caso, porém, as abordagens sofrem alterações e é possível observar, além da consagração de uma leitura positiva da mestiçagem, a emergência de uma interpretação baseada em princípios higiênicos e eugênicos.

A revista acolheu em suas páginas lamentos a respeito de uma inferioridade inerente; discursos esperançosos quanto às possibilidades de um breve branqueamento; sonhos embalados pelo ideal de revalorização higiênico-sanitário do homem brasileiro e sombrias propostas eugênicas. A enumeração sugere uma distinção que de fato não existia; essas apreensões mesclavam-se ao sabor das circunstâncias, não raro no mesmo autor, gerando um entrelaçamento nem sempre fácil de ser apreendido. (LUCA, 1999, p.186)

<sup>57</sup> Cunha, Euclides da. Rebellion. In: The Backlands, p.84-85 apud SKIDMORE, 1989, p. 124.

<sup>58</sup> A *Revista do Brasil*, periódico adquirido por Monteiro Lobato em 1918, desfruta de considerável prestígio desde sua criação, em janeiro de 1916. Sob a direção de Lobato, entretanto, torna-se, segundo Enio Passiani, o periódico mais importante do meio intelectual e literário na década de 1920. Como colaboradores, a revista reúne figuras de significativa expressão nos meios acadêmicos e artísticos, e que utilizam o próprio veículo como porta-voz de suas idéias. Mas apesar da diversidade de autores há, entre quase todos, a proposta de eleger o Brasil como tema central de discussão e reflexão. Neste sentido, a configuração étnica do país, a identidade nacional, a campanha sanitária são questões que alcançam grande projeção nas páginas da revista.

Na revista, a visão depreciativa do cruzamento de raças vai cedendo lugar a uma interpretação que vê na mistura um fator positivo. Acredita-se na predominância *natural* da raça branca. Depois de algum tempo, a população brasileira deixaria de ser mestiça e chegaria à desejada “coloração progressiva de ariano de boas origens<sup>59</sup>”. Um dos maiores representantes da tese do branqueamento na década de 1920 é Oliveira Viana<sup>60</sup>.

Mais tarde, numa nova conjuntura<sup>61</sup>, a questão sanitária ganha especial relevo. A *Revista do Brasil* publica abundante material sobre as epidemias e as péssimas condições higiênico-sanitárias da população rural brasileira. Entre ensaios inéditos e a transcrição de artigos de médicos, intelectuais e higienistas – nomes como Artur Neiva, Renato Kehl, Belisário Penna, Roquette Pinto e Oswaldo Cruz –, sobressai-se, segundo Tania, um amplo material de caráter didático, em que são descritos para o leitor informações sobre cada doença: sintomas, formas de contágio, estratégias de combate e prevenção.

Monteiro Lobato engrossa o coro das campanhas higienistas lideradas por Miguel Pereira, Belisário Penna e Artur Neiva, com artigos publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, ao longo de 1918. Além de certa notoriedade, que o próprio escritor admite ter alcançado em carta ao amigo e correspondente Godofredo Rangel – “a mim favoreceu muito aquela campanha pró-saneamento que fiz no Estado. Popularizou a marca Monteiro Lobato; o público imagina-me um médico sabidíssimo (...)”<sup>62</sup> – as crônicas escritas justificam o *status* de ciência que passa a ser atribuído aos textos lobatianos e à própria figura de Monteiro Lobato e, numa nova perspectiva, também redime a figura do Jeca.

Um dos mais conhecidos personagens de Monteiro Lobato – Jeca Tatu – ilustra a mudança de conceito quanto à condição do homem rural. Enquanto mestiço, pobre e

<sup>59</sup> RIBEIRO, J. *Branços de toda cor*. RBR, v.24, n.96, p.378, dez.1923 apud LUCA, 1999.

<sup>60</sup> A relação entre Lobato e Oliveira Viana será examinada no segundo capítulo: “De Hans Staden a Monteiro Lobato”.

<sup>61</sup> Segundo Tania de Luca, a eclosão da I Guerra Mundial altera o mercado de trabalho internacional, tornando escassa a mão-de-obra barata fornecida pela Europa. Também neste momento, graças aos trabalhos de Pasteur e Koch, é possível, com o avanço da medicina preventiva, a higiene e a profilaxia, combater as doenças infecciosas que assolam a população brasileira, sobretudo no interior do país. De uma interpretação racial dos problemas sociais passa-se a uma interpretação sanitária. In: LUCA, Tânia. *A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação*. 1999, P.204.

<sup>62</sup> LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. II Tomo, 1951, p.173 Carta de 8/7/1918

ignorante, a figura do Jeca representa, de certa forma, a condição vivenciada pela maioria da população brasileira, condenada por fatores intrínsecos, peculiares às raças inferiores. Em *O Problema Vital*<sup>63</sup>, no entanto, o personagem deixa de ser resultado de uma formação híbrida para transformar-se em produto das doenças epidêmicas que devastam o país. A emblemática frase “O Jeca não é assim, está assim” simboliza a autocrítica lobatiana em relação à condição anteriormente imposta ao personagem e dá ao Jeca e, por extensão, à questão racial, uma nova dimensão, baseada numa interpretação sanitária.

O tratamento das questões de saneamento e higiene se estende por todo o período em que Monteiro Lobato permanece à frente da *Revista do Brasil*. O significativo aumento do número de leitores e a ampliação da circulação da revista –estratégias propostas por Lobato na ampliação do mercado livreiro – proporcionam o alargamento das discussões sobre ciência. Porém, mesmo com tal ampliação, os estudos publicados parecem ficar restritos ao público-alvo da revista, composto basicamente de intelectuais e outros membros da elite brasileira. Embora não devamos desconsiderar o número de leitores do periódico, é válido ressaltar que, nesse caso, a linguagem é uma arma fundamental para que o grande público da revista compreenda as causas e a profilaxia das doenças, para lutar em prol de melhores condições de saneamento, higiene e saúde pública.

Há, nesse contexto, um texto que alcança grande repercussão: Jeca-Tatuzinho. História destinada ao público infantil, publicada também na *Revista do Brasil*. O texto é saudado pela revista como um

---

<sup>63</sup> O conjunto das crônicas publicadas por Monteiro Lobato no ano de 1918 n’*O Estado de São Paulo* é, meses mais tarde, reunido em livro, por iniciativa da Sociedade Eugênica de São Paulo e da Liga Pró-Saneamento do Brasil, com o título de *Problema Vital*. São em número de 14 as crônicas que, em um tom panfletário, buscam alertar a opinião pública para o depauperamento físico, moral e material do homem rural brasileiro, infectado por inúmeras doenças.

A leitura das crônicas em sua fonte original de publicação, as folhas do jornal *O Estado*, permite entendê-las em dois blocos, constituídos não somente pelas datas de publicação, mas também por um fio condutor semelhante. O primeiro conjunto, composto de 6 crônicas, foi publicado em dias seqüenciais, entre 18 e 23 de março de 1918. Nestas crônicas, Lobato pinta o quadro das endemias que assolam o interior do país e anuncia a ação higienista como cura e profilaxia destas. O segundo bloco é constituído por 8 textos, escritos entre 05 de abril e 03 de junho, nos quais o escritor tenta persuadir o público dos benefícios sociais e econômicos que o saneamento rigoroso do país pode proporcionar; além disso, determina as ações a serem seguidas e, com extremo sarcasmo, denuncia o descaso de intelectuais e homens públicos pelo que ele acredita ser o “problema vital” do Brasil. A mudança de suporte em que as crônicas são publicadas traz alterações significativas para a leitura dos textos. De fato, tal mudança é já uma releitura do próprio autor sobre sua produção. No caso de Lobato, isto é patente pelas modificações observadas quando da publicação das crônicas em livro: supressão e/ou acréscimo de vocábulos, inversão de frases, alteração de dados e nomes, subdivisão de parágrafos, são algumas das alterações feitas pelo autor.

(...) poderoso fator no combate à ancilostomíase... Não é a lição encomendada, que caceteia. É uma história de trama simples e que, contada por quem tem dom da narrativa fluente e pitoresca, assume inusitado interesse... Criança que o leia, ri e aprende uma série de noções úteis, que hão de servir muito para sua defesa individual contra as lavras que infestam o solo. Lido e relido por todas as crianças do país e aprendendo cada qual a evitar o terrível flagelo, que bela ressurreição se operaria em nosso país! Quanto ao trabalho gráfico, nada se pode argüir. Há a acrescentar, porém, que a história é ilustrada por uma série de quadros muito expressivos, nas quais se excedeu a arte de Kurt Wiese, perito em bonecos para crianças<sup>64</sup>.

A sociedade entre Lobato e Fontoura, que utiliza o protagonista da história lobatiana em sua propaganda do Biotônico (e demais produtos do laboratório contra verminoses), atinge os recantos mais distantes do país sob o nome de “Almanaque Fontoura”. Se, para Fontoura, Jeca-Tatuzinho torna-se o ícone publicitário do *Almanaque*, para Lobato, a parceria consolida, efetivamente, a divulgação de suas idéias científicas.

As discussões sobre o conceito de saúde, entretanto, se estendem para além da desinfecção. Segundo Tania de Luca, em nome dos preceitos higienistas, as condições e regras impostas à população com o intuito de reeducá-los (vacinação obrigatória, higienização das casas, cuidados com os filhos, modificações na rotina da dona de casa e no preparo das refeições), misturam-se, muitas vezes, às propostas, não menos intervencionistas, provenientes da eugenia. No período abordado na revista, higiene e eugenia são freqüentemente interpretadas como ciências próximas, que compartilham objetivos muito semelhantes:

A primeira insistia na erradicação das pestilências, das doenças infecto-contagiosas e nos benéficos da boa alimentação, da abstinência de toxinas, da vida ao ar livre, da adoção de hábitos higiênicos; já a segunda, com base nos conhecimentos acumulados a respeito da reprodução humana,

---

<sup>64</sup> Resenha de “Jeca – Tatuzinho, de Monteiro Lobato”. In *Revista do Brasil*, v. 27, n.109, p. 68-69, jan. 1925.

aperfeiçoar física e moralmente a espécie”. (LUCA, 1999, p. 223)

Numa concepção, a princípio bastante ampla, o médico paulista Renato Kehl, considerado introdutor da ciência de Galton<sup>65</sup> no Brasil, afirma que “instruir é eugenizar, sanear é eugenizar<sup>66</sup>”, estabelecendo relação entre a saúde pública e os efeitos no nível da hereditariedade. Essa idéia é, no final da década de 1910, compartilhada entre parte da intelectualidade brasileira. Prova disso é o número de sócios que aderem à Sociedade Eugênica de São Paulo (140 sócios), membros também da Liga Pró-Saneamento.

Nos discursos eugenistas e higienistas, mesclam-se propostas relativas à educação, à difusão de hábitos higiênicos, à prática de esporte e, sobretudo, à saúde pública. Assim, uma das tarefas primordiais consiste em alertar a população contra os efeitos maléficos das bebidas alcoólicas, drogas, doenças venéreas e infecciosas, considerados “venenos raciais e sociais”. Ambos reclamam ainda uma ação decisiva do Estado, incapaz, muitas vezes, de adotar as medidas necessárias para recuperação da população.

As doenças e demais degenerações comprometeriam não só a existência dos indivíduos (sem saúde e, conseqüentemente, inaptos para o trabalho), mas também sua descendência, produzindo indivíduos incapazes de procriar. Nessa perspectiva, as propostas eugênicas cumprem metas diversas: enquanto ciência, visam à produção de “nascimentos desejáveis e controláveis”, com base nas leis da hereditariedade; enquanto movimento social, preocupam-se em impedir uniões nocivas à sociedade. E, apesar de aparentemente afinadas com princípios curativos, estão fundamentadas numa política discriminatória e excludente, que reintroduz a noção de raça superior e inferior.

As fronteiras entre higiene e eugenia tornam-se mais claras no final da década de 1920. Embora não anunciado na *Revista do Brasil*, a partir de 1926, o discurso eugênico abandona sua postura inicial, de cunho curativo, para estabelecer, sob um viés racista, a

---

<sup>65</sup> O termo eugenia é criado pelo cientista britânico Francis Galton. Em 1869, Galton publica o texto fundador da ciência eugênica – *Hereditary genius* – em que busca provar, a partir de métodos estatísticos e genealógicos, que a capacidade humana é função da hereditariedade. Assim as restrições sobre vícios e casamentos inter-raciais visam “um maior equilíbrio genético e um aprimoramento das populações”, e “a identificação precisa das características físicas de grupos sociais indesejáveis.” In: SCHWARCZ, 1995, p. 60-61.

<sup>66</sup> KEHL, Renato. O que é eugenia. RBR, v.9, n.35, p.300-1, nov. 1918 apud LUCA, 1999. P.224.

prevenção (métodos como a esterilização, isolamento de doentes mentais e diversas proibições) como objetivo principal. Nos anos 30 a polêmica continua. Mas, ainda que como uma ideologia não oficial do Estado – já que não é possível negar o papel da eugenia na definição da política pública de Vargas –, cresce a interpretação de que o Brasil é um país racial e culturalmente miscigenado. A obra de Gilberto Freire muito contribui para que as “raças” – europeia, africana e indígena – sejam vistas como igualmente valiosas, e que a herança africana, principalmente entre a elite branca, passe a ser considerada positiva.

A análise, ainda que superficial, da representação da questão racial para a formação da identidade nacional deixa patente, por um lado, a centralidade do tema para o período, que sob diferentes perspectivas, aborda o paradigma racial e toda a complexidade de que está revestido, e, por outro, evidencia entre a intelectualidade brasileira uma forte ascendência racista, que ora admite a desigualdade hierárquica entre os seres humanos, ora acredita num futuro ‘branco’ para o país. É, portanto, a partir desse viés que procuramos, além de identificar, contextualizar determinadas posturas raciais (e radicais) assumidas por Lobato.

Uma terceira abordagem do Jeca, no entanto, trata o problema do caboclo por um viés totalmente distinto das abordagens anteriores: a reforma agrária. Em 1947, o autor publica uma breve história intitulada “Zé Brasil”, pela Editorial Vitória, ligada ao partido comunista brasileiro. Embora batizado com um novo nome – Zé Brasil – o caboclo é apresentado na mesma situação trágica em que Lobato o representara pela primeira vez, em 1914, n’*O Estado de S.Paulo*. “Zé Brasil era um pobre coitado. Nasceu e sempre viveu em casebres de sapé e barro, desses de chão batido e sem mobília nenhuma – só a mesa encardida, o banco duro, o mocho de tres pernas, uns caixões, as cuias... Nem cama tinha.” (“Zé Brasil”, p.177). A situação do personagem ilustra o drama dos trabalhadores rurais que, sem terra, são obrigados a trabalhar em propriedades alheias e vêem-se, muitas vezes, desapropriados da parte que lhes cabe do cultivo ou são ainda expulsos da terra. Zé Brasil, no entanto, se conscientiza das razões de sua pobreza e acredita que a reforma agrária é a solução para o problema – “(...) fazer que todos os que trabalham na terra sejam donos de um sitio de bom tamanho, onde vivam felizes, plantando muitas arvores, melhorando benfeitorias.” (Idem, p.182).

*Zé Brasil* é publicado num momento em que o Partido Comunista, considerado ilegal, sofre grande perseguição, e Lobato lança este conto em defesa “da liberdade e do direito de pensamento”, argumentando em favor das idéias do Partido e de Luís Carlos Prestes. Tão logo chegam ao mercado, os “livretes” são apreendidos e proibidos. Mas a censura que a história sofre só aumenta sua popularidade, surgindo, inclusive, edições clandestinas do texto. A reação de Lobato é a de dever cumprido: “Meu amigo – responde ao primeiro repórter que o procura – para um escritor nada melhor do que as iras da Polícia, do que o veto da Igreja, do que a condenação dos pseudomoralistas. Possuo uma experiência significativa.” (CAVALHEIRO, 1962, p.242).

Muito embora Monteiro Lobato não tenha se filiado ao PCB, é para as causas do partido que convergem todas as suas simpatias. Em 15 de julho de 1945, no estádio do Pacaembu, Lobato faz uma saudação pública a Prestes. Três anos mais tarde, em 1948, envia um texto – *O rei vesgo* – para ser lido no comício de protesto pela cassação dos parlamentares do Partido Comunista, e segundo Lajolo (2000) , é “no bojo desse realinhamento ideológico que a figura do caipira ressurgiu pela terceira e última vez na obra de Monteiro Lobato.” (p.80-81)

Estes três momentos da produção literária de Lobato, aqui brevemente apresentados, delineiam, mais uma vez, três momentos da consciência do autor frente a um mesmo problema. “Se suas primeiras baterias se assentam com intolerância patronal frente ao camponês, se esta intolerância é substituída pela solução paternalista para um problema de saúde pública, o texto final – o de *Zé Brasil* – aponta para uma análise da infra-estrutura, isto é, das condições de produção e das relações sociais por ela instauradas no Brasil de Lobato<sup>67</sup>.”

Nesta nova postura lobatiana frente ao problema do Jeca, bem como em sua manifesta simpatia pelas ideologias do Partido Comunista, fica implícita sua não aderência ao nazi-fascismo e, por extensão, à concepção eugênica deste partido.

Intentou-se, aqui, por meio desse esboço do cenário político-ideológico brasileiro em que se inserem os diferentes discursos lobatianos, demonstrar a importância de se

---

<sup>67</sup> LAJOLO, Marisa. Jeca Tatu em três tempos. In: SCHWARZ, R. *Os pobres na literatura brasileira*. 1983. P. 103.

considerar, de modo mais amplo e contextualizado, as questões sobre o racismo e a eugenia no bojo da obra de Lobato, de modo a evitar conclusões maniqueístas e superficiais sobre a postura ideológica do autor, como se vê em outros trabalhos.

O trabalho da pesquisadora Paula Habib<sup>68</sup> aborda os discursos racistas e eugênicos na produção adulta e infantil de Lobato. No primeiro caso, além de considerar as diversas definições raciais suscitadas através da figura do Jeca Tatu, Paula toma como objeto principal de análise o romance *O Choque das Raças*<sup>69</sup>, considerado pela estudiosa “um manual extremamente didático de como essas teorias deveriam ser aplicadas por um governo autoritário com o propósito de formar homens eugenicamente perfeitos” (HABIB, 2003, p.19); em seguida, a leitura eugenista orienta a interpretação da obra infantil *O sítio do Picapau amarelo*, na qual se nota “o caráter velado e pedagógico do racismo que, com o objetivo de educar e divertir as crianças, forma cidadãos que crescem aceitando hierarquizações, regras e conceitos impostos pela sociedade.” (Idem)

Além dos textos lobatianos, Habib considera ainda a relação do escritor com integrantes da Sociedade Eugênica e da Liga Pró-saneamento para fundamentar a dimensão do discurso racial em Lobato. Sem desconsiderar o importante trabalho da pesquisadora, é importante destacar, conforme já dito anteriormente, que a questão racial em Lobato não se esgota unicamente na identificação desses discursos. Convém também considerar o embate em torno na questão étnica antes e depois de Lobato.

Embora mediada, algumas vezes, pelas palavras do tio, pelas traduções francesas, ou mesmo pela propaganda política dos partidos aliados, é possível observarmos nas cartas analisadas a representação da Alemanha e de sua cultura (língua, obras, autores, povo etc.) para Lobato. Outras cartas revelam o lado oposto desta relação, descrevendo o interesse de pesquisadores na tradução e divulgação da obra lobatiana entre o público alemão. De igual valor são as traduções da obra do escritor em alemão. Nesse caso, encontramos três contos de Lobato por diferentes tradutores (Clemens Brandenburger e Gerda Theile-Bruhns) e em

---

<sup>68</sup> HABIB, Paula A. B. B. *Eis o mundo Encantado que Monteiro Lobato criou: Raça, Eugênia, Nação*. 2003.

<sup>69</sup> O romance *O choque das Raças* ou *O presidente negro*, publicado em folhetim no jornal carioca A Manhã, no ano de 1926, tem sido de fato pouco estudado pelos estudiosos de Lobato. Talvez pelo fato de pregar um discurso racista e ainda anunciar, segundo Enui Passiani, o declínio de Lobato no cenário literário. No que se refere à temática, pode-se dizer que embora a questão racial continue em voga no ano de sua publicação, é crescente o número de intelectuais que propõe uma abordagem anti-racista ou de branqueamento para a discussão e, neste sentido, o texto lobatiano não encontra repercussão.

momentos distintos (1917,1932 e 1956). A publicação de alguns desses contos no Brasil nos leva a considerar, ainda que de maneira sucinta, a história da colonização alemã no país.

### 1.3 Lobato para os alemães.

As cartas de tradutores alemães interessados na obra de Monteiro Lobato são endereçadas à família do escritor, após a sua morte, entre os anos de 1949 e 1959. Na sua maioria, são escritas por alemães com residência no Brasil e solicitam a autorização dos herdeiros para tradução e publicação da obra, como forma de difundir, na Alemanha e em outros países, a literatura latino-americana.

Os remetentes são Franz L. Ianda, H.Stern, Gutterm Hanssen, Ulrich Gogarten e Albert Theile<sup>70</sup>. O contato com a família de Lobato é, na maioria das vezes, intermediado pela editora responsável pela publicação de seus títulos. No entanto, a esposa do escritor, Purezinha Lobato, responde pelas autorizações solicitadas nas cartas.

A primeira carta<sup>71</sup> é endereçada a viúva do escritor, Purezinha:

São Paulo, 22 de Outubro de 1949.

Prezada Senhora,

Sirvo-me da presente para levar ao seu conhecimento que pretendo traduzir para a língua alemã os seguintes contos da autoria de Monteiro Lobato

Colcha de Retalhos

Bocatorta,

traduções estas que se destinam a serem publicadas em uma revista literária na Alemanha, sendo que posteriormente deverão ser publicadas em um livro, junto com outros contos brasileiros. Peço, portanto, gentilmente conceber-me a sua autorização para estes traduções, sendo que devo ainda

---

<sup>70</sup> Com relação à localização, data e identificação dos remetentes dessas missivas ver Tabela II, em anexo. Ainda não conseguimos identificar ao certo assinatura de um deles, autor da missiva de fevereiro de 54.

<sup>71</sup>Com relação à transcrição das cartas, ver nota 1. Para a análise das missivas, ordenamo-as cronologicamente.

salientar que nenhum lucro financeiro me provirá destes trabalhos, pois trata-se inicialmente duma tentativa para divulgar a literatura brasileira na Alemanha.

Certo de que V.S. atenderá a este meu pedido, agradeço antecipadamente a sua gentileza e firmo-me atenciosamente

Franz L. Ianda

A proposta de publicação em periódicos e, posteriormente, a organização de uma coletânea de contos de autores brasileiros é visível também em outras cartas. O mesmo se aplica à questão dos direitos autorais, já que, na maior parte dos casos, os tradutores não têm definido o modo ou o local de edição dessas traduções.

A carta abaixo do tradutor H. Stern, no entanto, embora não esclareça de imediato o editor responsável pela publicação, faz menção aos valores necessários para efetivar a tradução e divulgar os contos de Lobato na Suíça ou na Alemanha.

Rio de Janeiro, 25 de Agosto de 51.  
Rua Alice, 308 (Laranjeiras).

À  
Editora Brasiliense,  
Por especial obséquio do  
Exmo. Sr. Paulo Prado,  
São Paulo

Prezado Senhor,

Com esta venho pedir-lhe a autorização de traduzir para o alemão e de publicar, na Suíça ou Alemanha, os contos “O drama da geada” e “A colcha de retalhos” de Monteiro Lobato.

Sendo filólogo e escritor alemão, desde há onze anos no Brasil, tenho trazido contos de diversos escritores, e agora mostra-se a possibilidade de publicar um ou outro. É mister a autorização antes do oferecimento das obras a jornais e revistas. Já obtive esta quanto a Humberto de Campos e Graciliano Ramos.

As referidas traduções são examinadas por peritos brasileiros e alemães que nos deram seu aplauso.

No caso de seu consentimento, peço-lhes, também, se manifestar a respeito da remuneração exigida.

Com toda a estima e consideração

H. Stern

Ainda não foi possível identificar, no acervo dos escritores Humberto de Campos e Graciliano Ramos, dados concretos sobre a figura do H. Stern. Entretanto, a menção a tais nomes parece oferecer maior respaldo à iniciativa de Stern em traduzir para o alemão também a obra de Lobato.

A materialidade da missiva de H. Stern (ver Fig. V) revela ainda dados interessantes para a análise da mesma. O primeiro deles refere-se à preocupação do remetente com a língua portuguesa, diante das correções feitas no texto. O segundo, e talvez mais significativo, confirma o papel mediador assumido pela editora no processo de negociação entre a família e os tradutores interessados na obra lobatiana. Conforme ilustra a figura abaixo, a carta endereçada primeiramente à Editora Brasiliense é encaminhada a Purezinha Lobato.

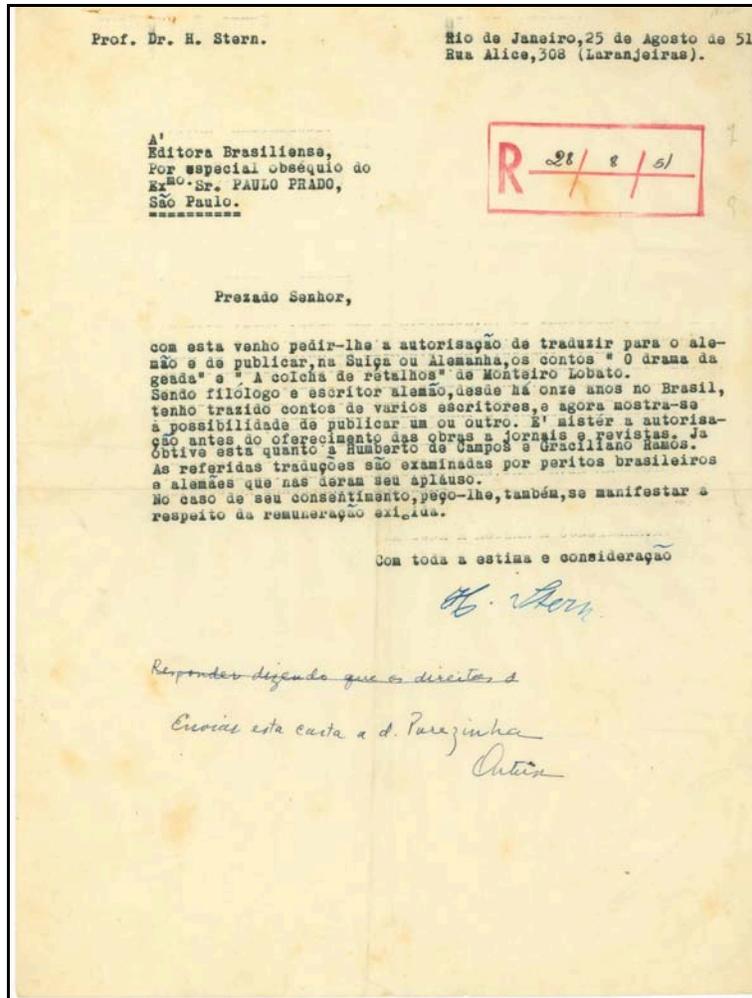


Fig. V - Carta de H. Stern, em 25 de agosto de 1951. (Acervo Cedae/ BL-ms00039)

Alguns anos depois, a proposta de H. Stern, de fato, se concretiza. Na carta transcrita abaixo, o tradutor comunica a Purezinha a publicação do conto "O drama da geada":

Rio de Janeiro, 14 de Abril de 1954  
Rua Alice, 308 (Laranjeiras).

Mui prezada Senhora,

tenho, afinal, a grande satisfação de apresentar à Senhora um conto do seu saudoso esposo, em alemão. O jornal incluso, "Jornal de Nova York do Estado e Araute", a mais velha e

mais conceituada gazeta em alemão, nos Estados Unidos, traz o conto “A geada” em relação à “guerra do café” entre os Brasil e os E.U., como demonstra o curto prefácio da redação, proposto de mim. Por isso, a publicação naquele lugar e neste tempo, tem uma significação mais ampla do que a pessoal para Senhora e para mim.

Certamente, a Senhora tem entre seus amigos um ou outro quem entende o alemão e pode verificar se “a tradução é fiel ao original e de bom teor literário”, como a Senhora o desejava na sua autorização de 11. de setembro de 1951.

Subscreve-me com toda a estima e consideração

Dr. H. Stern

Considerando, além das cartas de Stern e de outros tradutores alemães, as do tradutor sueco Arne Lundgren<sup>72</sup>, com a qual também trabalhamos, o conto “O Drama da Geada” é, entre os demais contos do escritor, o mais solicitado para tradução em alemão. Acreditamos que isso ocorra em função do tema da narrativa: o café. O conto aborda o drama de um fazendeiro que investe trabalho e esperança no plantio do café e perde tudo com a geada, inclusive a terra hipotecada. Nas palavras de Lundgren, é justamente a dramaticidade da situação, retratada fielmente, que poderia despertar o interesse do público sueco: “Acho este conto muito representativo pelo estilo claro, conciso, expressivo e dramático de Monteiro Lobato, ao que me parece frequentemente constituído por uma estrutura monumental com uma peripécia imprevista e com um apogeu lúgubre. Otrossim, esta representação realista e trágica da vida dos fazendeiros deverá causar impressão no público sueco tão apaixonado pelo café.” (Gotemburgo, 31/12/1952).

Mais uma vez, a editora Brasiliense orienta um tradutor – Gutterm Hanssen – a solicitar, junto à família do escritor, a permissão necessária para traduzir alguns contos de Lobato. Não há, em momento algum, a definição de quais serão os contos traduzidos, nem mesmo quando ou por qual editora o livro será publicado. Vejamos a carta:

---

<sup>72</sup> Arne Lundgren, escritor e tradutor sueco, discute em algumas cartas endereçadas à Purezinha Lobato, datadas entre dezembro de 1952 e junho de 1953, a possibilidade de publicar a obra lobatiana na Suécia. Em 1951, Lundgren publica, em um trabalho conjunto com o escritor Per Ekstrom, um livro de poesia de Ribeiro Couto (*Dikter. i översättning av Per G. Ekstrom och Arne Lundgren. Goteborg, Suecia: Gumperts Forlag, 1951.*). Com relação à tradução da obra de Lobato, no entanto, ainda não foi possível encontrar nenhuma publicação.

Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1955

Prezada Senhora,

É por indicação da Editora Brasiliense que lhe dirijo a presente.

Estou organizando uma coletânea de contos brasileiros em língua alemã, a qual forçosamente conterá um ou dois contos Monteiro Lobato. Assim, solicito de Va. Sa. me conceda a necessária autorização para traduzir os referidos contos.

Tratando-se de trabalho feito sem propósito comercial, com o fito exclusivo de divulgar a literatura brasileira, de preferências a regional, cumpre-me esclarecer que, pelo menos no momento, não estou em condições de pagar alguma coisa por êsses direitos autorais. Isso ficará dependendo do editor, até poder-se dizer se há interêsse comercial no lançamento da coletânea, sua aceitação por parte do público europeu, etc.

Também não posso precisar ainda quando será publicado o livro, pois, pelo motivo acima exposto, trata-se de um trabalho feito, por assim dizer, em horas vagas, e estas são poucas.

Desde já agradecendo pela atenção dispensada à presente, aqui permaneço ao inteiro dispor de Va.Sa. para quaisquer ulteriores esclarecimentos que forem desejados sobre o assunto.

Respeitosas saudações

G. Hanssen

Gutterm Hanssen  
Caixa Postal, 4859  
Rio de Janeiro, D.F.

Entre as propostas de tradução da obra de Monteiro Lobato em alemão, apenas duas estão relacionadas à produção infantil do escritor. Na primeira, em função da ilegibilidade da assinatura, ainda não conseguimos decodificar, ao certo, o nome do tradutor. A carta, escrita em São Paulo, é da década de 1950.

São Paulo, 5 de fevereiro de 1954

Prezada Senhora!

Tive conhecimento por intermédio da Cia. Editora Nacional de que pertencem a Senhora os direitos autorais de publicação e tradução dos livros infantis de seu falecido esposo, Sr. Monteiro Lobato.

Gostaria imensamente de poder efetuar traduções destes livros para o alemão, meu idioma pátrio e no qual ainda não existe nada exatamente no gênero, aguardando, para tanto, sua autorização. Ensinar as crianças desta maneira agradável coaduna-se bem com os princípios germanicos, motivo pelo qual tive por intermédio de uma amiga, sócia de uma livraria de Hamburgo, especializada em livros infantis, proposta no sentido de apresentar lá edições traduzidas destes livros os quais além de trazer às crianças conhecimentos sobre todo o mundo levaria muito do folclore desta terra, como por ex. em “O Sací”.

Estou no Brasil há vinte e cinco anos razão pela qual julgo-me capaz de interpretar estes livros nos quais as crianças encontram um mundo de aventura e que mesmo os adultos muito apreciam especialmente pelo que de sátira e bom humor que eles contem.

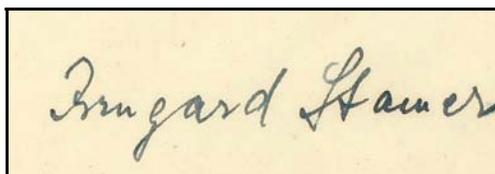
Na Alemanha cursei faculdade e posteriormente trabalhei ao lado da amiga a qual já me referi, tendo pois algum conhecimento em matéria de livros infantis, sei no entanto que jamais poderia criar algo comparavel a estas maravilhosas obras, mais creio estar apta a traduzi-las.

Espero ser agraciada com sua atenção em marcando uma entrevista pessoal, o que poderá ser feito pelo fone: 33.4195 com Sr. Sérgio ou então aguardarei com prazer uma resposta por carta.

Antecipadamente grata,

(assinatura ilegível)

Endereço: Caixa postal 7566, São Paulo, cap.



**Fig. VI** – Assinatura do tradutor

A dificuldade encontrada na decodificação do texto – manuscritos, assinaturas, dados incompletos ou incorretos – ilustra os bastidores do trabalho com a transcrição e interpretação das missivas. Neste caso, por exemplo, ainda não determinamos a assinatura do remetente. O emprego de alguns vocábulos no feminino na carta indica, no entanto, tratar-se de uma mulher. O mesmo se aplica às informações encontradas no conteúdo das missivas: A qual livraria refere-se? Qual é a faculdade ou o curso freqüentado na Alemanha? Que atividades a autora da missiva realiza no Brasil, onde vive há 25 anos? Poucos são os dados que nos auxiliam na interpretação da carta.

A referência feita à Editora Nacional, no ano de 1954, através da qual a tradutora obtém informações sobre os herdeiros da obra do escritor, é equivocada. O contrato com a Editora Brasiliense, que passa a publicar a obra de Lobato é assinado em 27 de junho de 1945. Em função disso, acreditamos que a tradutora possa, talvez, estar mal informada ou ter se confundido com os nomes das editoras.

Na carta de junho de 1958, o tradutor Ulrich Gogarten mostra-se também interessado na produção infantil de Lobato. Nesta, porém, o trabalho dos ilustradores da obra lobatiana ganha especial destaque<sup>73</sup>:

18 de Junho de 1958

Mui prezada Dona Ruth:

Referindo-me ao nosso telefonema de hoje tomo a liberdade de transmitir a Va. Sa. a seguir o endereço da Editora alemã que deseja receber um exemplar espanhol ilustrado de “Reinações de Narizinho”, afim que um desenhista alemão obtenha inspiração para novas ilustrações a serem feitas para a futura edição alemã. A editora se chama:  
ENSSLIN & LAIBLIN K.-G. VERLAG, REUTLINGEN,  
GARTENSTRASSE 33, ALEMANHA OCIDENTAL

Seria muito grato se a Senhora fizesse chegar a Reutlingen via aérea um exemplar argentino ilustrado. Já escrevi para Alemanha afim que Ensslin & Laiblin se

---

<sup>73</sup> A edição de *Reinações de Narizinho* em espanhol (“Las Nuevas Travesuras de varicita”, 1943), publicada pela Editora Americalle, é ilustrada por Sivio Baldessari. A versão italiana da obra (“Nasino”, 1945), publicada em Torino, pela Editora Eclettica, é ilustrada por Vincenzo Nicoletti.

entendam diretamente com a “Eclética Editrice”, Torino, Via Alfieri 20, afim de obter de lá um exemplar italiano com aquelas ótimas ilustrações que são as únicas que eu julgo mais ou menos dignas do texto poético do senhor seu venerado pai. Como a senhora sabe, troquei opiniões e correspondência a respeito das ilustrações com o saudoso mestre Monteiro Lobato.

Permaneço com os protestos de minha mais elevada estima

Respeitosamente

Ulrich Gogarten

O conteúdo da carta destinada a Ruth Monteiro Lobato, filha de Lobato e Purezinha, indica que Ulrich Gogarten já estaria em negociação com a família do escritor, e anteriormente com o próprio Lobato, para tradução do livro infantil *Reinações de Narizinho*. A família estaria, assim, já preocupada com a construção da posteridade de Lobato.

Encontramos, em nossas pesquisas, alguns dados referentes à editora citada na missiva. Aparentemente, o acervo da Editora “Ensslin & Laiblin”<sup>74</sup> teria sido comprado pela Editora alemã Atena, no ano de 2000. A editora Atena, por sua vez, é especializada em literatura infanto-juvenil na Alemanha, desde 1958. Entretanto, ainda não encontramos nenhuma referência ao escritor Monteiro Lobato em seu catálogo de publicações.

Mesmo que a proposta de Ulrich Gogarten não tenha se concretizado, as publicações de *Reinações de Narizinho* em espanhol (“Las Nuevas Travesuras de varicita”, 1943) e em italiano (“Nasino”, 1945) ilustram a repercussão, já na década de 1940, da produção lobatiana fora do Brasil.

Em 1959, o tradutor Albert Theile<sup>75</sup> requer autorização para tradução e publicação em sua coletânea de contos de autores latino-americanos, o conto lobatiano intitulado em espanhol, “Herederero de sí mismo”<sup>76</sup>.

<sup>74</sup> Disponível em <http://www.ensslin.verlag.de> Último acesso em 20/06/2006.

<sup>75</sup> Albert Theile (1904-1986) foi historiador, tradutor, jornalista, professor universitário e fundador da Revista Humboldt. Depois de permanecer de 1943 a 1946 exilado no Chile, onde tornou-se conhecedor da Literatura sul-americana, organizou e publicou na Europa, em 1956, uma coletânea de contos de escritores sul-americanos traduzidos em língua alemã. Entre outros escritores brasileiros está Monteiro Lobato, com o conto Der Estancia Käufer (O comprador de Fazendas), traduzido por Gerda Theile-Bruhns. Disponível em <http://www.antiquario.de> Último acesso em 20/06/2006.

28 de agosto de 1959

Distinguida Señora:

Me permito preguntarle si ud es la heredera de los derechos de autor del distinguido escritor Dom José Bento de Monteiro Lobato. Si es así, le agradecería muchísimo el permiso de traducir el cuento “Herdero de sí mismo” al almenain y publicarlo en mí colección de cuentos sudamericanos de famosos cuentistas como Quiroga, Gallegos, Borges, Azuela, Latorre etc.

Le ruego disculpas la molestia que le causo.

Me firmo.

Como su seguro servidor

Albert Theile

A autorização é concedida pela filha do escritor, Ruth Monteiro Lobato, em carta de setembro de 1959, endereçada a Theile. Sua mãe, Purezinha Lobato, mediadora dos contatos entre tradutores e pesquisadores interessados na obra de Lobato e a família, falece em 27 de abril de 1959. A missiva em questão é transcrita a seguir:

São Paulo, 3 de setembro de 1959

Prezado sr. Albert Theile:

Recebi sua carta datada de 28 de agosto endereçada a minha mãe que, infelizmente, faleceu 4 meses atrás. Entretanto, na qualidade de uma das herdeiras dos direitos autorais de meu pai, venho, por meio desta, autorizá-lo, e isso com o maior prazer, a traduzir para o alemão e publicar o

---

<sup>76</sup> O conto “Herdeiro de si mesmo” está publicado no livro de contos lobatianos *Negrinha*, e é traduzido em espanhol por Benjamin de Garay, em 1921.

conto de Monteiro Lobato intitulado em hespanhol “Herederero de Si Mesmo”.

Fazendo votos de que saia muito bem na empreza, aqui fica muito grata e muito atenciosamente<sup>77</sup>

Alguns anos antes, em 1956, Albert Theile organiza e publica na Suíça a coletânea *Unter dem Kreuz des Südens*<sup>78</sup>, em que são reunidos e transcritos para o alemão contos de 22 escritores sul-americanos<sup>79</sup>, entre os quais está Monteiro Lobato. O conto lobatiano “Der Estancia Käufer” (“O Comparador de Fazendas”), é traduzido por Gerda Theile-Bruhns. O livro apresenta ainda um breve resumo de cada escritor e a temática de suas obras.

Outros dois contos lobatianos são transcritos para o alemão e editados no Brasil. São eles: “Cidades Mortas”, publicado em São Leopoldo e “Os negros”, em São Paulo, como veremos a seguir.

---

<sup>77</sup> Embora não assinada pela remetente, trata-se de Ruth Monteiro Lobato.

<sup>78</sup> THEILE, Albert. *Unter dem Kreuz des Südens: Erzählungen aus Mittel- und Südamerika*. Zürich: Manesse Verlag, Conzett & Huber, 1956.

<sup>79</sup> Os escritos são: Guillermo Enrique Hudson, Eduardo Mallea, Jorge Luis Borges, Ricardo Güiraldes, César Garizurieta, Manuel Gutiérrez Nájera, Ricardo Palma, Enrique López Albújar, José Veríssimo, José Bento Monteiro Lobato, Joaquim Maria Machado de Assis, Horacio Quiroga, Carlos Samayoa Chinchilla, Francisco Antonio Gavidia, José Maria Peralta, Baldomero Lillo, Rómulo Gallegos, Carlos Salazar Herrera, Mariano Fiallos Gil, Rubén Darío.



**Fig. VII** - Capa do Livro de Albert Theile, 1956.  
(acervo pessoal)

### 1.3.1 A obra lobatiana entre os leitores teuto-brasileiros.<sup>80</sup>

Segundo a pesquisadora Giralda Seyferth<sup>81</sup>, os primeiros imigrantes alemães se estabelecem na cidade do Rio de Janeiro, a partir de 1808, atuando no comércio de importação e exportação. Até a década de 1870, a etnia alemã é predominante entre os imigrantes, num total que varia entre 235 – 280 mil indivíduos. Depois disso, ao lado de

<sup>80</sup> Ainda que superficial para tratar da relação entre a imprensa alemã e Monteiro Lobato, tal análise busca traçar um breve panorama dos leitores teuto-brasileiros e, identificar, em meio a suas publicações, textos lobatianos traduzidos para o alemão.

<sup>81</sup> SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: FAUSTO, Carlos. *Fazer a América: a imigração em Massa para a América Latina*. Giralda é professora e pesquisadora do Programa de Antropologia Social do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

italianos e poloneses, a imigração alemã perdura até a década de 1930. A ação do governo, de agenciadores alemães<sup>82</sup> e de empresas particulares responsáveis pela divisão e venda de terras atraem principalmente camponeses, sem desconsiderar também o número de trabalhadores urbanos e de artesãos entre esta população, todos em busca de melhores condições de vida.

Para Seyferth, antes da Primeira Guerra Mundial a região do Sul é a mais procurada pelos imigrantes alemães. As condições precárias de trabalhadores nos cafezais é uma das justificativas para tal deslocamento. Além disso, há migração das colônias internas mais antigas para os Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. A participação dos alemães e de seus descendentes é bastante significativa na história da colonização no país.

As características do “complexo colonial alemão” não são modificadas, apesar da especificidade de cada período histórico, de cada região ou ainda de áreas compartilhadas com outros imigrantes. Com exceção da forma de aquisição da terra, que após 1850 deixa de ser gratuita e passa a ser vendida, a organização econômica (tipo de exploração agrícola) e sócio-cultural (uso da língua e dos costumes) é mantida. O isolamento com relação à sociedade brasileira é, a princípio, fator comum na fase de implantação das colônias; o contato sistemático com os brasileiros só se concretiza no século XX, no período republicano. Tal isolamento facilita a conservação dos costumes e do emprego cotidiano da língua. Aliada a isso, está a criação de uma organização comunitária assistencial e de uma rede escolar particular, em decorrência da carência de serviços públicos e da instabilidade dos assentamentos. O atendimento médico e as associações culturais e esportivas também são oriundos da organização dos colonos. Com relação às escolas, a autora complementa:

A escola alemã, portanto, foi criada para atender às necessidades de ensino elementar de uma população estrangeira, mas aos poucos tomou uma feição étnica, assumida na configuração da etnicidade como instrumento da germanidade e perpetuadora da língua e da cultura alemãs. Nessa perspectiva, objetivava educar os filhos dos imigrantes

---

<sup>82</sup> Trata-se de ascendentes europeus, que atuavam junto ao Governo Imperial Brasileiro nos procedimentos para trazer imigrantes estrangeiros. Os agenciadores, em geral, não hesitavam em oferecer vantagens não previstas nos programas de colonização, e recebiam um valor estimado para cada imigrante trazido. A figura do agenciador aparece até o final do Império. (P. 277)

como cidadãos brasileiros pertencentes à etnia (ou nação) alemã, dando-lhes uma consciência étnica.<sup>83</sup> (P. 292)

Assim como a escola, as associações culturais, clubes esportivos e a imprensa pregam a preservação da identidade sociocultural alemã. No caso da imprensa, desenvolvida principalmente em Porto Alegre, São Leopoldo, Blumenau, Joinville, Curitiba e São Paulo, os jornais e almanaques produzidos por teuto-brasileiros são importantes fontes sobre a “*brasilianisches Deutschtum*”, que segundo Giralda pode ser definido como “defensores dos interesses dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil.” (P.293).

Os jornais mais antigos são publicados na década de 1850, como o “*Der Kolonist*” (1852-1853), porém com pouca duração. O primeiro jornal importante (o “*Kolonie Zeitung*”) é criado em Joinville, em 1861, pelo refugiado político Ottokar Dörffel, e circula até 1939. Antes porém, a partir da década de 1880, a imprensa ganha mais força como representante dos interesses políticos e dos valores da comunidade alemã. No entanto, muitos jornais encerram suas atividades com a proibição, durante o período do Estado Novo, de publicações em línguas estrangeiras no país. Entre aqueles que têm considerável duração e desaparecem estão: “*Deutsche Post*”, fundado em São Leopoldo; “*Germânia*”, em São Paulo; “*Deutsche Rio Zeitung*”, no Rio de Janeiro, entre outros. Algumas publicações alemãs também são interrompidas em 1917, por ocasião da I Guerra Mundial, em que o Brasil declara-se contra a Alemanha.

Tão populares quanto os jornais são os almanaques, ou “*Kalender*”. Publicados uma vez ao ano, na época do natal, tratam de assuntos diversos: política, notícias sobre a Alemanha e o Brasil, dados relativos à agricultura, algumas vezes religião e literatura. São traduzidos para o alemão contos, poesias e romances de autores teuto-brasileiros. Os almanaques populares (“*Volkskalender*”) têm grande aceitação entre a população teuto-brasileira, e os volumes com mais de duzentas páginas chegam a ultrapassar a tiragem de 12 mil exemplares.

Entre os almanaques mais conhecidos destacam-se: o “*Kozeritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*”, editado em Porto Alegre, a partir de 1874, e o “*Kalender für die Deutschen in Brasilien*”, publicado pela primeira vez em 1881, pela Editora Rotermund, em São Leopoldo. Mesmo controlado pela Igreja evangélica luterana, esse é o almanaque

---

<sup>83</sup> SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. P. 292.

mais conhecido em todo o Sul do Brasil. Existem ainda almanaques produzidos pela população católica, por professores alemães e outros vinculados a alguns jornais. Para a autora, o uso diário da língua alemã, as atividades associativas, a rede escolar e a imprensa são de extrema relevância para a construção de uma etnicidade teuto-brasileira.

O conto “Totes Land” (“Cidades Mortas”), de Monteiro Lobato é traduzido para o alemão pelo professor Clemens Brandenburger<sup>84</sup> e publicado na coletânea de contos de escritores sul-americanos *Südamerikanische Literatur*<sup>85</sup>, na edição sobre literatura brasileira “*Brasilische Prosa*” em 1917, pela Editora Rotermund. A Rotermund & Co., já conceituada na publicação de almanaques, é tida como a editora de maior importância em São Leopoldo.

A referência ao trabalho de Brandenburger é feita na seção “Bibliographia” da Revista do Brasil, na edição de outubro de 1919, em que são destacadas a importância da interação entre a cultura brasileira e a teuto-brasileira, bem como a representação da Alemanha e de seus pesquisadores para a história do país:

Não deixa de ser muito interessante o conhecimento preciso que Brandenburger mostra dos nossos homens e coisas, revelado na apreciação dos escritores de que se ocupa. No prefácio diz – “nós, teuto-brasileiros, devemos nos ocupar da literatura luso-brasileira, se não quisermos ficar olvidados; devemos tomar parte na vida intelectual da nossa terra” (...) Aos poucos o Brasil acabará reconhecendo que deve muito ao esforço alemão, desde Hans Staden, que tão bela documentação deixou dos primeiros dias da nossa terra, até Breslau, que chegando pouco antes da guerra estalar, percorreu grande parte do país para estudar a embriogenia dos mazurpias, procurando desvendar o eterno segredo da vida, como inúmeros outros pesquisadores alemães que têm aportado ao Brasil.” (Revista do Brasil, 1919,p.173)

---

<sup>84</sup> Clemens Brandenburger atuou como professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Rio de Janeiro.

<sup>85</sup> BRANDENBURGER, Clemens. *Brasilische Prosa*. *Südamerikanische Literatur*. Vol.14. São Leopoldo: Rotermund & Co., 1917. Além do escritor Monteiro Lobato, foram traduzidos para o alemão contos dos escritores: Affonso Arinos, Olavo Bilac, Coelho Neto, Viriato Correia, Max Fleiutz, Domicio da Gama, Roberto Gomes, Manoel de Oliveira Lima, Afrânio Peixoto e Edgard Roquette Pinto.

A origem da editora Rotermund é a Livraria Evangélica W. Rotermund<sup>86</sup>, que começa atuar em 1877 com o material remanescente de uma cooperativa de pastores evangélicos que importava livros da Alemanha para vender no Rio Grande do Sul. Entre 1879-1880, o pastor e imigrante alemão Wilhelm Rotermund compra as máquinas tipográficas de um antigo jornal e funda a Typografia Wilhelm Rotermund. O negócio cresce e transforma-se na Livraria W. Rotermund e, mais tarde, na Rotermund & Co. Nessa época são editadas as duas obras mais disputadas pela comunidade alemã do sul do Brasil: o jornal “Deutsche Post” (Correio Alemão) e o “Kalender für die Deutschen in Brasilien” (Almanaque para Alemães no Brasil). Em 1941, o “Rotermundkalender”, como também é conhecido, alcança a tiragem anual de 30 mil exemplares, o que faz dele talvez o livro com a mais alta tiragem em língua alemã no Brasil. Rotermund é conhecido ainda pela publicação de livros didáticos e pela coleção Súdamerikanische Literatur, onde reúne contos de Wilhelm Rotermund e de autores teuto-brasileiros. São mais de trinta os volumes editados nesta coleção. Durante a campanha da Nacionalização, o regime de Getúlio Vargas confisca toda a produção e o estoque de livros, em língua alemã, pertencentes à Editora Rotermund<sup>87</sup>.

Em São Paulo, no ano de 1932, é publicado pela Editora O Livro Verde, o conto lobatiano “Os negros”, intitulado em alemão “Die Alte Fazenda” (“A Fazenda Antiga”). O conto pertence à coleção “Grüne Bücher aus Brasilien” e não traz referências quanto ao nome do tradutor.

---

<sup>86</sup> Wilhelm Rotermund chega ao Rio Grande do Sul pouco tempo após o massacre do movimento Mucker, em 1874, acompanhado da esposa Maria. Nascido no Reino de Hannover, estuda Teologia em Erlangen e Göttingen, e doutora-se pela Universidade de Jena. Anos mais tarde, recebe da Universidade de Göttingen o título de Doutor Honoris Causa. Em São Leopoldo, torna-se pastor do grupo minoritário luterano, jornalista, escritor, autor de livros escolares e proprietário da casa editora que leva seu nome, Rotermund. Com sua morte, em 5 de abril de 1925, os filhos Fritz e Ernst Rotermund assumem, juntamente com um sócio alemão, Erich Utspot, a direção dos negócios. Antes de tornar-se pastor, Rotermund atua junto a Friedrich Fabri, presidente do Comitê para os Alemães Protestantes no Sul do Brasil, no trabalho de pastoral entre os imigrantes alemães luteranos no Rio Grande do Sul. Informações disponíveis em [http://jcrs.uol.com.br/Comercial/cadernos/empr-cent\\_07.aspx](http://jcrs.uol.com.br/Comercial/cadernos/empr-cent_07.aspx). Último acesso em 11/06/2006.

<sup>87</sup> Dados obtidos através do site [http://jcrs.uol.com.br/Comercial/cadernos/empr-cent\\_07.aspx](http://jcrs.uol.com.br/Comercial/cadernos/empr-cent_07.aspx). Último acesso em 11/06/2006.



**Fig. VIII** - Capa da coletânea “Grüner aus Brasilien”.  
(Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato)

A bibliografia Lobatiana informa que o escritor é também traduzido pelo alemão Friedrich Sommer. Entretanto, ainda não encontramos o trabalho do referido tradutor. Além dos contos mencionados, a pesquisa com a apropriação e a circulação da obra de Monteiro Lobato entre o público alemão, resgata o estudo realizado por Annemarie Shrage, no livro “Die Erzählungen Monteiro Lobatos”, publicado em Frankfurt, na Alemanha, em 1982, e o artigo sobre o personagem do folclore brasileiro, popularizado com o trabalho de Monteiro Lobato - o Saci (Der Sacy), publicado em São Paulo, no Jornal Brasil-Post, em julho de 2005.

A tabela abaixo descreve os dados até então obtidos de/sobre a obra de Monteiro lobato traduzida para o alemão.

ACERVO	DATA DE PUBLICAÇÃO	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR/ ORGANIZADOR	TÍTULO ORIGINAL	TÍTULO TRADUZIDO	OBSERVAÇÕES
Instituto Martius-Staden.	1917	Editora Rotermond & Co. São Leopoldo	Clemens Brandenburger	“Cidades Mortas”	“Totes Land”	Coletânea: Südamerikanische Literatur: Brasilianische Prosa
Barca de Gleyre. II Tomo.	07/05/1926		Friedrich Sommer			Referência ao tradutor Fred Sommer.
Biblioteca Monteiro Lobato	1932	Editora O Livro Verde		“Os Negros”	“Die alte Fazenda”	Coleção: Grüner Bücher aus Brasilien, nº1, vol. 1.
Fundo Monteiro Lobato – Cedae-BL-ms 00056.	14/04/1954	“Jornal de Nova York do Estado de Araute”	Dr. H. Stern	“O drama da geada”		
Acervo Pessoal de Lucila B. Zorzato	1956	Editora Manesse, Conzett & Huber, Suíça.	Trad. Gerda Theile-Bruhns; Org. Albert Theile	“O comprador de Fazendas”	“Der Estancia Käufer”	Coletânea: Unter dem Kreuz des Südens.
Acervo Pessoal de Lucila B. Zorzato	1982	Editora Peter Lang, Frankfurt Alemanha.	Annemarie Shrage			Estudo sobre a obra do escritor intitulado: Die Erzählungen Monteiro Lobatos.

Os dados apontam a precoce publicação dos contos lobatianos em alemão, em circulação já no ano de 1917 (“Totes Land”) e, posteriormente à morte do escritor, em 1956 (“Der Estancia Käufer”). A isso soma-se a organização de coletâneas com contos de Lobato e de diversos escritores sul-americanos, publicadas dentro e fora do país. Esta mostra revela não só a recepção da obra entre um público novo – leitores de língua alemã no Brasil –, mas também certa internacionalização de Monteiro Lobato e da literatura latino-americana.

No capítulo seguinte trataremos da recepção da obra do alemão Hans Staden no Brasil e da adaptação realizada por Monteiro Lobato. Neste ínterim, serão considerados a história editorial da obra de Hans Staden, o cotejo das edições lobatianas (*Meu cativo entre os selvagens do Brasil*, 1925; *Suas viagens e cativo entre os índios do Brasil*, 1945 e *Aventuras de Hans Staden*, 1927), e o estudo das alterações mais significativas feita por Lobato ao longo das diversas edições do livro.

## Capítulo 2

### De Hans Staden a Monteiro Lobato

A nova companhia está fundada e com todas as rodas girando. (...) Primeiro livro dado: o meu *Hans Staden*. (*Barca de Gleyre*. RJ, 8//11/1925).

## Capítulo 2:

### De Hans Staden a Monteiro Lobato

#### 2.1 A obra de Hans Staden.

A descoberta do “Novo Mundo” desperta, além de interesses comerciais, a curiosidade do europeu, e as histórias e os escritos sobre a terra recém-conquistada obtêm grande êxito entre o público leitor. Prova disso é o número de obras publicadas desde o século XVI e que alcançam, nos séculos seguintes, várias edições e traduções. Tratam-se de crônicas de viajantes, relatos de colonizadores, cartas de missionários, diários e tratados, como a carta de Pero Vaz de Caminha, o diário de navegação de Pero Lopes e Sousa e as cartas dos missionários jesuítas.

O número de relatos sobre o Brasil é, assim, extenso e bastante diversificado em sua origem. Mas, ainda que dissimilares, a natureza desses relatos revela certa homogeneidade de informações. Nesse sentido, o antropólogo Carlos Fausto complementa:

Os autores portugueses (Cardim, Gandavo, Soares de Souza) são objetivos e breves, contrastando com os franceses (Léry, Thevet, Abbeville, Évreux), mais atentos e mais prolixos em suas descrições. As cartas dos missionários jesuítas (Anchieta, Nóbrega, Navarro, entre outros) são extremamente sugestivas e reveladoras, não só dos costumes indígenas, como das próprias angústias de seus autores (...) Embora não haja perfeita concordância, as informações dos cronistas possuem certa uniformidade no essencial. (FAUSTO, 2000, p.393)

Esse conjunto de obras tem, na sua maioria, caráter prioritariamente informativo. A descrição das riquezas naturais e da população nativa, do desejo de conquista e mesmo da surpresa do estrangeiro diante da paisagem exótica do país são a tônica na maioria dos textos produzidos nesse período:

Nesses e nos livros similares, predominava o inventário, elaborado segundo um duplo enfoque doravante característico: enumeração das propriedades da terra, do ponto de vista de suas possibilidades de comercialização; e

descrição dos hábitos e aparência originais dos nativos, que viviam num sistema social muito diverso do predominante no Velho Continente. Cabia aos cronistas não apenas registrar a diferença, mas adequar o relato sobre esse *modus vivendi* peculiar aos esquemas de dominação que de antemão validavam a conquista da terra. (LAJOLO, 2002 p.15).

Entre esses relatos está a narrativa de um viajante alemão, chamado Hans Staden. Sua importância neste contexto não se deve unicamente ao fato de ter sido Staden<sup>88</sup> um dos autores a escrever sobre a América e, mais especificamente, sobre seu convívio entre os índios Tupinambá<sup>89</sup>, mas de ser seu trabalho uma importante fonte – em termos de imagens e conteúdo – para os estudos etnográficos do país.

Contudo, é válido destacar, conforme aponta Marcia Abreu, que o objetivo primeiro de Staden não é descrever as condições de vida na América, bem como a relação entre colonizadores e índios, mas agradecer ao Senhor pelas graças alcançadas: sobreviver ao cativeiro indígena e retornar à Europa. Na narrativa, as experiências vividas no Novo Mundo são mediadas pelos desígnios de Deus (sofrimentos, descobertas, provações) e, em diversas passagens, Hans Staden mostra-se atento em afirmar a dimensão religiosa de seu texto, “o livro é, portanto, uma espécie de ex-voto, um objetivo destinado a tornar explícito o agradecimento por um favor divino.” (ABREU, 2005, p.208). O capítulo conclusivo da obra é, nesse sentido, bastante ilustrativo. Nele, Staden dirige-se diretamente ao leitor:

Bondoso leitor: - Propositadamente descrevi esta minha viagem e navegação com a maior brevidade, somente para contar como pela primeira vez cai no poder dos povos tiranos. E para mostrar como poderosamente e contra todas as expectativas o Salvador, nosso senhor e Deus, me salvou do poder deles e para que cada um saiba que Deus todo poderoso ainda maravilhosamente protege e encaminha seus fiéis entre os povos ímpios e pagãos, como ele sempre tem feito.

---

<sup>88</sup> Segundo Francisco de Assis carvalho Franco In FRANCO, Guiomar de Carvalho. *Hans Staden: Duas viagens ao Brasil*, 1974, a obra de Staden foi a quinta publicação em língua alemã sobre a América e o Brasil e a primeira sobre a região de São Vicente.

<sup>89</sup> A resolução da I Reunião de Antropologia determina que a grafia de nome indígena deva iniciar-se com letra maiúscula, estar no singular e sem variação de gênero. In: REVISTA BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, São Paulo: 1953, n° 3, p.123.

Também para que cada um seja grato a Deus e confie nele na desgraça, por que ele mesmo diz: “Invoca-me no tempo da necessidade para que eu te salve, e tu me louvarás etc.” (...) Se agora houver algum moço que não esteja contente com este escrito, para que ele não continue a viver na dúvida, peça auxílio a Deus e empreenda a mesma viagem. Eu dei-lhe bastante ensino. Siga as pegadas. A quem Deus ajuda o mundo não está fechado. Ao Deus todo poderoso, que tudo é em tudo, sejam a honra, a glória e o louvor, de eternidade à eternidade. Amem. (LÖFGREN, 1900, p.164/166)

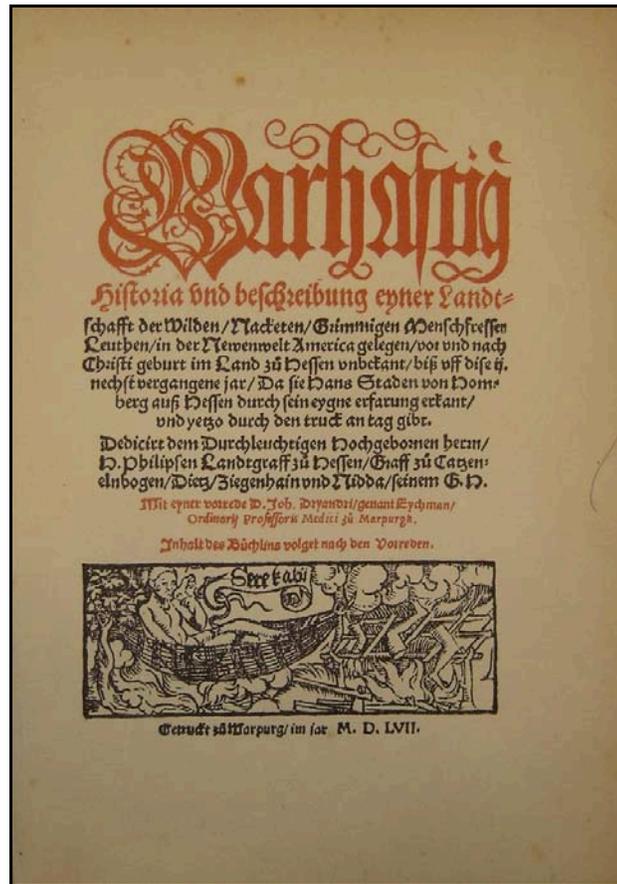
Além do que está escrito em suas memórias, são poucos os dados sobre a vida de Hans Staden. Natural de Hessen, Alemanha, deixa seu país com o intuito de conhecer a Índia. Sem sucesso, altera seus planos e faz duas viagens ao Brasil: na primeira, parte em março de 1547, como artilheiro de um navio português, e só regressa a Lisboa em outubro de 1548. Um ano mais tarde, em abril de 1550, volta ao país na armada do espanhol Diogo de Sanabria. O navio de Staden naufraga e este permanece preso entre os índios Tupinambás, retornando à Europa somente em fevereiro de 1555.

Sua obra, escrita em 1556, é dedicada a Deus e ao Príncipe Felipe I, Landgrave de Hessen (título de alguns príncipes alemães), e mediada pelo Prof. Dryander<sup>90</sup>, a quem o autor designa a tarefa de rever e, se necessário, até melhorar, segundo o prefácio do livro, o conteúdo da obra.

No carnaval do ano de 1557 vem a público a edição *princeps* da obra de Hans Staden, intitulada “Wahrhaftige Historia und Beschreibung eines Landes der wilden, nackten, grimmigen Menschenfresser, in der Neuen Welt Amerika gelegen, vor und nach Christi Geburt im Lande Hessen unbekannt bis auf diese zwei letztvergangenen Jahre, da Hans Staden aus Homberg in Hessen es aus eigener Erfahrung kennen gelernt hat, wie er jetzt durch den Druck bekannt gibt.” (“*História Verídica e descrição de uma terra de selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos, situada no Mundo Novo da América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas terras de Hessen até os últimos dois anos, visto que Hans Staden de Homberg, em Hessen, a conheceu por experiência própria, e que agora traz a público com essa impressão.*”), impressa em Marburgo, na “Folha de Trevo”, por André Kolbe, com o prefácio do Dr. Johannes Dryander.

---

<sup>90</sup> O Dr. Johannes Dryander era professor catedrático de medicina da Universidade de Marburgo e amigo da família de Hans Staden. Sua co-autoria na obra de Hans Staden será analisada ainda neste capítulo.



**Fig. I** - Frontispício da 1ª edição da obra de Hans Staden (Acervo do Instituto Martius-Staden)

O longo título certamente causa estranhamento a um leitor do século XXI, habituado à brevidade dos títulos em circulação nos dias atuais. Mas é algo comum aos textos do período; além disso, provavelmente, a extensa e minuciosa denominação da obra filia-a à categoria de relatos de naufrágios e de viajantes, comuns ao período, e desse modo, desperta o interesse do público leitor.

A obra, desde o início, tem notável aceitação entre o público, alcançando no ano de seu lançamento outras três edições<sup>91</sup>. Também não tardam as versões em outros idiomas:

<sup>91</sup> Em anexo, um quadro com o levantamento de algumas edições e traduções da obra de Hans Staden. Tais dados foram retirados das pesquisas realizadas nos acervos digitais da Biblioteca Monteiro Lobato, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, da Biblioteca da USP, da Biblioteca Nacional de Lisboa e da Biblioteca Nacional de Berlim.

flamengo, latim, holandês, francês. No Brasil, o livro circula em diversas línguas, principalmente em francês, mas a primeira tradução da obra em português é de 1892, fim do século XIX, feita a partir da edição francesa de Ternaux-Compans, por Alencar Araripe e publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Em 1900, nova edição, organizada por Alberto Löfgren, é publicada por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP).

A publicação da obra de Staden vinculada, naquele momento, ao IHGB e ao IHGSP pode ser bastante reveladora, já que existia, por parte desses Institutos, a intenção de formular uma identidade para o país e, nesse contexto, eleger a figura do índio como símbolo nacional.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838, na cidade do Rio de Janeiro, e composto por um seletto grupo carioca (políticos vinculados ao Império e proprietários rurais), objetiva construir uma história para a nação, organizando e publicando documentos com fatos e personagens ligados à História do Brasil. A idéia de construir uma nação está, no entanto, norteadada pelo modelo europeu de civilização e progresso, que prega o desdobramento da raça branca nos trópicos. Tal tarefa se mostra inexequível, já que a realidade brasileira se diferencia em muito daquela que se tem como modelo. Segundo Karl Martius<sup>92</sup> - vencedor do concurso oferecido pelo IHGB em 1844, que premiava o melhor projeto sobre a História do Brasil – para escrever a história do país é necessário considerar a diversidade de raça que o compõe (branco, índio e negro) e pensar a idéia de desenvolvimento correlacionada à de aperfeiçoamento dessas raças, de características bastante diversas<sup>93</sup>. A pesquisadora Lilia Schwarcz interpreta claramente a proposta de Martius:

Ao branco, cabia representar o papel de elemento civilizador.  
Ao índio, era necessário restituir sua dignidade original  
ajudando-o a galgar os degraus da civilização. Ao negro, por

---

<sup>92</sup> Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), naturalista alemão e sócio correspondente do IHGB, ganhou o concurso promovido pelo Instituto, que deveria discutir “Como se deve escrever a história do Brasil”. Em janeiro de 1845, o jornal do IHGB publica o ensaio vencedor escrito por Martius, que viajara pelo Brasil entre 1817-1820 como integrante da Missão Austríaca, e vinha se dedicando aos estudos científicos da flora e das populações indígenas brasileiras.

<sup>93</sup> A respeito da questão racial no Brasil, ver SKIDMORE (1989) e SCHWARCZ (1995).

fim, restava o espaço da detração, uma vez que era entendido como fator de impedimento ao progresso da nação (...). (SCWARCZ, 1993, p.112)

A partir de então, o indianismo passa ser o tema central das discussões dentro e fora do Instituto. Na Literatura, conforme diz Antonio Candido, a idealização do índio é a principal contribuição do romantismo, que busca, na descrição dos elementos diferenciais – a natureza e o índio –, uma concepção literária nova:

Um expositor radical desta corrente, Joaquim Norberto, chegou a imaginar a existência de uma literatura indígena, autenticamente nossa, que, a não ter sido sufocada maliciosamente pelo colonizador, teria desempenhado o papel formador que coube à portuguesa. (CANDIDO. 2000, P. 83)

Na *Revista do IHGB*<sup>94</sup>, a Etnografia e a Antropologia ganham força como estudos de acesso à cultura indígena. A revista, de acordo com Sanches<sup>95</sup>, é o principal veículo de divulgação dos projetos e das atividades desenvolvidas pelo Instituto e tem um público certo: os sócios do IHGB, “seus receptores imediatos que garantiam a sua circulação” (p.93). O trabalho de Sanches apresenta também dados referentes à circulação da revista entre as sociedades estrangeiras com as quais o Instituto mantinha relação. Depois da França e dos EUA, as sociedades alemãs representam o terceiro foco de distribuição da revista no exterior, com 19 instituições filiadas ao IHGB.

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, fundado em 1894, apesar de fazer oposição à instituição carioca, mantém o modelo idealizado pelo IHGB, o de dar ênfase ao conhecimento patriótico da nação. O Instituto paulista, no entanto, busca uma identidade própria em fatos importantes para a História do Estado de São Paulo e, por extensão, para o país. Nesse contexto, uma das discussões presentes na historiografia paulista é a questão de suas origens indígenas, considerando as etnias que habitaram o planalto paulista durante os séculos XVI e XVII (Tupis e Tapuias). O tema que, para Lilia Schwarcz, merece destaque

---

<sup>94</sup> Criado em 1839, o periódico mudou algumas vezes de título, aparecendo, pela primeira vez, como *Revista Trimensal de História e Geografia* ou *Jornal do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*.

<sup>95</sup> SANCHEZ, Edney Christian Thomé. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico: um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX*. Dissertação de mestrado, IEL/ Unicamp: 2003.

na busca dessa suposta “especificidade paulista” é o fenômeno do bandeirismo – “Essa ‘era dos bandeirantes’ estava presente nas revistas de forma reiterada, sendo resgatada como metáfora de uma identidade propriamente paulista”<sup>96</sup>. (P.127)

Assim, sob o viés dos estudos indígenas desenvolvidos pelos IHGB e IHGSP, propondo a valorização do índio como representante da cultura nacional, é que podemos ter acesso às primeiras traduções da obra de Hans Staden no Brasil.

Apesar dos esforços empregados pelo autor na busca de uma interpretação religiosa para seu texto, a fortuna crítica da obra de Hans Staden ressalta, principalmente, as particularidades das observações traçadas pelo autor sobre a população indígena. Para o historiador Robert Southey, nenhum outro viajante supera Staden em informações sobre as tribos brasileiras – “Livro de grande valor é este, nem as notícias posteriores acerca das tribos brasileiras ampliam, e só repetem as informações que ele contém.” (SOUTHEY, 1981, p.166).

A obra de Hans Staden é também freqüentemente comparada à dos viajantes franceses<sup>97</sup>, contemporâneos ao alemão:

Estamos persuadidos de que as estampas, que se encontram em Léry e em Thevet, são as mesmas do viajante alemão, somente com algumas modificações (DENIS, 1955, p.83)

Quando se compara o escrito de Staden com as informações coletadas por Thevet e Léry, que já apontam no século XVI para o projeto enciclopédico, pode-se perceber o seu teor peculiar. A ambigüidade do texto de Staden o mantém em permanente tensão entre o relato verossímil sobre o vivido e o relato ficcional que envolve o leitor. Já os cronistas franceses escolhem o discurso reflexivo. (BELLOZO, 1994, p.44)

O poeta Gonçalves Dias, também leitor da obra de Staden, incorpora, em um de seus poemas indianistas – “I-Juca Pirama” (Útimos Cantos, 1851) –, os atos antropófagos

---

<sup>96</sup> SCHWARCZ, Lilia. Op cit., p. 127

<sup>97</sup> Jean de Léry publicou, em 1578, sua obra mais importante: *História de uma viagem à terra do Brasil*. No Brasil, seu trabalho foi traduzido por Alencar Araripe (1889) e por Monteiro Lobato (1926); André Thevet, missionário franciscano, registrou suas impressões sobre o Brasil na obra "As singularidades da França Antártica".

descritos por Staden. Em sua obra, porém, o sentido atribuído ao ritual e à figura do índio é bastante distinto – não se trata mais de barbárie ou de selvageria e sim de um ato de coragem: só os heróis, índios guerreiros, são dignos de realizar as práticas do ritual antropofágico. Monteiro Lobato, a exemplo de Gonçalves Dias e Robert Southey, é outro exemplo de como o leitor incorpora a obra. Distante da visão romântica impressa pelo poeta indianista, ou documental, oferecida pelo historiador, o escritor destaca o sentido aventureiro do texto. Em todos os casos, o elemento religioso, de grande relevância para Hans Staden, não desperta interesse entre seus leitores<sup>98</sup>.

Como se vê no anexo, a obra de Hans Staden tem diversas edições em português: edições financiadas pelo Instituto Martius-Staden<sup>99</sup>, direcionadas especialmente para o público infantil e edições produzidas para outras mídias, como o cinema<sup>100</sup>.

## **2. 2 Hans Staden entre os projetos do editor.**

O trecho da carta enviada ao amigo Godofredo Rangel, epígrafe do capítulo, ilustra o acúmulo de funções – literato, editor, empresário – desempenhada por Monteiro Lobato naquela época. Essa diversidade de papéis é um traço relevante não só para a biografia do autor, mas também para interpretação de sua obra: é em seu trabalho como editor que chegamos à obra de Hans Staden.

A carreira editorial de Lobato nasce com a Revista do Brasil e o sucesso da publicação de Urupês, em 1918. O negócio se amplia e a Editora da Revista do Brasil transforma-se na Monteiro Lobato e Cia. Editora (1920) e, em seguida, na Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato (1924). O sucesso de seu trabalho com o mercado livreiro

---

<sup>98</sup> Além de fonte para a construção de uma identidade nacional, o livro de Staden também fornece elementos para o estudo da História do livro e da leitura no Brasil, a exemplo do trabalho desenvolvido pela pesquisadora Marcia Abreu, e estudos iconográficos, como o de Ana Maria Belluzzo.

<sup>99</sup> O Instituto, conhecido primeiramente como Instituto Hans Staden, surgiu em 1916, sob coordenação da associação de professores da Escola Alemã, em São Paulo. Em 1997, com a direção da Fundação Vicente de Porto Seguro, passou a se chamar Instituto Martius-Staden, em homenagem aos dois famosos viajantes alemães. Desde sua formação, o Instituto tem funcionado como “Centro de Memória Alemã” no Brasil, com um grande acervo sobre os imigrantes de língua alemã, e como ponte para o intercâmbio cultural entre o Brasil e a Alemanha. Disponível em: <http://www.martiusstaden.org.br>

<sup>100</sup> Filme “O argonauta alemão”, direção de Leopoldo Nunes, 1994; Filme “Hans Staden”, direção Luís Alberto Pereira, Riofilme, 2000.

encontra, contudo, obstáculos na crise vivida pela capital paulista em 1924. À revolução dos tenentes somam-se a falta de energia e a brusca mudança na política econômica do governo de Bernardes, levando a editora à falência. Lobato, no entanto, não se afasta da atividade editorial e, com o acervo da antiga editora, cria outra empresa, a Companhia Editora Nacional (1925)<sup>101</sup>.

Como editor, Lobato contribui em todos os aspectos para o desenvolvimento da indústria editorial no Brasil: amplia a rede de distribuição e venda de livros em todo o país, abre espaço para novos nomes da literatura nacional, investe em propaganda e modifica o padrão gráfico do livro – alternativas para atrair mais leitores – e compra maquinário importado para agilizar a crescente demanda de livros e impressos de sua editora. A abundante correspondência lobatiana nos dá um panorama das conquistas e dos planos de seu trabalho com o livro, a exemplo da carta endereçada ao seu cunhado Heitor de Moraes:

Goza-mos de um prestígio formidável que cada dia mais se difunde. As nossas edições são vendidas com grande sucesso por todos os recantos do país e tal é o nosso conceito que o público compra os nossos livros, muitos de autores desconhecidos, só por saber que é edição nossa. Dispomos também de um aparelho sem igual para vendermos os nossos livros. Assim é que cerca de um mês depois de aparecida qualquer edição nossa, acha-se espalhada por todas as cidades, até às dos mais longínquos Estados. Em oferecimento de livros para editar desafiamos outra casa que tenha mais do que a nossa. Diariamente recebemos ofertas de obras para imprimir, as quais não podemos aceitar por falta de maior capital. Em razão disso é que queremos elevar o nosso capital, para darmos grande incremento ao negócio de edições, cujo campo é vastíssimo (...). (LOBATO apud CAVALHEIRO, 1962, p. 203)

A editora de Lobato, segundo Edgard Cavalheiro, toma conta do mercado brasileiro, investindo numa grande diversidade de livros: são publicados livros de poesia e de contos, obras de filosofia, livros técnicos de diferentes áreas (medicina, agronomia, engenharia etc.), livros de história, obras didáticas e infantis. “Em qualquer dos gêneros editados por

---

<sup>101</sup> Consulte, a respeito, o estudo desenvolvido pela pesquisadora Cilza Bignotto, na pesquisa de doutorado “Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)”, sob orientação da profa. Marisa Lajolo.

Lobato, o que se observa é a preocupação com a novidade. (...) As idéias debatidas em tais obras eram novas, como novos os processos do editor.”<sup>102</sup>

As páginas da *Revista do Brasil* registram esta variedade de publicações. Para Milena Martins<sup>103</sup>, pesquisadora da revista, os diferentes discursos sobre o livro – propagandas, críticas e análises – estão presentes em todo o periódico, que pode ser considerado o mais importante meio de divulgação do negócio editorial de Lobato. Além dos anúncios de lançamento de livros há, entre as seções fixas, uma seção -“Bibliografia” - com pequenas resenhas dos livros editados por Lobato e por outras casas editoras. A análise desta seção demonstra não só o crescimento das editoras lobatianas, que entre os anos de 1924 e 1925 detêm o maior número de publicações lançadas no país, mas também a tentativa de Lobato de divulgar “novos escritores”<sup>104</sup>. Tomamos como exemplo a obra de Oliveira Viana, diversas vezes anunciada pela revista.

Revista do Brasil – Janeiro, 1921.

#### Seção BIBLIOGRAPHIA

J. F. Oliveira Viana: POPULAÇÕES MERIDIONAIS DO BRASIL. Edição da “Revista do Brasil”, S.Paulo, 1920.

(...) Entendeu-se muito bem F. J. Oliveira Viana, que com extraordinária clarividência de sociólogo e perfeita segurança de historiador empreendeu o mais notável, o mais completo, o mais lúcido e nítido de nossos estudos nacionais. (...) O seu livro - *Populações meridionais do Brasil*, decididamente, marca uma época<sup>105</sup>. (P.67-68)

Monteiro Lobato.

---

<sup>102</sup> CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 1962, p.200

<sup>103</sup> MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. 2003

<sup>104</sup> Para Brito Broca, Lobato não só lançou novos nomes, como soube escolher entre nomes já conhecidos aqueles que poderiam interessar o público leitor que se apresentava, a exemplo de Oliveira Viana. Viana, que escrevia há dez anos em jornais cariocas e, portanto, era um nome conhecido, fora publicado não só pelo valor de sua obra, mas também pelo potencial de agradar o público. (Apud BIGNOTTO, 2007, p.243-4)

<sup>105</sup> REVISTA DO BRASIL: São Paulo. Janeiro de 1921, n.61, p. 68-69.

O excerto acima ilustra uma das primeiras publicações de Lobato na área de História, com o trabalho do sociólogo Oliveira Viana<sup>106</sup>, também assíduo colaborador da revista. Viana é um dos novos nomes lançados pelo editor que, algumas vezes, dirige-se ao escritor, sugerindo assuntos e a possibilidade de publicação. Nas sucessivas cartas<sup>107</sup> enviadas ao sociólogo, é visível o empenho de Monteiro Lobato em divulgar os trabalhos de Viana. É o que se pode notar, por exemplo, nas cartas abaixo transcritas.

A primeira carta, embora não datada, remete-nos à década de 1920 e ao livro *Populações Meridionais do Brasil*:

(...) Pretendo dar o teu livro em formato menos idiota que o de estatística. Formato populações, por exemplo, [e] neste caso dispensaremos os clichês ministeriais. Hemos que fazer [...] menores. Sendo assim, podias desde já ir escolhendo as gra[vuras] que quiseses, organizando gráficos, [esquemas], o que quiseses, pois [...] deve sair bem pintalgado. Proponho retirar as tricromias, [...] e o mais que é pessoal, histórico, mas não biológico. Hei de fazer um lindo livro – sem um erro! Verás! (...) Arruma a trouxa e vem para Campos meter mãos à grande obra que os paulistas esperam de ti: A bandeira e o bandeirante.<sup>108</sup>

A leitura desse fragmento evidencia alguns elementos que caracterizam o processo de edição de uma obra. O primeiro deles refere-se às tarefas do editor e do escritor, instâncias diferentes no processo editorial. Lobato (editor) considera importante a participação do escritor (Viana) nas decisões materiais da “construção” do livro, *Populações Meridionais do Brasil*, e na divulgação da obra entre o público leitor desconhecido: os paulistas. A análise, ainda que breve, desse processo demonstra as

---

<sup>106</sup> Francisco José de Oliveira Viana (1883-1951), historiador, sociólogo e bacharel em direito, atuou como consultor jurídico do Ministério do Trabalho e como ministro do Tribunal de Contas. Foi também membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro.

<sup>107</sup> A correspondência consultada pertence ao acervo da Casa de Oliveira Viana, localizada em Niterói, no Rio de Janeiro, e compõe um conjunto de 35 cartas endereçadas a Oliveira Viana, entre os anos de 1919 e 1939. Em abril de 1980, a casa passou a pertencer à Fundação de Artes do Rio de Janeiro (Funarj).

<sup>108</sup> A carta tem a margem direita danificada, no ponto em que estão assinaladas as rasuras do texto.

implicações que tais escolhas (capa, figuras, imagens, cores, dados, etc) têm na recepção e na leitura do texto.

A obra de Viana<sup>109</sup>, segundo Edgard Cavalheiro, está entre os quinze primeiros livros publicados pela Monteiro Lobato & Cia. A este seguiram-se outros, como o livro *Evolução do Povo Brasileiro* (1923), tema, ao que nos parece, presente na próxima carta:

Vianna

Seguem 2 meses – 1:600\$. A Evolução vai ótima, e o melhor é que se acentua a influencia do teu pensamento em tudo quanto se escreve ou planeja aqui. S. Paulo! S. Paulo é um caso seriíssimo. Quando vieres correr as zonas vais ter uma impressão 5 vezes maior do que a que esperas.

O plano da geografia das famílias é ótimo, é rara coisa de entrar no coração do pessoal. O orgulho familiar é intenso.

E a história do Brasil para crianças? Isto é que preciso. Começarás a influir no novo Brasil à moda dos jesuítas: impressionando as células virgens da meninada.

Adeus. Estou armando um negócio. Se pegar, fico o Mattarazzo das artes gráficas da América do Sul.

Depois te contarei o plano

Lobato (...)

A palavra “evolução” alude à obra *Evolução do povo brasileiro*, publicada pela Monteiro Lobato e Cia. A mesma obra, a partir de 1933, passaria a integrar a “Coleção Brasileira”<sup>110</sup> da Companhia Editora Nacional. A carta, possivelmente escrita na década de 1920, registra a boa circulação da obra entre os leitores paulistas (conhecidos e conquistados?), pouco tempo após a data de seu lançamento. A divulgação da obra e de seu autor é um dos recursos adotado por Lobato como forma de ampliar o mercado de livros.

---

<sup>109</sup> Viana publica *Populações meridionais do Brasil*, em 1920, nas edições da “Revista do Brasil” e, em 1922, o livro é reeditado pela Monteiro Lobato & Cia.; Mas antes mesmo dessa segunda edição, ainda em 1921, Lobato edita o livro *Pequenos estudos de psicologia social*. Na Editora Nacional, o primeiro lançamento de Viana é *Problemas de política objetiva* (1930), uma coleção de artigos publicados em diversos jornais durante os anos de 1918 e 1928. Mais tarde, seus livros passaram a integrar a coleção “Brasileira”, lançada em 1931 pela Editora Nacional. Integram a coleção as obras: *Populações meridionais do Brasil*, *Evolução do povo brasileiro*, *O idealismo da Constituição*, *Raça e assimilação* (1932). Nos anos 40, a coleção reedita também as obras *Pequenos estudos de psicologia social* e *Problemas de política objetiva*. VENANCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, A. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. 2004

<sup>110</sup> A Coleção Brasileira, da Editora Nacional, faz parte da Biblioteca Pedagógica Brasileira, fundada em 1931 por Fernando Azevedo.

Outros projetos editoriais são mencionados na missiva. A idéia de Viana de publicar um estudo referente à “a geografia da família” parece impressionar Lobato, no entanto, este sugere ao autor a produção de um livro escolar sobre a História do Brasil. O projeto que, aparentemente, não se realiza, pode ter sido resgatado por Lobato na adaptação infantil da obra de Hans Staden realizada em 1927.

A referência ao “Mattarazzo das artes gráficas” pode ser lida como anúncio da ousadia empresarial de Lobato, que equipava gradualmente suas editoras com o mais moderno maquinário gráfico da época. Nesse sentido, Sacchetta ressalta:

Dotado de tecnologia de ponta, esse complexo gráfico – que incluía cerca de uma dezena de linotipos para composição em geral, três monotipos, além de equipamento para costura, encadernação e acabamento, onde chegaram a trabalhar cerca de duzentos operários – entrava agora em processo de expansão. Aguardava máquinas da Europa e dos Estados Unidos, importadas para atender à crescente demanda que iam de livros a impressos os mais diversos. (SACCHETA, 2000, p.70)

Após a publicação do primeiro livro, a relação entre Lobato e Viana se mostra menos formal. Esta outra carta, a exemplo da anterior, aponta vários aspectos da política lobatiana editorial – divulgação do “novo”, atualização de obras didáticas, modernização do livro e da editora, bastidores do processo de edição. Contudo, é válido ainda considerar, na articulação entre obra, escritor e editor, o peso da influência do nome de Lobato. Sobre isso, a pesquisadora Vasda Landers comenta:

Sempre é bom lembrar que a obra sociológica “modernista” de Oliveira Viana, por exemplo, não teria sido tão rapidamente estudada e reconhecida como “a primeira *Casa Grande e Senzala*” do período modernista não fosse o esforço, empenho até mesmo exagerado, de Monteiro Lobato em publicá-la. (LANDERS, 1988, p.89)

Para a autora, a relação entre ambos está marcada não só por laços de amizade, mas também por uma forte afinidade ideológica. Viana também se volta para o “caboclo”, tratando das condições de vida do homem rural paulista, sobretudo no seu primeiro livro –

*Populações Meridionais do Brasil* – publicado por Lobato. E, além dos estudos referentes ao homem do interior, os dois autores se assemelham no estilo “direto e moderno”.

A relação entre Lobato e Viana é também objeto de estudo da pesquisadora Giselle Venancio<sup>111</sup>. Segundo Giselle, as missivas trocadas entre ambos durante 17 anos de pura amizade epistolar, já que os escritores nunca se encontraram pessoalmente, abordam temas variados – mercado editorial, literatura, política, sonhos –, mas o tema mais freqüente é a exploração do ferro e do petróleo no Brasil. Mais tarde, com a adesão de Viana ao governo de Vargas, a amizade parece ficar abalada.

Todavia, o que nos importa desta relação entre Viana e Lobato é enfatizar o projeto de constituição de uma identidade brasileira presente, naquele momento, na *Revista do Brasil*, ao qual se vincula, por sua vez, o empenho de Lobato em disseminar a obra de Hans Staden, lida sob um viés nacionalista. Trataremos, mais à frente, desta campanha editorial lobatiana.

Outros aspectos interessantes podem ser revelados se considerarmos a ligação de Oliveira Viana com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Como Viana, outros autores editados por Monteiro Lobato - Sampaio Dória, Capistrano de Abreu - estão associados ao Instituto, fato que nos levou a considerar a possível relação, mesmo que, naquele momento, mediada por esses nomes, entre Lobato e os Institutos do país.

A ligação entre Lobato e tais órgãos, no entanto, não está restrita aos seus relacionamentos profissionais e/ou pessoais com importantes membros dos Institutos. Nas diversas seções da *Revista do Brasil* encontramos referências a algumas dessas instituições, como o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Bahia. De maior relevância, no entanto, são os dados obtidos a partir dos autos do processo de falência da editora de Lobato. Há, entre os periódicos confiados à Cia. Gráfico-Editora, inúmeros impressos prejudicados com a paralisação da empresa, entre os quais está a revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo<sup>112</sup>.

---

<sup>111</sup> Op. cit.

<sup>112</sup> Tais dados foram obtidos a partir de documentos do processo de falência da Cia. Gráfico-Editora, resgatados pela pesquisadora Cilza Bignotto em seu trabalho de doutorado.

Instigados com os dados, levantamos a hipótese de que a relação - direta ou indireta - de Lobato com os Institutos o tenha influenciado na escolha da obra de Hans Staden, como primeiro livro publicado pela nova editora – a Companhia Editora Nacional.

O projeto da Editora Nacional nasce paralelo à falência da Cia. Gráfico Editora. Nesse ínterim, Lobato avalia a experiência adquirida ao longo de seu trabalho de editor e a usa como orientação para manter em andamento a formação da nova editora. Na carta endereçada a Rangel, de agosto de 1925, alguns de seus planos são descritos:

Pensamos em propor concordata em 50%, mas eu torço pela liquidação. (...) Havendo liquidação, lançaremos sem demora a Companhia Editora Nacional, pequenina, com o capital de 50 contos em dinheiro e 2000 em experiência – e em poucos anos ficaremos ainda maiores que o arranha-céu que desabou. (...) O que nos fez mal foi a montagem daquela enorme oficina. A nova empresa será só editora – imprimirá em oficinas alheias. (...) Podes continuar a traduzir os contos shakesperianos. Não pares, como nós aqui, mesmo debaixo dos escombros não paramos. Parar é morrer<sup>113</sup>. (p.195)

A Cia. Editora Nacional, sediada no Rio de Janeiro, é criada em setembro de 1925 com um capital de 50 contos de réis e nove sócios, entre eles Octalles Marcondes Ferreira. O nome de Lobato, no entanto, só se integra formalmente entre os sócios em 1926.

A editora cresce rápido. Com a venda de uma casa lotérica em São Paulo, Octalles e Lobato ampliam para cem contos de réis o capital da empresa e com tal importância adquirem o estoque de livros da companhia falida. O estoque, avaliado em dois mil contos, é negociado por trezentos contos e pagos em parcelas, com o produto da venda do próprio lote arrematado. Em dezembro de 1926, com a transferência da matriz para São Paulo, a empresa já conta com um aumento de capital de trezentos contos. Pouco tempo depois, antes de afastar-se da direção da empresa, Lobato-editor volta aos tempos de lucro e prestígio, assim como sucedera com as antigas editoras, comemorando o alto movimento das vendas.

A escolha da obra que dá início às atividades da Cia. Editora Nacional também é anunciada na correspondência com Rangel, em carta de 8 de outubro de 1925, transcrita na

---

<sup>113</sup> LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. II Tomo.

epígrafe: “A nova companhia está fundada e com todas as rodas girando. Eu e o Octalles, só. Primeiro livro dado: o meu *Hans Staden*. Outros virão.”

A obra *Meu cativo entre os selvagens do Brasil* é publicada em outubro de 1925, com a tiragem de três mil exemplares. A boa recepção do livro promove a segunda edição em março de 1926 e a terceira em junho de 1927. O balanço da empresa aponta a publicação de oito mil exemplares da edição da obra de Hans Staden meses depois de seu lançamento. O sucesso da obra entre o público é, mais uma vez, registrado em carta a Rangel, datada de 26 de janeiro de 1926:

Mando-te um *Staden*, a edição primogênita da nova companhia e, por coincidência, o primeiro livro que se publicou sobre o Brasil. É obra realmente interessante e merecedora do sucesso que tem tido. A edição inicial está no fim. Vamos tirar outra e maior.<sup>114</sup> (P.287)

No prefácio da primeira edição da obra, Lobato justifica a importância da publicação para a cultura brasileira, dizendo ser este um inédito documento sobre os primórdios do Brasil e sobre a cultura indígena. A linguagem, porém, voltada para historiadores e antropólogos, compromete a propagação da obra entre os leitores comuns. Em função disso, o autor se propõe a reorganizá-la, dando ao texto forma literária:

Mas esta obra, que devia andar no conhecimento de todos os brasileiros, viveu até hoje restrita aos estudiosos por falta de uma coisa só: ordem literária. Sem este tempero, por mais interessante que seja, não consegue uma obra vulgarizar-se. Com esta edição fazemos uma tentativa neste sentido. Ordenamo-a literariamente, com o mais absoluto respeito ao original, de modo que venha lucrar em clareza sem prejuízo do caráter documental.<sup>115</sup> (P. 3-4)

Assim como os Institutos Histórico e Geográfico (IHGB e IHGSP), primeiros tradutores da obra de Hans Staden em língua portuguesa, a valorização da obra é feita sob o viés dos estudos históricos. O nacionalismo de Lobato (ou a formação de uma “consciência

---

<sup>114</sup> Ibid., p. 3-4.

<sup>115</sup> LOBATO, Monteiro. *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*.

nacionalista<sup>116</sup>) prega a valorização da realidade brasileira, desde a incorporação, na língua, de termos regionais e coloquiais, até a recuperação das raízes locais (as figura do Saci ou do índio) e a exposição dos problemas que assolam a população brasileira, sem a máscara do discurso ufanista. A isso acrescenta-se ainda o combate aos modismos culturais importados da Europa. Nesse contexto, a busca de obras que reforçam a rubrica da “brasilidade” pode ser entendida como uma segunda pista para a justificativa do trabalho com a obra de Staden.

Segundo Edgard Cavalheiro, o projeto de publicação da quarta edição da obra de Staden, organizada por Lobato, faz parte das atividades programadas pelo autor para o ano de 1941. Neste período, Lobato busca recursos para sua viagem à Argentina:

E sentado na máquina, [Lobato] traça um “programa” de vida, dando balanço do que poderá contar para o ano de 1941. O item primeiro trata das reedições das obras esgotadas. (...) Depois vem “Hans Staden”, formato grande e de luxo, como a edição alemã, com o seu texto antigo e adaptado do prefácio e das notas da edição original. (...) Todos estes planos são maduramente estudados e postos no papel pelo escritor, que teme dar um salto no escuro. Não quer ir para o estrangeiro sem estar economicamente amparado<sup>117</sup>. (p.86-87)

Ainda que sustentado pela necessidade financeira, o projeto de edição do livro de Hans Staden se concretiza. Em agosto de 1945, uma nova edição vem a público, agora ampliada e atualizada, como previa o escritor. O livro *Hans Staden: suas viagens e cativo entre os índios do Brasil* é lançado pela Editora Nacional e pertence à seção “História e Biografia” da coleção Biblioteca do Espírito Moderno, 3ª série, vol.39.

A boa acolhida das primeiras versões lobatianas da obra de Staden talvez justifique a iniciativa do escritor em adaptar a obra para o público infantil. No prefácio da primeira edição de *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*, 1925, o próprio escritor apresenta a sugestão de levar a obra ao alcance do público infantil, como um livro de valor documental

---

<sup>116</sup> Segundo o pesquisador Enio Passiani, o termo “consciência nacionalista”, empregado pelos fundadores e colaborado da *Revista do Brasil*, representa uma das diretrizes do programa editorial da revista. A comunhão entre as propostas do periódico e as idéias de Lobato, principalmente no que tange à construção do caráter nacional, torna o escritor colaborador assíduo da Revista.

<sup>117</sup> CAVALHEIRO, 1962, passim.

sobre a História do Brasil - “É obra que deveria entrar nas escolas, pois nenhuma dará aos meninos a sensação da terra que foi o Brasil em seus primórdios”<sup>118</sup> (P.4). Lobato, que em 1921 havia, aparentemente, distribuído 500 exemplares de *Narizinho arrebitado* para uso nas escolas públicas e, em abril do mesmo ano, lançado o livro infantil *O Saci*, estaria anunciando uma possível versão da obra para as crianças, lançada anos mais tarde?

A adaptação lobatiana para o público infantil da obra de Hans Staden é publicada em julho de 1927, pela Cia. Editora Nacional, com o título “*Aventuras de Hans Staden: o homem que naufragou nas costas do Brasil em 1549 e esteve oito meses prisioneiro dos índios tupinambás; narradas por Dona Benta aos seus netos Narizinho e Pedrinho e redigidas por Monteiro Lobato*”.

O livro é sistematicamente reeditado, atingindo, no ano de 1994, a 32ª edição. A adaptação de Lobato teve ainda uma versão em espanhol, traduzida por M. J. de Sosa e publicada, pela primeira vez, em Buenos Aires, no ano de 1945<sup>119</sup>.

Como podemos ver, a obra do viajante alemão alcança um significativo sucesso entre as publicações da Cia. Editora Nacional. No entanto, prosseguindo nesse viés histórico, não é a única narrativa de viagem publicada por Lobato. Em 1926, a obra de Jean de Léry é editada pela Nacional: *História de uma viagem à terra do Brasil*. Os mesmos critérios utilizados na organização da obra de Staden são adotados para o trabalho de Léry; são eles: a valorização da obra como importante documento para a história cultural do país e a revisão do texto repleto de termos antigos e enfastiantes:

Num país de mais cultura e mais amor às suas coisas todas estas obras iniciais andariam de mão em mão e nas escolas (...) É mister muitas vezes decifrar-lhe o pensamento, tão enleado no-lo apresenta em períodos longos, inçados de transposição, repetições, logomaquias, anfiguris, hipérbatos, amontoamento de conjuntivas e quanta mais ganga inútil põem os maus escritores a envolver as idéias. Seu estilo vale por carrascal encipoadado e espinhento, dos que exigem picadas a facão<sup>120</sup>. (6)

<sup>118</sup> LOBATO, Monteiro. *Meu captivo entre os selvagens do Brasil*.

<sup>119</sup> Vê-se, em anexo, um quadro com o levantamento das diferentes edições de *Aventuras de Hans Staden*. Tais dados serão analisados detalhadamente no capítulo terceiro desta dissertação.

<sup>120</sup> LOBATO, Monteiro. *História de uma viagem feita à terra do Brasil*.

A obra de Léry não alcança o mesmo êxito que de Hans Staden. Todavia, como já dito anteriormente, o trabalho de Léry e Staden são tomados como referência para os estudos de etnografia no país.

Com o trabalho de comparação das diferentes edições do texto de Hans Staden, publicados pela Cia. Editora Nacional, procuraremos acompanhar o processo de tradução e adaptação de Lobato.

Antes de procedermos à análise comparativa das obras, desenvolvemos breves considerações acerca do papel de Lobato enquanto tradutor. Ainda que, como já sabemos, não tenha partido do original, acreditamos que a compreensão do trabalho de Lobato com o texto estrangeiro possa, entre outras coisas, justificar a escolha da tradução de Aberto Löfgren como referência ao trabalho de organização literária do texto de Hans Staden.

### **2.3 A língua do tradutor.**

No período da faculdade, na vida ociosa como promotor em Areias, na tranqüilidade da Fazenda Buquira ou mesmo nos tempos em que se vê consagrado como escritor, Lobato está sempre às voltas com traduções. Segundo Cavalheiro, os primeiros ganhos de Lobato em trabalhos intelectuais é proveniente da tradução de artigos do jornal londrino *Weekly Times* para o jornal *Estado de São Paulo* e para outros de pequena circulação. Mais tarde traduz, como hobby, alguns de seus autores prediletos: Nietzsche, Klipping e, na função de editor, entre alguns projetos de divulgação de textos estrangeiros, faz adaptações da obra de Hans Staden e Jean de Lery; mas, somente após regressar dos Estados Unidos, a atividade de tradutor é exercida como meio de vida.

Nessa época, Lobato verte para língua portuguesa uma grande quantidade de obras, especialmente de literatura inglesa e norte-americana<sup>121</sup> (autores como Klipping, Twain, Defoe, Wells, entre outros), razão pela qual muito de seus críticos questionam a autenticidade e a qualidade de suas traduções. A correspondência trocada com Rangel

---

<sup>121</sup> Consultar, a respeito das traduções lobatianas, a pesquisa de doutorado de Adriana Silene “*Viagens de Gulliver ao Brasil: estudo das adaptações de Gulliver’s Travels por Carlon Jansen e por Monteiro Lobato*”. 2004

registra o volume de seu trabalho como tradutor, a exemplo da carta de 16/06/1934: “Tenho empregado as manhãs a traduzir, e num galope. Imagine só a batelada de janeiro até hoje: Grimm, Andersen, Perrault, *Contos* de Conan Doyle, *O homem Invisível* de Wells e *Pollyana Moça*, *O livro da Jungle*.<sup>122</sup>”

Além de assegurar o sustento da família, o trabalho como tradutor lhe garante ainda, nos períodos mais difíceis, a possibilidade de fuga da realidade. “A tradução” – dizia – “é minha pinga. Traduzo como o bêbedo bebe: para esquecer, para atordoar. Enquanto traduzo, não penso na sabotagem do petróleo<sup>123</sup>”. Ainda que, neste caso, a justificativa seja o insucesso com a campanha do petróleo, esse não é o único momento em que a tradução é o “remédio” para seus males. Na missiva de 19 de Abril de 1941 a Benjamim de Garay<sup>124</sup>, o ofício lhe serve de refúgio para os dias vividos na prisão: “Aproveito o tempo traduzindo o Kim de Kipling, e essa estadia na Índia me faz esquecer de maneira mais completa a prisão”.

A tradução é, portanto, assunto central em muitas cartas e artigos do escritor, a partir dos quais é possível resgatar e definir conceitos de tradução por ele propostos: o papel do tradutor, o caráter cultural da tradução, o “modelo ideal” de tradução, a questão da autoria, etc. Em sua tese, a pesquisadora Adriana Vieira realiza tal trabalho, sistematizando e examinando o que define como “teoria lobatiana de tradução”.

Um dois aspectos abordados por Lobato é o papel da tradução como mediadora da cultura entre povos de línguas distintas. A circulação de novas literaturas está associada ao crescimento intelectual da nação e, por extensão, ao enriquecimento do país:

A literatura dos povos constitui o maior tesouro da humanidade, e povo rico em tradutores faz-se realmente opulento, porque acresce a riqueza de origem local com a riqueza importada. (...) Bem consideradas as coisas, um homem que apenas conheça o português fica com seu horizonte espiritual deveras trancado. (128/129)

Segundo o escritor, os editores brasileiros publicam prioritariamente traduções de obras francesas e espanholas, enquanto que línguas como inglês, alemão, russo,

<sup>122</sup> Carta de 16/06/1934 In: LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*, II Tomo, p.327.

<sup>123</sup> Carta de 15/04/1940, *Ibid.*, p.334.

<sup>124</sup> NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM: Record, 1986. p.237

consideradas de difícil tradução, seguem a margem do movimento editorial. O quadro se altera somente com o aumento de publicações de obras estrangeiras de raízes não latinas e, em contrapartida, com a aceitação dessa nova literatura pelo público:

A novidade era absoluta. Livros arejados, cinematográficos, de cenário amplíssimo – não mais a alcova de Paris. Almas novas e almas fortes, violentíssimas, caracteres shakespearianos, kiplinguianos, Jacklondrinos – novos, fortes, sadios. (...) Só então os leitores começavam a dar tento ao mérito das traduções. (127)

É válido destacar, paralela à intenção de Lobato de incentivar a publicação de novas literaturas estrangeiras, sua “francofobia”, já que é também notável a crítica lobatiana à sociedade brasileira da época, ainda grande consumidora de modismos franceses, seja na literatura, nas artes, costumes ou vestimentas.

A ampliação dessa nova literatura, no entanto, traz à tona outras questões: a primeira delas diz respeito à reação de autores nacionais contra o fato de se publicarem autores de fora enquanto eles permanecem no anonimato; a segunda está relacionada à qualidade das traduções. Com a preocupação de lançar um grande número de traduções no mercado, os editores oferecem, muitas vezes, textos até “ininteligíveis” ao público leitor. Mas se a primeira questão é tratada de maneira bastante irônica pelo escritor – “Realmente era um desaforo. Dar Kipling, Jack London, Dickens, Tolstoi, Chekow e outros quando poderíamos dar Almeidas, Sousas, Silvas, etc.” – o mesmo não acontece quando se trata de definir a (s) tarefa (s) do “bom” tradutor.

Para Lobato, a prática da tradução requer muito do tradutor, que necessita conhecer a fundo a obra e o autor estrangeiro para poder interpretá-lo e não somente transcrevê-lo, palavra por palavra, em sua língua materna. A tradução literal é veementemente condenada pelo escritor:

Se a tradução é literal, o sentido chega a desaparecer; a obra torna-se ininteligível e asnática, sem pé nem cabeça (...). (117)

Em carta a Diaulas Rieder<sup>125</sup>, escrita na década de 40, o conceito de ‘literal’ parece não se alterar:

A tradução de fidelidade literal, isto é, de fidelidade à forma literária em que, dentro da sua língua, o autor expressou o seu pensamento, trai e mata a obra traduzida. O bom tradutor deve dizer exatamente a mesma coisa que o autor diz, mas dentro da sua língua de tradutor, dentro da sua forma literária; só assim estará realmente traduzindo o que importa: a idéia, o pensamento do autor. Quem procura traduzir a forma do autor não faz tradução – faz uma horrível coisa chamada transliteração, e torna-se ininteligível. (147)

A idéia de “uma língua do tradutor” pode desdobrar-se na de “abrasileiramento da linguagem”, concepção empregada por Lobato não só na tradução de textos estrangeiros, mas nas “revisões” de obras em língua portuguesa, com o intuito de torná-las mais claras e acessíveis ao leitor comum, a exemplo do trabalho realizado com a obra *Meu cativo entre os selvagens do Brasil* (1925), na qual nos deteremos mais adiante. No caso de textos estrangeiros, é possível verificar, como bem nos aponta Adriana Vieira, a preocupação de Lobato em não só importar tal literatura, mas ao trazê-la, inseri-la no “espaço e na cultura nacional”, seja através da forma, da linguagem ou de adaptações livres. Para tanto, o tradutor precisa de autonomia sob o texto original.

À concepção lobatiana de tradução vincula-se também a temática da oralidade. O tradutor deve reescrever o texto como quem ouve uma história e a conta com suas próprias palavras. O tradutor é, nesse sentido, antes de tudo, um leitor: “Há muitas maneiras de ler. Talvez que a mais profunda seja a de quem verte um livro para outra língua<sup>126</sup>”. No processo de adaptação de algumas de suas obras para o público infantil – *Aventuras de Hans Staden* (1927), *Peter Pan* (1930), *Dom Quixote das Crianças* (1936) – é possível observarmos a inserção da figura de um contador de histórias, representado, na maioria das vezes, pela avó D. Benta.

---

<sup>125</sup> LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1951. II Tomo. Carta endereçada a Diaulas Riedel, diretor da empresa Editora O Pensamento, em 1945.

<sup>126</sup> LOBATO, Monteiro. Conferência, artigos e crônicas. P.221

Em cartas e artigos, Lobato trata ainda da condição do tradutor que, diferentemente do escritor, parece não estar capacitado a criar. Segundo o escritor, durante muito tempo a figura do tradutor esteve – e talvez ainda esteja (?) – subordinado à do escritor, à do editor e até mesmo à do público, quando este não reconhece seu mérito. Nesse contexto, Lobato parte em defesa do tradutor, que “são os maiores benfeitores que existem, quando bons; e os maiores infames, quando maus”. (128) Mas são, sobretudo, os maiores responsáveis pela divulgação de obras e culturas alheias. “Para o tradutor não haverá nunca remuneração econômica, nem glória, nem sequer gratidão dos homens; só há insultos quando não faz o trabalho perfeito”. Mais tarde, Lobato complementa: “E, pois, benditos sejam os editores inteligentes que descobrem bons tradutores, e malditos sejam os que entregam obras primas da humanidade ao massacre dos infames *tradittores*.” (130)

No caso de Lobato, a imagem de escritor consagrado, muitas vezes, lhe garante de antemão a repercussão ou mesmo a qualidade de seu trabalho como tradutor. É comum o uso do seu nome como estratégia de marketing pelas editoras (Nacional e Brasiliense), principalmente em adaptações para o público infantil.

Além de discutir diferentes aspectos da prática de tradução, Lobato mostra-se ainda atento à qualidade das traduções de suas obras, como ilustra a missiva abaixo transcrita<sup>127</sup>:

Isso de traduções é uma eterna lastima. Alguns de meus contos aparecidos em revistas de Buenos Aires são até de irritar. (...) Mas insisto em obter traduções como as entendo. Essas traduções infamérrimas que vejo por aí, não as quero de maneira nenhuma. Mas é difícil...<sup>128</sup> (266)

---

<sup>127</sup> A relação entre Lobato e a Argentina é objeto de estudo da pesquisadora Thaís de Mattos Albieri, também integrante do projeto temático sobre Monteiro Lobato, em sua tese de doutorado, ainda em desenvolvimento (São Paulo-BuenosAires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina/ FAPESP: 05/50530-0).

<sup>128</sup> LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. II Tomo. Carta de 30/07/1924

O papel de “fiscalizador” de traduções é assumido também quando, a pedido do ex-sócio Octalles, Lobato atua como revisor das traduções publicadas pela Editora Nacional:

Ando a fiscalizar as traduções para Octales, e bom dinheiro perde ele com essa fiscalização! Mas, faça-se justiça: perde-o com prazer. Prefere perder dinheiro a enfiar no público uma tradução que eu condene. Que outro editor faz isto? (327)

Em seu trabalho, Vieira apresenta relevantes considerações sobre a postura de Lobato como adaptador infantil. Segundo ela, Lobato lida de diferentes maneiras com o texto estrangeiro, seja traduzindo-o, adaptando-o ou ainda incluindo personagens estrangeiras (Peter Pan, Dom Quixote, Pinóquio, princesas dos contos de fadas e até figuras mitológicas) em sua obra infantil:

A metáfora da “fuga” dos personagens do livro da Carochinha<sup>129</sup> para viverem no Sítio é tão expressiva quanto teorias como a de Oswald de Andrade, em seu “Manifesto Antropófago” para tratar da relação do artista brasileiro com a cultura estrangeira. Lobato, em vários momentos, apresenta na fala de seus personagens uma idéia que seria posta em prática ao longo de toda sua produção infantil, **a criação de novas histórias com personagens estrangeiras.** (105) [Grifo da autora]

Podemos acrescentar que, além de uma linguagem nova, com recursos que exploram a oralidade e a fácil interpretação dos conteúdos pelo público infantil, o escritor cria também formas inventivas de relacionar personagens universais à realidade da criança brasileira, ainda que para isso modifique, em alguns casos, elementos do enredo original. Em *Aventuras de Hans Staden* (1927), analisado detalhadamente no terceiro capítulo dessa dissertação, Lobato insere no enredo a figura do pai de Staden, o

---

<sup>129</sup> Trata-se da obra lobatiana *Reinações de Narizinho*, de 1931.

que aproxima a narrativa do clássico infantil *Robinson Crusoe* – também adaptado por Lobato para o público infantil brasileiro – e acentua o sentido aventureiro do texto.

A discussão sobre os papéis de adaptador e/ou tradutor desenvolvidos por Lobato é destaque, segundo Adriana, no trabalho realizado com o texto *Alice in Wonderland*, de Lewis Carroll. A pesquisadora Nilce Pereira classifica a versão lobatiana da obra como uma “condensação disfarçada”, já que além de reduzir a narrativa, o escritor desconsidera os trocadilhos da língua inglesa empregados por Carroll. Para Adriana, trata-se uma adaptação e não de uma “tradução literal”, conforme identifica Nilce. À isso, acrescenta-se ainda certa “sacralização” do texto de Carroll, que, nesses termos, assume um status de “intraduzível”, o que é bastante questionável. Em seguida, partindo do pressuposto de que a tradução é na verdade uma leitura do texto (ARROYO, 1992, p.11,12 apud VIEIRA, 2004, p.112), Vieira acredita que adaptação lobatiana é uma leitura da obra, “que reconta a história como quem ouve de alguém, e lhe acrescenta ou retira fatos.” (112) Nesse sentido, Adriana busca, nas palavras do próprio Lobato no prefácio da obra, dados que justifiquem suas escolhas, num trabalho de livre adaptação:

Traduzir é sempre difícil. Traduzir uma obra como a de Lewis Carroll, mais que difícil, é difícilimo. Trata-se do sonho de uma menina travessa – sonho em inglês, de coisas inglesas, com palavras, referências, citações, alusões, versos, humorismo, trocadilhos, tudo inglês, isto é, feita exclusivamente para a mentalidade dos inglesinhos.

O tradutor faz o que pode, mas pede aos pequenos leitores que não julguem o original pelo arremedo. Vai de diferenças a diferenças das duas línguas e a diferença de duas mentalidades, a inglesa e a brasileira (...)

As crianças brasileiras vão ler a história de Alice por artes de Narizinho. Tanto insistiu esta menina em vê-la em português (Narizinho ainda não sabe inglês), que não houve remédio, apesar de ser, como dissemos, uma obra intraduzível.<sup>130</sup>

---

<sup>130</sup> CARROLL, Lewis. *Alice nos país das maravilhas*. Tradução e adaptação: Monteiro Lobato. São Paulo: Brasiliense, 1960.

A idéia de ler a obra sob uma nova perspectiva é também empregada em *Aventuras de Hans Staden*, em que a história de Hans Staden é contada por Dona Benta a partir do ponto de vista lobatiano: resgate da figura do índio como símbolo nacional, ênfase nas cenas de aventura, redução da narrativa, questionamento de aspectos ligados à religião, cultura e história.

Na organização das reedições das obras, os trabalhos de editor e escritor, desenvolvidos por Monteiro Lobato, muitas vezes se mesclam. Além de alterar capas, títulos, ilustrações, Lobato modifica também os textos, ampliando ou excluindo trechos, reescrevendo prefácios e dedicatórias. O exame dessas mudanças traz junto um estudo do processo de escrita do texto lobatiano.

A análise desse processo – *uma possível análise, entre tantas* – requer considerarmos, de um lado, as diferentes hipóteses para tais mudanças (alteração do público, modo de produção e recepção da obra etc) e, por outro, as diferentes “funções” desempenhadas por Lobato (editor, tradutor, escritor). Elegemos, então, a obra de Löfgren como ponto de partida de nossos estudos. Segue-se a isso o estudo das diferentes edições da obra *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*, e, num terceiro momento, o processo de adaptação desta última para o público infantil.

#### **2.4 Hans Staden em suas diferentes versões.**

A história de Hans Staden, narrada em 1º pessoa, começa com um breve relato de suas origens na Alemanha, de onde parte com o intuito de conhecer as Índias. A vida no mar, embora cheia de surpresas, desperta o desejo de conhecer novos lugares e, sobretudo, de exercer uma atividade lucrativa compensadora. Em 29 de abril de 1547 Staden dá, então, início à saga de suas aventuras.

De Bremen, Hans Staden parte para Holanda e depois para Portugal. Em Lisboa, no entanto, não encontra embarcações para as Índias e engaja-se como artilheiro em uma nau rumo ao Brasil. Logo na sua primeira viagem, o aventureiro comprova os perigos da vida do mar, enfrentando navios de mouros e franceses e violentas tempestades. Em terra, vive também arriscada aventura em meio ao conflito entre índios e portugueses da região de Olinda, onde deveriam abastecer o navio de mercadorias e guarnições para a volta à

Europa. Após uma viagem de dezesseis meses, Staden retorna, em 8 de outubro de 1558, a Portugal.

A experiência da primeira viagem, no entanto, não é suficiente para manter Hans Staden em terra e, em 10 de abril 1550, o protagonista parte em companhia dos espanhóis para uma nova jornada que terá, desta vez, conseqüências funestas.

De Sevilha, na Espanha, três embarcações partem para América. A caravela em que está Hans se afasta das outras e por várias vezes quase naufraga, até alcançar a Ilha de Santa Catarina, local de encontro com as demais caravelas. Depois de algum tempo de espera, somente uma delas chega à ilha; da terceira nunca mais se soube. Ali, antes mesmo de prosseguir viagem, uma forte tempestade destrói outra embarcação. Hans Staden e os espanhóis sofrem inúmeras privações, alimentando-se de ratos e ostras, sentindo frio e fome. A única caravela disponível não suporta toda a tripulação, o que faz com que o grupo se separe. Parte dos homens viaja por terra até Assunção e o restante, entre eles Staden, segue na nau até as terras de São Vicente, povoada por portugueses. Próximo a São Vicente, novo naufrágio acontece, porém, todos se salvam.

A região de São Vicente é habitada por índios Tupiniquim, na costa, índios Carijô, ao sul, e índios Tupinambá, ao norte, estes últimos, inimigos dos Tupiniquim e, conseqüentemente, também dos portugueses, seus aliados. Com os sucessivos ataques ao povoado, os habitantes constroem, próximo a São Vicente, em Bertioga e na ilha de Santo Amaro, fortificações para a defesa contra os ataques dos Tupinambá. Não havia, contudo, quem se aventurasse a aceitar o posto de artilheiro. Com a chegada do jovem alemão, hábil na artilharia, os colonos oferecem, em troca do seu trabalho, além do comando do lugar e o pagamento, a indicação de seu nome ao rei de Portugal, que costumava ser bastante generoso com aqueles que o ajudavam na manutenção das terras recém conquistadas.

Hans Staden compromete-se a ficar no posto por quatro meses, dentro dos quais deveria chegar à região Tomé de Souza, primeiro governador-geral do Brasil. Diante da necessidade de mantê-lo no forte, o governador propõe ao artilheiro que permaneça durante mais algum tempo na função. Para tanto, Staden receberia, findado os dois anos de trabalho, a garantia de volta a Portugal na primeira nau para lá receber o pagamento pelos serviços prestados à realeza. No forte, Staden passa a maior parte do tempo em companhia de outros dois homens e, apesar de bem armado, vive em constante perigo, sob vigilância

dia e noite. Duas vezes ao ano são obrigados a redobrar os cuidados: em agosto, época da piracema, em que os índios costumam atacar para roubar-lhes as provisões, e em novembro, período de colheita do *abati*, fruta com a qual preparam uma bebida, chamada *cauim*, tomada nas cerimônias de morte dos inimigos.

A mata é o único local para obter alimentos e lá Hans Staden é preso pelos índios Tupinambá. Ferido na perna, o prisioneiro é levado nu para a aldeia dos indígenas, onde, tido como um *pero*, como eram chamados os portugueses, é várias vezes torturado e ameaçado de morte. Na aldeia, tiram-lhe a barba e as sobrancelhas, amarrando em seu corpo chocalhos e penas, com os quais é obrigado a dançar. Depois de algum tempo entre os indígenas, Staden insiste em dizer que não é português e, como os selvagens, também é amigo dos franceses. Nesse ínterim, aparece um francês que, ao desmentir sua ligação com os franceses, tira-lhe as esperanças de vida.

Hans acompanha os hábitos e costumes da tribo presenciando, inúmeras vezes, o ritual antropofágico dos habitantes da aldeia. Conhece Cunhambebe, chefe indígena, a quem fala dos poderes de seu Deus. Acreditando nas palavras do prisioneiro, os índios recorrem, em diferentes situações, ao Deus de Staden, a fim de obterem sucesso em suas empreitadas. Assim, consegue Hans manter-se vivo durante sua estada entre os índios Tupinambá. Após inúmeras tentativas, consegue finalmente convencê-los, em troca de mercadorias, a que lhe permitam voltar com os franceses para junto de seus irmãos.

No caminho para Europa, quando pensava estar livre de qualquer perigo, Hans Staden é brutalmente ferido no confronto entre navios franceses e portugueses, mas se recupera. E, em fevereiro de 1555, chega à França, de onde parte para sua terra natal.

A narrativa de Staden está dividida em duas partes: na primeira, o autor descreve, em 53 capítulos, as aventuras de suas duas viagens ao Brasil, permanecendo, em uma delas, preso entre índios Tupinambá. Este primeiro trecho é ilustrado com 31 figuras comentadas. A segunda parte, intitulada *Um breve e verídico relato sobre os costumes e os rituais dos Tupinambá* (*Wahrhaftiger Kurzer Bericht über Sitten und Gebräuche der Tupinambá*) é composta por 38 capítulos e 21 ilustrações. Não há, no entanto, correspondência precisa entre as ilustrações da obra e as divisões capitulares do texto. Em um capítulo conclusivo, Staden dirige-se diretamente ao leitor, ressaltando o sentido religioso de seu trabalho e

descrevendo sua volta à Europa, concedida também graças ao poder divino. Todos os capítulos do livro são intitulados e seus títulos resumem o conteúdo da narrativa.

A obra<sup>131</sup> traz como paratexto<sup>132</sup> o frontispício da primeira edição de Hans Staden, a Oferta, em que Staden dedica seu trabalho ao príncipe Felipe; o prefácio do professor Dryander, também oferecido ao monarca alemão; a oração em agradecimento a Deus e a descrição do conteúdo do livro. A versão em língua alemã consultada inclui ainda um posfácio, ausente, entretanto, nas traduções de Löfgren e de Lobato.

A tradução de Alberto Löfgren, intitulada *Hans Staden: suas viagens e cativo entre os selvagens do Brasil*, é publicada em 1900 pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em comemoração ao 4º centenário do Brasil. Seu tamanho é de 15 cm x 23 cm (aproximadamente), com 166 páginas. A obra traduzida a partir da segunda edição alemã<sup>133</sup>, publicada em Marburgo (1557), segue a mesma divisão capitular acima descrita, alterando, contudo, o número de paratextos: são incluídos o prefácio do tradutor e, ao fim, uma nota explicativa<sup>134</sup> de Theodoro Sampaio, responsável pela transcrição dos nomes e lugares citados por Staden.

Em seu prefácio, Löfgren apresenta justificativas para criar uma nova versão em língua portuguesa partindo, entretanto, do alemão. Para ele, a tradução da obra de Staden realizada por Alencar Araripe, a primeira em português, de 1892, ainda que fiel à versão francesa (traduzida, por sua vez, do latim) da qual foi traduzida, está muito distante do original estilo do autor. Além da tradução brasileira, Löfgren menciona outras versões da obra, publicadas durante os séculos XVI e XIX, entre as quais dá especial ênfase à tradução

---

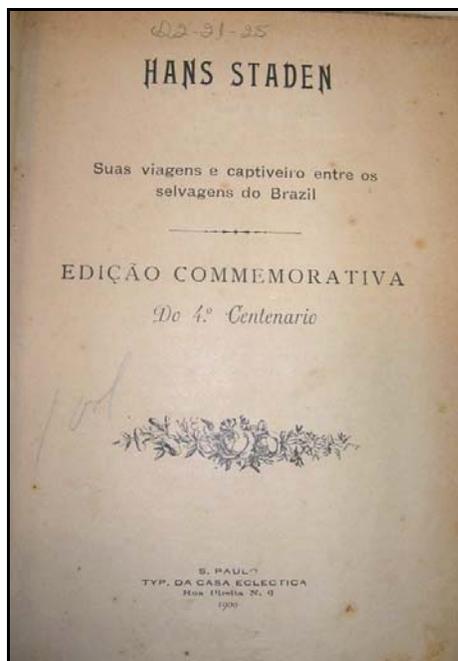
<sup>131</sup> A referência é a versão alemã, publicada em 1963, por Karl Fouquet.

<sup>132</sup> O termo “paratexto” é utilizado por G. Genette para designar “a apresentação editorial, o nome do escritor, os títulos, dedicatórias, epígrafes, prefácios, notas, etc. Se trata, pois, de quantos elementos verbais e gráficos acompanham o texto, formando parte do discurso literário que constitui a obra.” (p.804). In.CALDERÓN, Demetrio Estébanez. Diccionario de términos literarios.

<sup>133</sup> A edição alemã com a qual Löfgren trabalha é adquirida em Paris pelo Dr. Eduardo Prado.

<sup>134</sup> Sampaio justifica, num apêndice, a ausência das notas no corpo do texto. Em função do pouco tempo para tradução da obra, que deveria ser publicada na data da comemoração do quarto centenário do Brasil, o texto foi composto e impresso sem notas explicativas. Entretanto, diante da importância de tais notas para auxiliar o leitor na compreensão do texto, as mesmas foram incluídas no fim do livro antes de sua publicação.

inglesa<sup>135</sup> de Albert Tootal, com anotações do cônsul inglês Richard F. Burton<sup>136</sup>, considerada por ele a melhor delas.



**Fig. II** - Folha de rosto da obra de Hans Staden, tradução de Albert Löfgren.

Na sua tradução, Löfgren mantém a linguagem do original, conservando a grafia dos nomes e até as imperfeições do texto como tentativas de se aproximar do estilo do escritor:

Deliberamos então cingir-nos estritamente ao método e linguagem do autor, conservando integralmente a ortografia dos nomes próprios dos lugares, coisas e pessoas e, quando possível, o próprio estilo simples e narrativo, com todas as imperfeições, e quer-nos parecer que no nosso modesto trabalho não haja a menor omissão.<sup>137</sup> ( p.7)

<sup>135</sup> A tradução inglesa da obra de Hans Staden, realizada por Albert Tootal, com notas de Richard F. Burton, é feita a partir da segunda edição alemã e publicada em 1874.

<sup>136</sup> Richard Francis Burton (1821-1890), explorador e orientalista inglês, foi também cônsul britânico em Santos no ano de 1864. Entre seus trabalhos como tradutor e escritor, a tradução das *Mil e Uma Noites* tem notável difusão, além de publicações como *Primeiros Passos pela África Oriental* (em que narra a sua viagem a Harar), *Regiões Lacustres da África Central*, *Embaixada a Gelele*, *Rei do Daomé*, *As Minas de Ouro de Midian e as Cidades Medianitas em Ruínas*, entre outros. Disponível em [www.vidaslusofanas.pt](http://www.vidaslusofanas.pt) último acesso em 25/07/2006.

<sup>137</sup> LÖFGREN, Alberto. *Hans Staden: suas viagens e cativeiro entre os selvagens do Brasil*.

As palavras do tradutor já podem nos fornecer elementos para justificar as mudanças realizadas por Lobato em seu trabalho com a obra de Hans Staden, a partir do texto de Löfgren. Nesse sentido, acreditamos que a primeira motivação para tais alterações é o público leitor.

Para Lobato, conforme já dito anteriormente, as traduções literais comprometem a leitura e, por extensão, a popularização da obra de Staden entre leitores comuns. A idéia de um público leitor diferente para cada tipo de texto implica, conseqüentemente, em tipos diferentes de leitura. A leitura feita sob uma perspectiva histórica estaria, a princípio, mais detida às informações (de caráter social, econômico e histórico) do Brasil seiscentista presentes na obra. A leitura não-histórica enfatizaria o sentido aventuresco do texto, sem desconsiderar, naturalmente, seu valor documental. A essa suposta preocupação com a ampliação do público leitor acrescenta-se o trabalho de adequação do texto.

As transformações no texto buscam a constituição de uma linguagem mais simples, que garanta uma leitura reflexiva, porém, dinâmica e, para isso, Lobato se vale de vários recursos: simplificação vocabular, inversões de frases, resumos, cortes de adjetivos, diminuição de trechos, modificações que possibilitem uma leitura mais imediata da narrativa. É possível assim perceber que as alterações realizadas por Monteiro Lobato não estão apenas associadas a um processo comum de lapidação, mas também a sua concepção de texto literário.

A primeira mudança observada na proposta lobatiana de “organização literária” da obra de Löfgren é a redução do título dos capítulos. Embora o título da obra de Löfgren não apresente, na íntegra, a minuciosa descrição do nome em alemão, sua tradução conserva o uso de títulos longos, característico do texto histórico do século XVI. Lobato, na maioria das vezes, reduz as informações neles presentes. Esse recurso é mais visível na segunda parte do livro, em que são relatados os costumes e o modo de vida da população indígena. Vejamos alguns exemplos:

<b>Edição de Löfgren</b>	<b>Edição de Lobato</b>

<b>Primeiro livro</b>	
Cap. 5 - De como saímos de Prannenbucke para uma terra chamada Buttugans; encontramos um navio francês e nos debatemos contra ele.	Cap. 5 – De como saímos de Pernambuco rumo à terra dos Potiguaras e no caminho encontramos um navio francês.
Cap. 7 – De como chegamos a latitude de 28° na terra da América e não podemos reconhecer o porto para onde íamos, e uma grande tempestade se desencadeou em terra.	Cap. 7 – De como chegamos a 28° de latitude e uma grande tempestade se desencadeou.
Cap. 12 – Como deliberamos ir a São Vicente, que era dos portugueses, arranjar com eles um navio para fretar e terminar assim a nossa viagem, porém, naufragamos e não sabíamos a que distância estávamos de São Vicente.	Cap. 12 – De como velejamos para São Vicente e naufragamos no caminho.
<b>Segundo Livro</b>	
Cap. 12 – Que regime e que ordem seguem em relação às autoridades e à justiça.	Cap. 12 – Autoridade e justiça.
Cap. 23 – Como eles tornam as mulheres adivinhadoras.	Cap.23 – Como preparam as mulheres mágicas.
Cap. 37 – Como crescem o algodão e a pimenta brasileira e também algumas outras raízes que os selvagens plantam para comer.	Cap. 37 – Algodão, pimenta e outras raízes comestíveis.

Muitos são os parágrafos modificados na versão lobatiana como, por exemplo, o excerto do capítulo oito de *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*.

<b>Edição de Löfgren</b>	<b>Edição de Lobato</b>

<p>Cap. 8 - De como saímos outra vez do porto para de navio procurar o lugar para onde queríamos ir.</p>	<p>Cap. 8 - De como saímos do porto para procurar o lugar que pretendíamos ir.</p>
<p>Quando o vento de est-sueste cessou, ficou bom o tempo com o vento nordeste. Levantamos então ferro e voltamos para a terra, já mencionada. Viajamos dois dias, procurando o porto, mas não pudemos reconhecê-lo. Percebemos, porém, pela terra que tínhamos passado o porto porque o sol estava tão escuro, que não podíamos fazer observações, nem podíamos voltar porque o vento era contrário.</p> <p>Mas Deus é um salvador nas necessidades. Quando estávamos na nossa reza vespertina, implorando a proteção de Deus, aconteceu que nuvens grossas formaram-se ao sul para onde tínhamos sido levados. Antes de termos acabado a reza, o Nordeste acalmou, de modo a não mais perceptível e o vento sul, apesar de não ser a época do ano em que ele reina, começou a soprar, acompanhado de tantos trovões e relâmpagos, que ficamos amedrontados. O mar tornou-se tempestuoso, porque o vento sul, de encontro ao do norte, levantava as ondas, e estava tão escuro que se não podia enxergar. Os grandes relâmpagos e os trovões intimidavam a tripulação, de modo que ninguém sabia o que fazer, para colher as velas. (P.29)</p>	<p>Logo que o vento nordeste soprou, levantamos ferro e aproamos para o porto que tínhamos em mira. Percebemos apenas que havíamos passado por ele. O sol encoberto não nos permitia fazer observações, nem o vento contrário nos permitia voltar.</p> <p>Era pela manhã e estávamos em nossa reza matutina quando grossas nuvens se formaram ao sul. Antes de concluída a reza o nordeste serenou e principiou a soprar o vento sul, apesar de não ser a época do ano em que ele reina. Veio acompanhado de tantos trovões e relâmpagos que ficamos seriamente amedrontados.</p> <p>O mar encapelou-se; os dois ventos chocavam-se e erguiam vagas enormes; a escuridão fez-se tão profunda que parecíamos cegos. A tripulação tomou-se de pavor; ninguém sabia o que fazer, nem como colher as velas. (P.92)</p>

Ao longo do texto, é possível observar diversas estratégias textuais, como substituições, cortes, inversões, subdivisões de parágrafos, entre outras, observáveis nos exemplos abaixo:

<b>Edição de Löfgren</b>	<b>Edição de Lobato</b>
<b>Alguns exemplos de substituição</b>	

“levantamos então ferro e <i>voltamos</i> ”	“levantamos ferro e <i>aproamos</i> ”
“antes de termos <i>acabado</i> a reza”	“antes de <i>concluída</i> a reza”
“o Nordeste <i>acalmou</i> ”	“o nordeste <i>serenou</i> ”
“e o vento sul (...) <i>começou</i> a soprar”	“e <i>principiou</i> a sobrar o vento sul”
<b>Alguns exemplos de mudanças de sintaxe</b>	
“Percebemos, porém, pela terra que tínhamos passado o porto porque <i>o sol estava tão escuro</i> , que não <i>podíamos fazer</i> observações, nem <i>podíamos voltar</i> porque o vento era contrário.”	“Percebemos apenas que havíamos passado por ele. <i>O sol encoberto</i> não nos <i>permitia fazer</i> observações, nem o vento contrário nos <i>permitia voltar</i> .”
“O mar <i>tornou-se tempestuoso</i> , porque o vento sul, <i>de encontro</i> ao do norte, levantava <i>as ondas</i> , e estava <i>tão escuro</i> que se não <i>podia enxergar</i> .”	“O mar <i>encapelou-se</i> ; os dois ventos <i>chocavam-se</i> e erguiam <i>vagas</i> enormes; a escuridão fez-se <i>tão profunda</i> que <i>parecíamos cegos</i> .”
<b>Alguns exemplos de eliminação de frases ou vocábulos</b>	
“Levantamos então ferro e voltamos para a terra, já mencionada. <i>Viajamos dois dias, procurando o porto, mas não pudemos</i> reconhecê-lo. Percebemos, porém, pela terra que tínhamos passado (...)”	“(...) levantamos ferro e aproamos para o porto que tínhamos em mira. Percebemos apenas que havíamos passado por ele.”
“ <i>Mas Deus é um salvador nas necessidades</i> . Quando estávamos na nossa <i>reza vespertina, implorando a proteção de Deus</i> , aconteceu que nuvens grossas formaram-se ao sul para onde tínhamos sido levados.”	“Era pela manhã e estávamos em nossa <i>reza matutina</i> quando grossas nuvens se formaram ao sul.”

A mudança do vocábulo vespertino (em Löfgren) para matutino (em Lobato), transcrito no trecho acima, embora não interfira no desenvolvimento dos fatos, afeta a descrição do cenário. Na versão em alemão<sup>138</sup> a expressão usada é “gegen Abend” (início da noite), que produz um terceiro sentido, porém mais próximo da versão de Löfgren (fim do dia – “Tagesende” - outra possível tradução dentro do campo semântico de Abend).

Algumas alterações ganham mais importância nesse processo, sendo a redução dos trechos que aludem à figura de Deus uma delas. O teor religioso do texto de Staden é suscitado através da freqüente evocação de Deus e, conforme acrescenta a pesquisadora Marcia Abreu, em vários momentos de interlocução com o leitor é possível notar determinadas “marcas” estabelecidas pelo autor que orientam a interpretação religiosa da narrativa. Cabe ao leitor incorporar ou subverter tais orientações, mas a leitura se realizará no “embate entre o sentido estabelecido pelo leitor e as inscrições espalhadas pelo texto”. (ABREU, Márcia. 2005, 208/209). Löfgren mantém tal representação reproduzindo, na íntegra, todas as referências ao poder divino. Já em Lobato, algumas citações são excluídas, o que pressupõe uma limitação desse poder. Neste último caso, o ceticismo absoluto de Lobato justificaria tal redução.

Segundo Cavalheiro, em mais de um momento Lobato afirma não possuir “temperamento religioso”. Na infância, quando se nega a fazer a primeira comunhão, no casamento, quando questiona a índole religiosa da esposa, ou ainda nas leituras evolucionista e positivistas presentes na base de sua formação, o que se nota é uma constante rejeição à temática religiosa. Para Lobato, a teologia o levou a uma conclusão oposta: “Em vez de Deus que criou o homem à sua imagem e semelhança, o homem está criando Deus à sua imagem e semelhança.” (CAVALHEIRO, 1962, p.79).

Aliado a sua leitura “não-histórica” da obra ou ao seu ceticismo, as alterações impressas na versão lobatiana modificam substancialmente o texto. Eis alguns outros exemplos:

Edição de Löfgren	Edição de Lobato
-------------------	------------------

<sup>138</sup> “Doch Gott ist ein Helfer in der Not. Als wir gegen *Abend* das Gebet sprachen und ihn um Gnade baten, erhoben sich, noch ehe das Gebet beendet war und ehe es dunkel wurde (...)”

<p>Cap. 1 – Eu, Hans Staden, de Homberg, resolvi, <i>caso Deus quisesse</i>, visitar a Índia. (P.12)</p>	<p>Cap. 1 – Eu, Hans Staden, natural de Homberg, pequena cidade do estado de Hessen, na Alemanha, em certo momento de minha vida deliberei conhecer as Índias tão famosas. (P.73)</p>
<p>Cap. 16 – Era necessário estar alerta para que os selvagens não nos surpreendessem durante a noite, o que várias vezes procuramos; porém, <i>Deus nos ajudou</i>, e sempre os percebemos. (...) Isso o agradou muito e ele disse que ia falar ao Rei a meu respeito, <i>se Deus lhe permitisse</i> voltar para Portugal, com o que eu havia de aproveitar. (P. 41)</p>	<p>Cap. 16 – Mantínhamo-nos alerta todas as noites, para evitar surpresas, e de fato as evitamos por várias vezes (...) Louvou-me ele o procedimento e prometeu, <i>se o céu lhe permitisse</i> regressar ao reino, falar de mim ao El-Rei, com o que muito haveria eu de aproveitar. (P. 105)</p>
<p>Cap. 20 – Ergui-me então um pouco, olhei para trás e vi que a grande nuvem se dissipava. <i>Agradei a Deus</i>. (P.49)</p>	<p>Cap. 20 – Fiz um esforço, ergui-me nos cotovelos e pude olhar para trás: a nuvem negra de fato se dispersara. (P.114)</p>
<p>Cap. 51 – <i>Assim me livrou o todo poderoso Senhor, o Deus de Abraão, Issac e Jacob, do poder dos tiranos. A ele sejam dados louvor, honra e gloria, por intermédio de Jesus Cristo, seu amado filho, nosso salvador. Amém.</i> (P. 111)</p>	<p>Cap. 51 – Com isso desceram para a terra e vi-me livre do martírio, <i>graças ao senhor todo poderoso!</i> (P. 175)</p>

Na adaptação infantil, analisada mais detalhadamente no terceiro capítulo, a religiosidade é também questionada, principalmente na representação das credences indígenas. Mas, ainda que com certo relativismo, em ambas as versões lobatianas (texto adulto e infantil) a questão religiosa deixa-se entrever ao longo da narrativa pela proeminência dada à Providência Divina, a qual se deve todos os incidentes da vida de Hans Staden e dos índios. Os fragmentos abaixo transcritos ilustram esse discurso:

--	--

Edição de Löfgren	Edição de Lobato
<p>Cap. 40 – Voltei então triste, nadando para a terra, e pensei: “<i>vejo que é a vontade de Deus que quer que eu continue ainda na desgraça.</i> (P. 84)</p>	<p>Cap. 40 – Voltei para a terra muito angustiado, <i>dizendo-me que era bem da vontade de Deus que eu permanecesse na desgraça,</i> pois da minha parte tudo fizera para livrar-me. (P. 153)</p>
<p>Cap.47 – Pediram-me então os dois selvagens que eu falasse <i>com meu Deus</i> para que impedisse a chuva, porque assim talvez apanhássemos mais peixe. Eu sabia que nas cabanas nada tínhamos para comer. As suas palavras me comoveram e <i>pedi a Deus, do fundo do meu coração,</i> que quisesse mostrar seu poder, por terem os selvagens pedido <i>e para que vissem que tu, meu Deus, estás sempre comigo.</i> Como tinha acabado minha oração, veio o vento soprando com violência e trazendo a chuva; esta caiu até mais ou menos seis passos de nós e nós nem demos por isso. Então disse o selvagem Parwaa: “<i>vejo agora que falaste com teu Deus</i>”. E apanhamos alguns peixes. (P.106)</p>	<p>Cap.47 – Pediram –me os índios que falasse <i>com meu Deus</i> para que a chuva não nos viesse perturbar a pescaria; a cabana estava desprovida e aquele peixe nos era necessário.  <i>Pus-me a orar fervorosamente</i> enquanto a chuva se aproximava. Súbito parou a pequena distância, de modo a não interromper nossa pesca.  <i>- Vejo agora que tu falaste ao teu Deus! Disse Paraguá.</i> (P. 168)</p>

A reprodução dos nomes próprios e de lugares citados por Hans Staden também se diferem em ambas as versões. O texto de Löfgren apresenta a transcrição fonética do original alemão em linguagem gótica. As transcrições, no entanto, são comentadas, para a melhor compreensão do texto, por Theodoro Sampaio. Em nota explicativa, Sampaio ressalva:

A grafia de Staden no que diz respeito aos nomes tupis é quase sempre defeituosa, mas aqui no texto foi sempre respeitada, não se lhes introduzindo correções que seria descabida. Demais, sendo a grafia desses nomes bárbaros uma representação mais ou menos precisa de como eles soaram ao

ouvido do narrador, há toda a conveniência em ser conservada como aparece no original.<sup>139</sup> (p.01)

No texto de Lobato, a transcrição fonética é substituída pela correspondência lingüística em português, seguidas também por notas breves.

Edição de Löfgren	Edição de Lobato
Cap. 5 – Viajamos quarenta milhas para adiante, até um porto chamado <i>Buttugaris</i> (...). (P. 22)	Cap. 5 – Saindo de Olinda viajamos quarenta milhas até um porto dos <i>Potiguaras</i> (...). (P.84)
Cap. 24 - Como depois da dança me entregaram ao <i>Ipperu Wasu</i> , que me devia matar. (P. 55)	Cap. 24 – De como, terminada a dança, me entregaram a <i>Iperú-guaçú</i> . (P. 120)

A imagem de Hans Staden, embora não esteja solidificada na narrativa como a de um comerciante, pode ser lida como a de um aventureiro em busca de atividades lucrativas nas terras recém descobertas. Assim, ambas as traduções reproduzem a tensão, no mar e na terra, das lutas travadas entre os europeus pela colonização do território e pela dominação dos índios. Segundo o historiador Carlos Fausto, os europeus estabelecem relações hostis ou pacíficas com os índios, e essas relações seguem a lógica da concorrência entre nações, ou seja, índio amigo dos franceses é inimigo dos portugueses. Para franceses e portugueses, os índios representam “parceiros” na extração de bens naturais, trocados por bens ocidentais e, posteriormente, na aquisição de terras. Já para os índios, os europeus são aliados na guerra contra tribos tupis rivais. Na versão infantil lobatiana, a disputa pela conquista territorial ganha ainda mais relevo. Porém, como já dito anteriormente, a intenção de Staden é justamente contrária: dissociar o conteúdo de seu livro do conjunto de relatos sobre as terras exóticas e a colonização da América, ressaltando, contudo, o poder divino e a fé do leitor crente.

<sup>139</sup> LÖFGREN, 1900, passim.

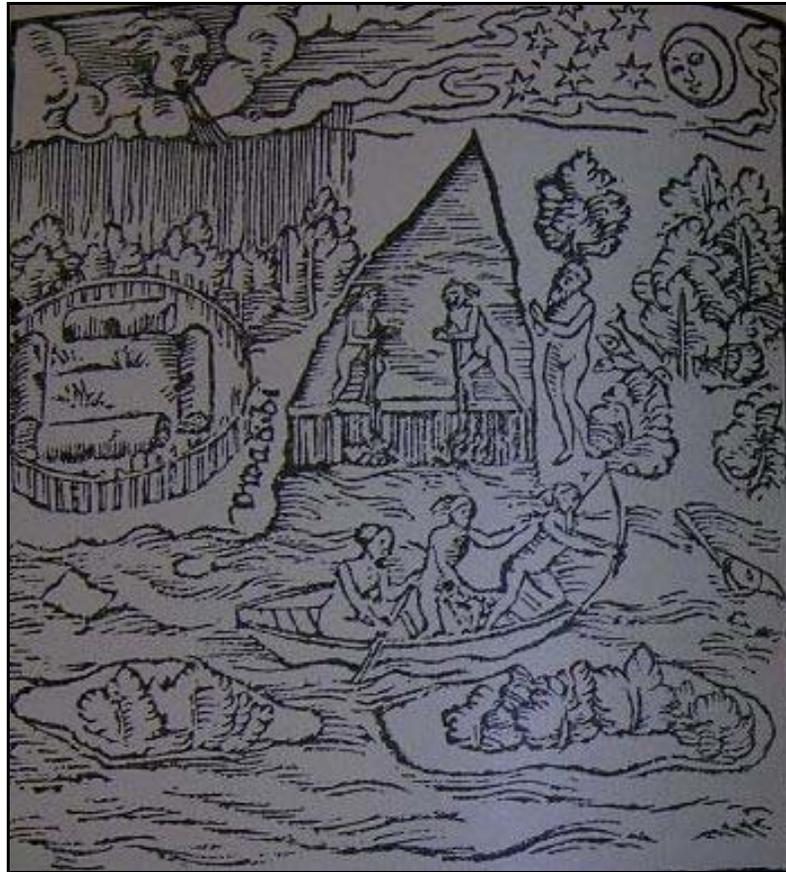
As versões de Lobato<sup>140</sup> e Löfgren se equivalem também quanto à reprodução das figuras do texto. A primeira e a última delas, o desenho de uma caravela, é a porta de entrada e saída para a narrativa. A figura da caravela desdobra-se na divisão de mundos (civilizado/velho x selvagem/novo) e de espaços (aberto/mar x fechado/terra), na inversão de papéis (conquistador x prisioneiro) e na dualidade religiosa (religião cristã x pagã), que na escrita representa os acontecimentos vividos pelo herói no curso da narrativa.

Os mapas, as cenas de lutas e de naufrágios, a representação dos índios e de seus costumes, adquirem uma lógica própria, gerando expectativas e conclusões, independentes da escrita, mas que se complementam. A narrativa é assim desenvolvida por duas vozes: a linguagem verbal e a linguagem visual. Enquanto Staden narra a viagem em primeira pessoa, a configuração visual é apresentada em terceira e o destino do herói é, nas palavras de Belluzzo, “observado por um olho que tudo vê” (BELLUZZO, 1994, 43).

A ilustração desenvolve também o sentido religioso da escrita, retratando nas imagens os sinais da providência divina. A figura 2 é bastante representativa neste sentido. Enquanto Staden (de barba) reza e pede a Deus o bom tempo, os índios garantem o sustento da aldeia com a pesca. O bom e o mau tempo, representados na parte superior da imagem, são personificados.

---

<sup>140</sup> A edição lobatiana em questão é a 4ª ed., publicada em 1945. As primeiras edições de *Meu cativo entre os selvagens do Brasil* (1925, 1926 e 1927) e a adaptação infantil (1927) não apresentam a mesma correspondência de imagens.



**Fig. III** – representação dos sinais divinos (bem x mal) presentidos por Staden.

Para Anna Maria Belluzzo, no texto e nas imagens do livro de Hans Staden quase tudo é sugerido através de sinais divinos presentidos pelo herói. Os efeitos do sol e da chuva estão, nos argumentos de Staden, subordinados à vontade de Deus, capaz de salvar e/ou castigar os homens:

As configurações que ilustram o texto de Hans Staden absorvem, ademais, conteúdos da cosmografia e astronomia pagã, revestindo-o de uma visão religiosa cristã. (...) A salvação do herói seria comentada como vitória da sabedoria cristã sobre as práticas mágicas, mas não passa despercebido pelo leitor que o herói opera por adivinhação, e, no centro da argumentação, a punição divina aparece como ameaça aos que comem carne humana. (P. 46)

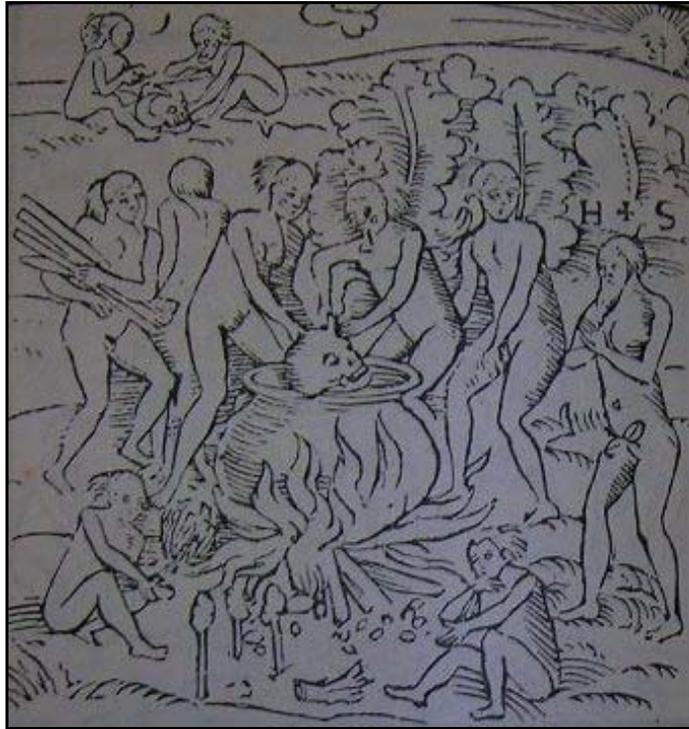
A idéia de punição e pecado está vinculada ao ritual antropofágico dos índios Tupinambá, ilustrado na maior parte das figuras (14 imagens). A execução dos inimigos na cultura Tupi associa-se à lógica da guerra, em que devorar o inimigo significa “apropriar-se” de suas qualidades. O sacrifício honra a vítima e o seu executor. A execução é baseada na vingança de outras mortes e, podendo durar meses, envolve toda a sociedade indígena. As mulheres, além de preparar a bebida típica da cerimônia (cauim), são responsáveis pelo prisioneiro dentro da aldeia. Os homens cedem suas mulheres e filhas ao cativo, que também é exibido entre as aldeias vizinhas, na tentativa de “sociabilizar ao máximo”, segundo as palavras de Carlos Fausto, a vingança da tribo.

A execução envolve uma grande festa, com convidados de fora, bebida e dança. Pintada e amarrada, a vítima é instigada com insultos e depois morta com um golpe no crânio. Sua carne pode ser consumida por todos, exceto pelo executor da morte, que passa por um período de resguardo. Este também recebe um marca no corpo, como prova de sua ação, e incorpora ao seu o nome da vítima. A quantidade de nomes adquiridos nos rituais lhe garante poder e fama. Fausto destaca ainda que “se a execução era promessa de imortalidade ao matador, para a vítima, era o passaporte e bilhete para uma ‘terra-sem-mal’.” (FAUSTO, 2002, p.392).

Como exemplificam as figuras abaixo, todo o ritual é representado em ilustrações:



**Fig. IV** - Na figura acima, as mulheres preparam o prisioneiro para a cerimônia.



**Fig. V** - Aqui, o prisioneiro é cozido e devorado por todos, inclusive pelas crianças. Todo ritual é observado, ao fundo, pela imagem do Sol. O sentido oscila entre as significações de ordem terrena e os sinais da providência divina.

A questão autoral também ganha destaque no processo de reescrita do texto. A “função autoral”<sup>141</sup> nem sempre teve o sentido que lhe é atribuído hoje, em que o escritor, responsável pelo conteúdo e originalidade de sua obra, pode usufruir do reconhecimento intelectual e financeiro de seu trabalho. Até o século XVIII, em um tempo em que a atividade intelectual é pouco valorizada, fama, originalidade e, sobretudo, remuneração assumem significados distintos.

Além da pouca valorização do trabalho intelectual, que em meados do século XVI alcança menos prestígio que atividades relacionadas às armas ou à religião, a profissão

<sup>141</sup> Cf. ABREU, Marcia. *Da fé em Deus à brasilidade: uma história do livro e da leitura em Duas viagens ao Brasil*, de Hans Staden. In: MARI, Hugo; WALTY, Ivete; VERSIANI, Zélia (Org.). *Ensaio sobre Leitura*. Belo Horizonte: Pucminas, 2005; CHARTIER, Roger. *A ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução Mary Del Priore. Brasília: UNB, 1994.

encontra outros obstáculos: o alto índice de analfabetismo, inclusive entre os nobres; a falta de remuneração, tendo os autores, muitas vezes, que custear a impressão do livro; a preocupação com a natureza da obra, pois o conceito de “originalidade” parecia algo muito insólito, seja porque os escritores se comprometiam com a divulgação da palavra de Deus ou porque tinham, como principal objetivo, produzir textos aos moldes dos tratados de Poética ou Retórica, aproximando-se de grandes autores e participando da tradição. Neste último caso, Hans Staden, ainda que não tivesse a intenção de compor um texto original, relata uma experiência singular e bastante questionável aos olhos do leitor, e vê-se empenhado em legitimar seu relato e também sua figura como autor.

Nesse sentido, o papel de co-autor desempenhado por Dr. Dryander na obra de Hans Staden – professor e amigo da família de Staden – é bastante significativo e ilustra as condições de trabalho do escritor no período. Em seu prefácio, Dryander compartilha da opinião de que não se deve misturar fama e escrita, razão pela qual, talvez, sua interferência na obra não cause nenhum estranhamento para o leitor ou constrangimento para o autor, ainda que tal fato fosse declarado:

Hans Staden, que acaba dar este livro, pediu-me para rever, corrigir e, se necessário, melhorar sua obra. [...] aceitei-lhe o trabalho de rever o livro com amor e gosto porque muito me interessa por todas as histórias referentes a matemáticas e cosmografia, isto é, à descrição de países, cidades e viagens, tais como nesta obra há várias, sobretudo quando vejo os acontecimentos narrados com franqueza e verdade; e não posso duvidar de que este Hans Staden conte as suas viagens com exatidão e de experiência própria, e não por ouvir dizer, e sem delas tirar glória e fama para si, pois só procura a glória de Deus, pelos favores recebidos. O seu principal objetivo é que todos lhe conheçam a história e vejam como, ao revés de todas as expectativas, Deus o salvou, atendendo às suas preces para tirá-lo do poder de ferozes selvagens [...] e o restituir à sua querida pátria – Hessen. (STADEN, 1945, P.13-14)

Assim como Staden, Dryander preocupa-se em ressaltar a veracidade dos fatos narrados, escritos a partir de “experiência própria”, compostos “sem falsidade”, e excluindo a possibilidade de se almejar fama e honra com a publicação do livro. O professor sintetiza também as instruções de leitura que Staden apresenta ao longo do texto, reafirmando o

caráter religioso de sua obra. Tal idéia é reforçada em diversos trechos de seu prefácio<sup>142</sup>, ora vinculando a figura de Staden à sua origem, ora destacando os sofrimentos vividos pelo protagonista ou os sacrifícios feito em nome de Deus para a publicação da obra, como ilustra o excerto abaixo:

Para que Hans Staden não seja acusado de ter esquecido de Deus que tanto o ajudou, resolveu glorificá-lo nesta história, e dar-lhe graças. E se não fosse essa tão alta intenção, teria economizado trabalho e também as despesas não pequenas da impressão desta obra e das gravuras. (p.20)

Nesse momento, os escritores conhecem duas formas de exercer a atividade: recorrer a recursos próprios para impressão da obra ou associar-se a algum nobre<sup>143</sup>. Neste caso, os escritores poderiam associar-se a homens de posse, interessados em contratar um letrado, e receber um salário que lhes oferecesse certa estabilidade financeira; ou oferecer sua obra por meio de dedicatória ou da oferta de exemplares do livro impresso em troca de um emprego, uma pensão do Estado ou outras gratificações. (ABREU, 2005, p.213-214.). Para Chartier (1994), no entanto, somente a “existência impressa” do texto não garante ao autor sua “evidência”, sendo necessário o apoio proveniente dos laços do patronato. Hans Staden, como a maioria dos autores antigos, custeia sua obra e a dedica a um nobre e rico senhor, O Príncipe H. Philipsen. A disposição dos nomes do autor, do prefaciador e daquele a quem o livro foi dedicado ilustram, na página de rosto da edição de 1557, como a “função-autor” convive com as dependências instituídas pelo patronato.

---

<sup>142</sup> São exemplos os trechos: “Hans Staden fixou-se aqui com seus pais, e não se acomoda com a vagabundagem de ciganos mentirosos que pulam de um país para outro e depois são desmascarados [...]” (p. 14); “Passou por tantas misérias e tantos revezes sofreu, e teve a vida tão seriamente ameaçada, que por fim perdeu toda a esperança de salvar-se e voltar. Deus, todavia, em quem sempre confiou e a quem ele nunca deixou de invocar, não só livrou dos selvagens como também se revelou àquela gente ímpia.” (p.19).

<sup>143</sup> Sobre o sistema tradicional do patronato, ver também: CHARTIER, Roger. Figuras do autor. In: *\_\_\_A ordem dos livros*, 1994. P. 46-51.

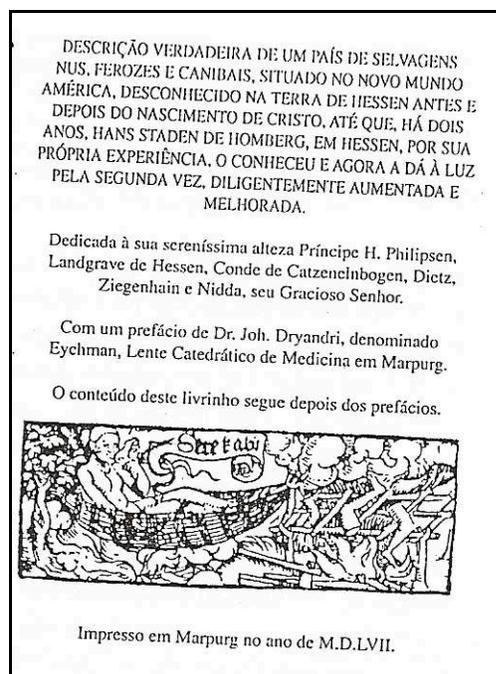


FIG. VI - Página de rosto da 2.ed. edição de Staden, de 1557.

No alto encontra-se o título da obra<sup>144</sup> e junto a ele, o nome do autor – “Hans Staden de Homberg, de Hessen”; em seguida, a menção da pessoa a quem se dedica, com todas suas qualidades – “Dedicada a sua sereníssima alteza Príncipe H. Philipsen Landtgraf de Hessen, Conde de Catzenelnbogen, Dietz, Ziegenhain e Nidda, seu Gracioso Senhor”, e logo abaixo o nome do prefaciador, bem como sua colocação na sociedade – “Com um prefácio de Dr. Joh. Dryandri, denominado Eychman, Lente Catedrático de Medicina em Marburg”. Após o desenho que ilustra um selvagem alimentando-se de carne humana está o local e data de publicação do livro – “Impresso em Marburg no ano de M.D.LVII.”. Não há destaque para o nome do impressor ou o endereço de onde se pode comprar a obra. A desigual importância dos nomes fica evidente na maneira em que são apresentados: a figura de Hans Staden, autor do livro, encontra-se rebaixada até mesmo à do prefaciador que, talvez por suas relações com a nobreza, ganha maior destaque. Ambos, no entanto, estão subordinados à figura do príncipe, marca da autoridade.

<sup>144</sup> Título da edição em questão: “Descrição verdadeira de um país de selvagens, nus, ferozes e canibais, situada no Mundo Novo da América, desconhecido nas terras de Hessen antes e depois do nascimento de Cristo, até que, há dois anos, Hans Staden de Homberg, em Hessen, por sua experiência própria, o conheceu e agora a dá à luz pela segunda vez, diligentemente aumentada e melhorada.”

As dedicatórias com que se abre a publicação também apresentam diferenças significativas quanto à posição do autor. Enquanto Hans Staden, soldado e viajante, escreve um oferecimento simples e breve, o prefácio de Dryander, homem de letras, ocupa sete páginas. Neste, além de comentar o trabalho de Staden, ressaltando seu valor religioso, Dryander expõe seus conhecimentos de matemática, cosmografia e filosofia, analisando outros relatos de viagens e exibindo sua erudição, para depois, oferecer sua obra ao Conde de Nassau.

O prefácio do professor e a oferta de Hans Staden trazem ainda interessantes revelações sobre o modo de transmissão das informações, predominantemente oral. Segundo Marcia Abreu (op. cit., p. 217), ao retornar à Europa, Hans não publica de imediato seu relato, antes, porém, o transmite de forma oral, sendo “examinado e interrogado em presença de muitas pessoas”, como ilustra as palavras do professor:

Como esta história foi pelo autor humildemente dedicado ao Sereníssimo e de elevadíssimo nascimento, o Príncipe e Senhor, Philipsen, (...) e, em nome de sua Alteza o fez público, e tendo ele sido, muito antes disso, *examinado por Vossa Alteza em minha presença e de muitas outras pessoas sobre a viagem e a prisão, que eu já por diversas vezes tinha contado a Vossa Alteza e a outros Senhores*, e como eu, há muito, tinha visto e observado o grande amor que Vossa Alteza manifestou por estas e outras ciências astronômicas e cosmográficas, desejava humildemente escrever este prefácio ou introdução. (STADEN, 2000, p.18) [Grifo Nosso]

Mesmo sendo nobre, o Príncipe Philipsen toma contato com a obra de Staden ouvindo a narrativa contada por outro. Aspecto evidente também na dedicatória de Staden:

Submissamente e com brevidade tenho narrado essa minha viagem e navegação para que Vossa Grandiosa Alteza a *queira ouvir, lida por alguém*, de que modo eu, com auxílio de Deus, atravessei terras e mares e como Deus milagrosamente mostrou-se para comigo nos perigos. (STADEN, 1900, p. 2). [Grifo nosso]

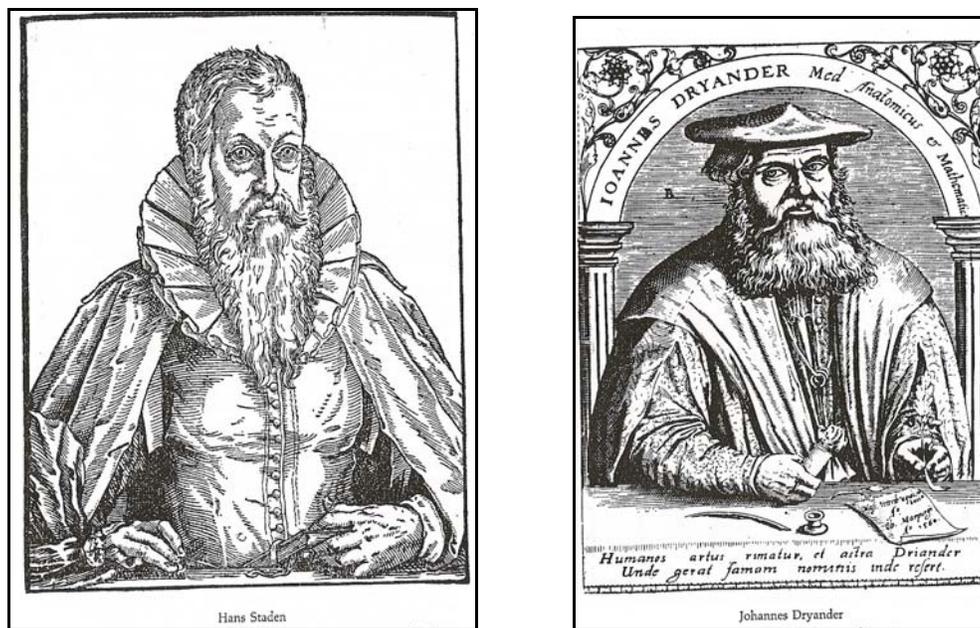
Embora o texto tenha sido impresso em mais de uma edição no mesmo ano (Marburg, 1557 e Frankfurt am Mai, 1557)<sup>145</sup>, não há, nas palavras de Staden ou de Dryander, a proposta de uma leitura solitária e silenciosa por parte do Príncipe. A leitura imaginada é a ouvida, “lida por outro” em voz alta. E o livro de Staden adapta-se perfeitamente às práticas da leitura oralizada, apresentando capítulos curtos (o que evita a dispersão do leitor), títulos longos que resumem o conteúdo, e ilustrações que auxiliam a leitura e exemplificam a vida no Novo Mundo. As imagens também reforçavam a veracidade do texto, sobretudo no que diz respeito aos costumes e o ritual antropofágico dos índios.

Outro dado relevante, porém ausente das traduções em português de Löfgren e Lobato, diz respeito à representação física do autor (Hans Staden) na obra. Segundo Chartier (1994, p. 53), o retrato do autor é freqüente no livro impresso no século XVI e tem a função de construir a escrita como expressão de individualidade e autenticidade. É o “eu singular” que fundamenta uma obra verdadeira, original. Algumas vezes, os autores são representados por coroas de louro, “heroificados à antiga”, outras, estão próximas de seus protetores, a quem são dedicadas, ou retratam o momento de composição do texto. No caso de Staden, sua imagem<sup>146</sup> é reproduzida ao lado do retrato do Dr. Dryander, que também assegura a autenticidade da obra.

---

<sup>145</sup> Ver, em anexo, a tabela de edições e traduções da obra de Hans Staden.

<sup>146</sup> As imagens em questão estão presentes na edição alemã de 1963, Trad. Kart Bouquet. É possível encontrar a reprodução da imagen de Hans Staden também na edição de 1974, Trad. Guiomar de Carvalho Franco.



**Fig. VII e VIII** – Hans Staden e Dr. Dryander, respectivamente. Mesmo na representação física, ambas as imagens adquirem status diferenciados.

Nas versões lobatianas da obra de Hans Staden, o nome do já consagrado escritor e editor Monteiro Lobato, além de influenciar na publicação e na circulação da obra, pode garantir a boa recepção da tradução – nesse caso, adaptação –, num processo análogo à formação de identidades culturais descrito por Lawrence Venuti (VENUTI 2002, 129-132). Segundo o crítico e teórico da tradução, esse processo “tem início já na própria escolha do texto estrangeiro a ser traduzido, sempre uma exclusão de outros textos e literaturas estrangeiras, que responde a interesses domésticos particulares”, ao qual se acrescentam ainda a forma em que a tradução é publicada (livro, revista) e o público ao qual é direcionada, que varia “de acordo com diferentes contextos institucionais e posições sociais”.

Se anteriormente a obra de Staden tem o respaldo da figura do professor Dryander, agora está sob a de Lobato, que em sua introdução justifica o valor documental do livro: “Não há documento mais precioso relativo à terra brasílica logo após o descobrimento, e aos usos e costumes dos indígenas do que nas memórias de Hans Staden” (LOBATO, 1925, p. 2).

Os elementos que compõe as capas das diferentes edições<sup>147</sup> (adulto e infantil) ilustram as mudanças relacionadas à questão autoral: destaque para nome do autor e também do tradutor ou adaptador, importância da editora – são descritos data e local de publicação, número de edição, coleção a que pertence a obra, nome e endereço da oficina gráfica – e, no caso das edições infantis, dados relacionados à vida e obra de Monteiro Lobato.

A análise das versões lobatianas da obra de Staden, publicadas em diferentes momentos da carreira literária de Monteiro Lobato (década de 1920 e 1940), nos oferece importantes dados da história editorial da obra e, ao mesmo tempo, nos sugere hipóteses para o estudo das alterações ocorridas a cada nova edição. É desse processo que trataremos no próximo item.

## **2.5 As edições lobatianas da obra de Hans Staden.**

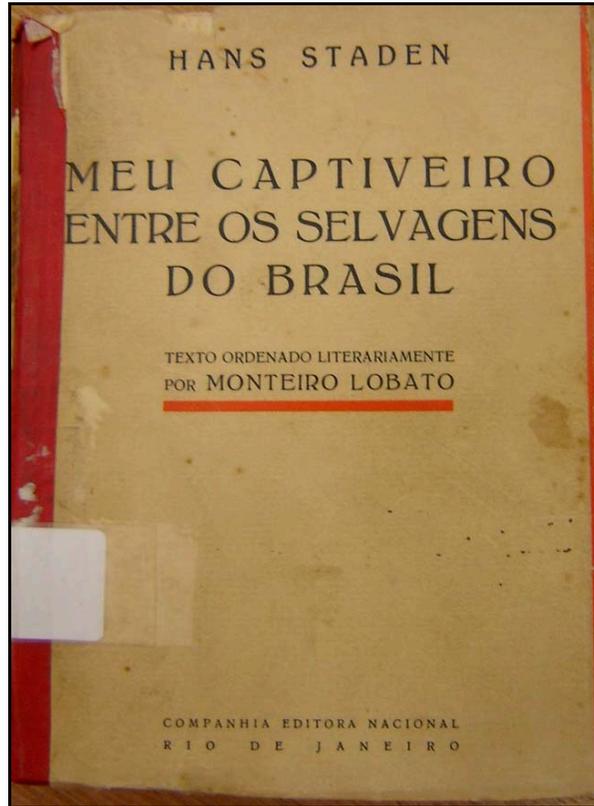
A primeira edição da obra de Hans Staden organizada por Lobato é publicada em 30 de outubro de 1925, no Rio de Janeiro, pela Cia. Editora Nacional. Seu formato é de 13 cm x 17 cm, com 158 páginas. A capa colorida apresenta apenas enunciados verbais. No alto da capa, em caixa alta, está disposto o nome do autor Hans Staden e, logo abaixo, o título do livro *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*. Na seqüência, em tamanho menor e grifado, está o nome de Monteiro Lobato, responsável pela organização literária do texto. Os últimos dados referem-se ao nome da editora e ao local de publicação do livro. Abrindo-o encontramos a folha de guarda apenas com o título da obra, como é o usual, e depois, a página de rosto com as mesmas informações destacadas na capa. A obra é composta somente pela primeira parte da narrativa de Staden, em que são descritas suas viagens ao Brasil, e está dividida em 53 capítulos intitolados, com 30 ilustrações dispersas entre eles. O único paratexto é o prefácio do editor, assinado por Monteiro Lobato.

Em seu prefácio, como já dito anteriormente, Lobato justifica a proposta de reorganização literária da tradução de Alberto Löfgren, destacando a importância da obra como narrativa histórica e aventuresca. Nele, noticia também uma possível adaptação do

---

<sup>147</sup> Tais dados serão mais detalhadamente examinados no item seguinte: “As edições lobatianas da obra de Hans Staden”.

texto de Staden para o público infantil. A tiragem de três mil exemplares esgota-se em pouco mais de quatro meses, quando é publicada a segunda edição da obra.



**Fig. IX** - Capa da 1ª edição de *Meu cativeiro entre os selvagens do Brasil*, publicado em 1925. (Acervo do Instituto Martius-Staden)

A segunda edição vem a público em 1º de março de 1926 e segue os padrões da primeira edição (1925), com a tiragem de três mil exemplares. Capa colorida, com o nome do autor, do organizador e o título da obra, folha de guarda, folha de rosto e prefácio do editor. A narrativa, como na edição anterior, não inclui a descrição dos costumes dos índios Tupinambá, segunda parte do texto de Staden.

A terceira edição, também com tiragem de três mil exemplares, é de 20 de junho de 1927. Com um tamanho menor, 12 cm X 16 cm (medidas aproximadas) e 160 páginas, o livro mantém a mesma estrutura adotada nas versões anteriores. Comparando-as, não encontramos alterações de conteúdo ou de elementos paratextuais (capa, prefácios, índices, etc.). A segunda e a terceira edição de *Meu cativeiro entre os selvagens do Brasil* são, no entanto, publicadas pela filial da Editora Nacional em São Paulo. A transferência definitiva da casa editora para São Paulo ocorre em dezembro de 1926.

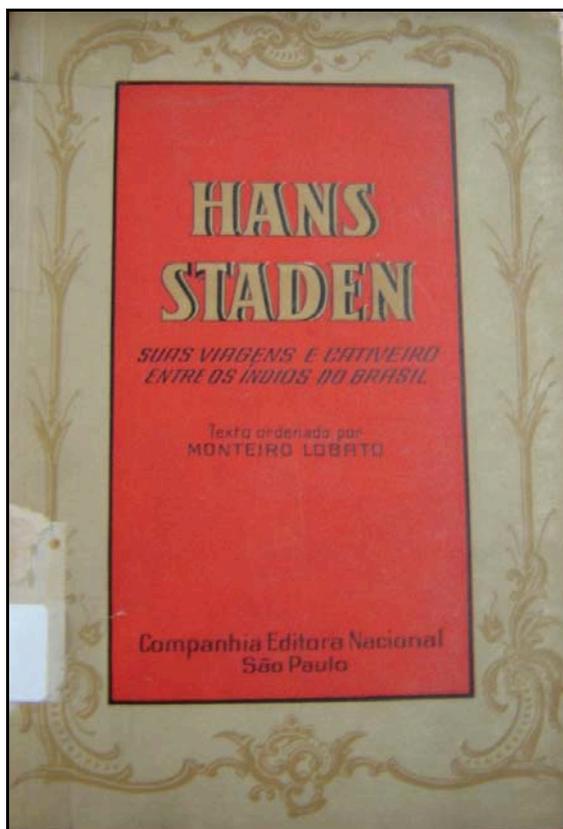
Outro contexto da carreira e da vida de Monteiro Lobato abarca a iniciativa de publicação da quarta edição lobatiana da obra de Staden. Em 1925, Lobato está no Rio de Janeiro recuperando-se do processo de falência vivido em São Paulo. Lá, não se afasta do ambiente literário, escrevendo para jornais e candidatando-se, inclusive, a vaga na Academia Brasileira de Letras, projeto que abandona logo depois. Em 1927, chega com a família em Nova York, sob a função de adido comercial do governo de Washington Luís. Após deslumbrar-se com as modernidades do país, perde dinheiro na crise de 1929 e, de volta ao Brasil (1931), precisa trabalhar muito para sobreviver e sustentar a família.

Entre as décadas de 30 e 40, além de publicar vários títulos de sua obra infantil e outros de literatura adulta, Lobato também traduz intensamente. Nesse ínterim, não desiste do sonho de ficar rico e, ao mesmo tempo, trazer desenvolvimento para o Brasil a partir da extração de ferro e petróleo e, em 1931, funda a Companhia de Petróleo do Brasil. Outro projeto que não se realiza. Nos anos de 40, depois de preso, todas suas expectativas estão voltadas à Argentina, para onde se muda em 1946. Antes disso, para levantar capital e concretizar sua transferência, Lobato lança mão de vários recursos e, entre outros projetos, como a reedição das obras esgotadas, planeja uma nova edição para a obra de Hans Staden, desta vez, ampliada e nos moldes da edição alemã: “Depois vem “Hans Staden”, formato grande e de luxo, como a edição alemã, com o seu texto antigo e adaptado do prefácio e das notas da edição original.<sup>148</sup>” (P.86)

A quarta edição é publicada em 24 de agosto de 1945. Sua capa mantém a mesma seqüência de enunciados das demais versões (1º, 2º e 3º edições); no entanto, o nome de Hans Staden ganha destaque em relação às outras informações contidas na capa e o título da obra é alterado para *Hans Staden: suas viagens e cativo entre os índios do Brasil*. Tais informações (autor, título, organizador, etc.) estão escritas sobre um fundo vermelho, contornado com arabescos desenhados em dourado. O contraste entre as cores e a disposição do enunciado impõe à edição um aspecto mais luxuoso, de acordo com os planos de Lobato. Após a folha de guarda, a página de rosto apresenta novas informações editoriais: o nome da série, em letras maiúsculas (BIBLIOTECA DO ESPÍRITO MODERNO) e o volume (Série 3º, História e Geografia, Vol. 39) na qual está inserida a atual edição da obra.

---

<sup>148</sup> CAVALHEIRO, 1962, passim. P. 86-87.



**Fig. X** - Capa da 4ª edição de Hans Staden, organizada por Monteiro Lobato. A edição requintada é amostra do apuro gráfico pelo qual a obra é considerada uma edição de luxo. (Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato)

Esta 4ª edição apresenta ainda outras alterações, algumas delas comentadas pelo organizador – Monteiro Lobato – em seu prefácio, também adaptado. A primeira delas reafirma a necessidade de reorganizar literariamente o texto de Alberto Löfgren, de 1900. A isso, acrescentam-se mudanças de elementos paratextuais e de conteúdo. A segunda diz respeito ao próprio prefácio, que não faz, em momento algum, referência à possível adaptação da obra para o público infantil. Talvez por razões óbvias, já que tal projeto se concretiza em 1927, com o livro *Aventuras de Hans Staden*, escrito por Monteiro Lobato.

Pode parecer contraditório a proposta de popularização da obra entre os leitores comuns e a publicação da mesma em uma série de livros de história, como a da coleção Biblioteca do Espírito Moderno, na qual a leitura da obra estaria vinculada a uma proposta pedagógica. Neste contexto, devemos considerar que Lobato, embora já consagrado como escritor de literatura infantil, não atua mais como editor. Ainda que tenha a possibilidade de

sugerir mudanças no aspecto material (tipo de papel, de fonte, de encadernação ou de organização do texto) ou na forma de publicação do livro (em coleção, por exemplo), não determina o processo ou o local de produção da obra. Mas, a política editorial de Octalles na Cia. Editora Nacional, e anteriormente também a de Lobato, estrutura suas publicações em coleções e cada coleção corresponde a uma linha específica de livros. Há, por exemplo, uma coleção para moças (Biblioteca das Moças), uma coleção para crianças (Biblioteca Pedagógica Brasileira). Na coleção Biblioteca do Espírito Moderno, o editor procura publicar obras que devem popularizar a história cultural do país<sup>149</sup>.

Mais próxima da versão alemã, a quarta edição de Lobato reproduz os paratextos nela contidos - a Oferta, o prefácio do Dr. Dryander, a Oração e o Conteúdo do livro - e a segunda parte da narrativa de Staden, em que o protagonista descreve o *modus vivendi* dos índios. Essa ampliação da obra é anunciada no próprio título da edição - *Hans Staden: suas viagens e cativo entre os índios do Brasil*, em que a inserção do vocábulo “viagens” e da conjunção aditiva “e” no título das primeiras edições (*Meu cativo entre os selvagens do Brasil*) sugere um acréscimo na estrutura do texto publicado em 1945. Assim, a obra contém 184 páginas divididas em duas partes: na primeira, com 136 páginas, 53 capítulos e 30 ilustrações, são retratadas as viagens do protagonista, e, na segunda, com 48 páginas e 37 capítulos não ilustrados, são descritos os costumes dos índios.

<b>1º edição (1925)</b>	<b>4º edição (1945)</b>
Título: Meu cativo entre os selvagens do Brasil.	Título: Suas viagens e cativo entre os índios do Brasil
158 páginas	184 páginas
<b>Paratextos</b>	
Prefácio do editor	Prefácio do Editor
Índice	Oferta

<sup>149</sup> Consultar, a respeito, a pesquisa de doutorado de Milena Martins Ribeiro. Op. cit. p.60.

	Prefácio Dr. Dryander
	Oração
	Conteúdo da Narrativa
	Índice
<b>1º Parte: Relato das viagens de Hans Staden ao Brasil</b>	
158 páginas	136 páginas
53 capítulos	53 capítulos
30 ilustrações	30 ilustrações
<b>2º Parte: Relato da vida e dos costumes dos índios Tupinambás</b>	
Ausente	48 páginas
	37 capítulos
	Sem ilustrações
	Discurso Final

Conforme ilustra o quadro acima, as edições lobatianas publicadas na década de 1920 não apresentam os paratextos, nem a segunda parte do livro de Staden. A primeira parte, no entanto, embora seja construída com o mesmo número de capítulos e de ilustrações, traz pequenas modificações (inversões de frases e vocábulos, divisão capitular, etc.) no texto. Eis alguns exemplos:

<b>1º edição (1925)</b>	<b>4º edição (1945)</b>
Cap. 6 – <i>O vento mostrou-se contrário, e por isso tivemos de nos abrigar em Lisboa até que se tornou de feição e nos permitiu velejar para as Canárias, onde deitamos ferro na ilha de Palma. (P.24)</i>	Cap. 6 – <i>Mostrou-se-nos contrário o vento, e por isso tivemos de nos abrigar em Lisboa até que se tornasse de feição e nos permitisse velejar para as Canárias, onde deitamos ferro na ilha de Palma. (P.88)</i>

<p>Cap. 53 – (...) Disse que os outros, indo de bote até a taba onde eu vivia prisioneiro, recusaram-se a receber-me quando fugi aos índios a nado e alcancei a embarcação.</p> <p>Contei também do português que eles tinham dado a devorar aos canibais.</p> <p>Não obstante, estava eu ali a dar notícias deles!</p> <p>Hão de chegar quando for possível, mas eu profetizava que <i>deus</i> não deixaria impune o crime praticado contra mim. (P.157).</p>	<p>Cap. 53 – (...) Disse que os outros, indo de bote até a taba onde eu vivia prisioneiro, recusaram-se a receber-me quando fugi aos índios a nado e alcancei a embarcação.</p> <p>Contei também do português que tinham dado a devorar aos canibais.</p> <p>Não obstante, estava eu ali a dar notícias deles!</p> <p>- Hão de chegar quando for possível, mas eu profetizo que <i>Deus</i> não deixará impune o crime praticado contra mim. (P.179).</p>
---	---

A próxima tabela sistematiza algumas informações dos bastidores editoriais das obras de Hans Staden examinadas por Lobato. Como se vê, o sucesso das primeiras edições do livro, que alcança em três anos consecutivos um considerável número de tiragens, talvez tenha influenciado o escritor a adaptar o texto para o público infantil.

<b>Título</b>	<b>Edição</b>	<b>Data de Publicação</b>	<b>Tiragem</b>	<b>Tipografia</b>	<b>Coleção</b>
Meu cativo entre os selvagens do Brasil.	1.ed.	30/10/1925	3.000		
Meu cativo entre os selvagens do Brasil.	2.ed.	01/03/1926	3.000		
Meu cativo	3.ed.	20/06/1927	3.000		

entre os selvagens do Brasil.					
Hans Staden: Suas viagens e cativo entre os selvagens do Brasil.	4.ed.	24/08/1945	5.000	Revista dos Tribunais	Biblioteca do Espírito Moderno, Série 3, Vol. 39.

Dados obtidos a partir do Movimento das edições da Editora Nacional

Neste capítulo, procuramos contextualizar as primeiras traduções da obra de Hans Staden, em português, e as diferentes edições do livro trabalhadas por Monteiro Lobato, acompanhando, neste último caso, as principais mudanças ocorridas a cada nova publicação. Acreditamos que a história editorial de cada obra pode oferecer importantes dados para sua interpretação e, por extensão, para compreensão do universo literário em que está inserida. No próximo capítulo daremos especial ênfase a adaptação infantil *Aventuras de Hans Staden* e, a partir disso, ao projeto literário proposto por Lobato em sua obra infanto-juvenil.

## **Capítulo 3**

### **Aventuras de Monteiro Lobato**

Que é uma criança? Imaginação e fisiologia; nada mais. Monteiro Lobato (*Barca de Gleyre*, NY, 26/06/1930)

## Capítulo 3:

### Aventuras de Monteiro Lobato

#### 3.1 Hans Staden à lobatiana

Como no trabalho realizado em *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*, publicado em 1925, as alterações presentes na edição infantil são determinadas em função do público leitor; neste caso, porém, um leitor específico: as crianças.

O livro - *Aventuras de Hans Staden*: o homem que naufragou nas costas do Brasil em 1549 e esteve oito meses prisioneiro dos índios Tupinambá; narradas por Dona Benta aos seus netos Narizinho e Pedrinho e redigidas por Monteiro Lobato - tem sua primeira edição publicada em 10 de julho de 1927, com a tiragem de seis mil exemplares<sup>150</sup>.

O subtítulo da obra infantil aponta um dos recursos adotados por Monteiro Lobato no processo de adaptação do texto para o público infantil - o uso de três vozes na narrativa: a de Staden, a de Lobato e a de Dona Benta. Da primeira pessoa, o texto passa a ser narrado na terceira, em que a avó Dona Benta, sob o ponto de vista de Lobato, conta a história do viajante alemão para seus netos. Assim, a adaptação apresenta-se como uma história dentro de outra história, e a avó assume a figura de um “contador de histórias”<sup>151</sup>.

A imagem do contador de histórias é freqüente na obra infantil lobatiana. Em diversos livros, a leitura oral é empregada como um ritual, inserido no centro das atividades vividas pelos personagens do sítio. E a mediação da avó, principal contadora de histórias do

---

<sup>150</sup> Dados obtidos a partir do Movimento das edições da Editora Nacional. Documento levantado pela pesquisadora Adriana Vieira, em sua tese de doutorado.

<sup>151</sup> O quadro descrito por Lobato a Rangel na carta de 8 de setembro de 1916 (Ver a transcrição da carta em nota 19, cap. 1), em que Purezinha conta histórias infantis a seus filhos, talvez tenha influenciado o escritor a introduzir na saga do Sítio do Picapau Amarelo a figura do contador de histórias. Para Adriana Vieira, “nas histórias do Sítio temos Dona Benta e Tia Nastácia no papel de Purezinha, e as crianças e bonecos do Sítio em posição homóloga à dos filhos de Lobato.” VIEIRA, Adriana. O livro e a leitura nos textos de Lobato, p.4, In: LOPES, Eliane M. T. (Org.) *Lendo e escrevendo Lobato*, 1999.

Sítio, é reconhecida pelos seus ouvintes – Leia a sua moda vovó! Pediu Narizinho<sup>152</sup> – como um modo inovador e simples de contar as mais diversas histórias. Para tanto, a narradora, também leitora muito experiente, se vale de inúmeras estratégias: a leitura prévia de alguns textos, a busca por histórias originais e algumas vezes escolhidas pelas próprias crianças, a participação ativa dos ouvintes, o uso de uma linguagem coloquial e, sobretudo, a valorização do livro e do ato de leitura na infância.

Em *Aventuras de Hans Staden*, a narrativa inicia-se com a fala da avó, apresentando aos seus netos Narizinho e Pedrinho o personagem de Hans Staden. A cena, embora não descrita de forma detalhada, retoma o ambiente em que normalmente são realizados os serões de leitura:

D. Benta sentou-se na sua velha cadeirinha de pernas serradas e principiou (...) Hans Staden era um moço natural de Homberg<sup>153</sup> ... (09).

A difusão do oral é também visível no prefácio da obra, no qual Lobato orienta mães e avós a lerem para seus filhos e netos as aventuras de Hans Staden:

É inestimável o valor das memórias de Hans Staden, o aventureiro alemão que esteve prisioneiro dos tupinambás oito meses durante o ano de 1550. Representam elas o melhor documento daquela época quanto aos costumes e mentalidade dos índios. Em vista disso dona Benta não poderia deixar de contar a história de Hans Staden aos seus netos queridos - como não poderão as outras avós e mães deixar de repeti-las aos seus netos e filhos.

O trecho acima revela ainda algumas motivações que justificam o trabalho com a obra. Conhecendo o texto de Staden e seu valor histórico sobre os primórdios do Brasil e a cultura indígena, Lobato adapta a narrativa para o público infantil. Para as crianças, no

---

<sup>152</sup> Segue-se o trecho completo: “– Leia a sua moda vovó! Pediu Narizinho. A moda de dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheio de termos do tempo da Onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje.” P.198 In: LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*, Obras Completas, 1947, V.1.

<sup>153</sup> A edição consultada para a análise é a 1ª edição, publicada em 1927.

entanto, é o tom de aventura vinculado à idéia de naufrágio e índios, anunciados no título, que desperta o interesse pela história.

A participação dos ouvintes na narrativa é uma das estratégias empregada por Lobato para despertar o interesse do público infantil. Num rápido passeio pelo texto, é possível observar o número de diálogos em que os netos questionam, discutem ou mesmo ironizam fatos da história relatados pela avó.

- Hans Staden era um moço natural de Homberg, pequena cidade do estado de Hesse, na Alemanha.
- De S? - exclamou Pedrinho, dando uma risada. Que engraçado!
- Não atrapalhe, disse Narizinho. Assim como em São Paulo há a freguesia de Nossa Senhora do O, bem pode haver o Estado de S na Alemanha. Em que o O é melhor que o S?
- Não digam tolices - interrompeu Dona Benta. - Esse Estado da Alemanha escreve-se em português H E S S E, diz-se Hessen em alemão. Nada tem que ver com a letra S. (10)

Como se vê, a voz do narrador não é única. O discurso permite a inclusão de outras vozes e a avó, como mediadora da história, ajusta continuamente o julgamento dos fatos, explicando dados históricos e culturais, interrompendo longas digressões, revendo conceitos ou discutindo as interpretações dos netos.

É também notável, no ritual seguido por Dona Benta, a emoção com que são transmitidos os conflitos e as aventuras vividas pelo protagonista. Fato que além de chamar a atenção de seus ouvintes, os envolve no clima da narrativa.

- Imaginem agora vocês a situação do pobre navio metido entre esses dois furores! Casca de nós, cheia de formiguinhas transidas de medo e agarradas às cordas por instinto de conservação, ora as vagas o erguiam em seu dorso, como o vento ergue a pluma, ora o despenhavam em abismos mais negros que a noite.
- Súbito, um baque - e o navio do capitão espanhol se desfez, como uma bolha de sabão ao dar na ponta de uma alfinete...
- Bravo, vovó! A senhora está épica! Disse Pedrinho. (18)

Em outros momentos, a narração assume um tom pedagógico, característica que insere a obra, na concepção de alguns estudiosos da obra lobatiana, na série de histórias

paradidáticas contadas por D. Benta<sup>154</sup>. Mais uma vez, o papel da avó, agora na função de professora, é atender as questões e interpretações das crianças:

- (...) Estes homens resistiram heroicamente, um manejando o arco, outro a zarabatana.  
 – Que é a zarabatana, vovó? Indagou Pedrinho.  
 – É uma arma muito interessante, de uso na caça de animais pequenos. Consiste num tubo dentro do qual se oculta uma seta muito fininha, de ponta envenenada. O atirador lança tal seta por meio de um sopro forte. A seta fere de leve e mata pelo veneno.  
 – Interessante! Exclamou Pedrinho. Vou fazer uma.  
 – E onde arranja o sopro forte? Objetou a menina. Para isso é preciso fôlego de índio...  
 Dona Benta deu-lhe razão e continuou. (128-9)

A participação ativa do ouvinte - e, por extensão do leitor, que compartilhando as mesmas dúvidas de Narizinho e Pedrinho, ou criando suas próprias hipóteses, não só atuam como decodificadores da mensagem, mas também interagem com a história através da aproximação com os personagens - é outro índice de oralidade.

A valorização do saber, elemento comum à obra infantil lobatiana, e em *Aventuras de Hans Staden* representado principalmente pela imagem da avó, é diversas vezes suscitada, ora com alusões a outras obras, culturas alheias ou através do hábito da leitura.

- É uma danada, esta vovó. Parece um livro aberto, disse o menino, entusiasmado com a ciência da velha. (15)

\*

- Onde a senhora aprendeu tanta coisa, vovó? - quis saber Narizinho.  
 – Lendo e vivendo, minha filha. Mas o que sei é nada; parece alguma coisa para vocês, crianças que quase nada sabem; mas diante de um verdadeiro sábio, como aquele Darwin da

---

<sup>154</sup> Para alguns estudiosos da obra lobatiana, como Alice Áurea Penteado Martha e Nelly Novaes Coelho, obras como *Aventuras de Hans Staden* (1927), *Viagem ao Céu* (1932), *História do mundo para crianças* (1933), *Geografia de Dona Benta* (1935), entre outras, são caracterizadas como narrativas que atendem a um duplo objetivo: transmitir conhecimento (conquistas da ciência, mitos, aspectos da história) e questionar verdades construídas (valores cristalizados pelo homem).

*Viagem ao Redor do Mundo*, que eu quero que vocês leiam, minha ciência é igual a zero. (26)

A interpretação indígena dos efeitos da leitura e do objeto livro, mencionada por Hans Staden, é transcrita por Lobato e, como no texto original, os índios atribuem à situação de leitura o mau tempo que impossibilita a execução do prisioneiro. O trecho é transcrito abaixo:

Nessa noite um vento horrível açoitou a taba, chegando a arrancar pedaços do teto da cabana. Os selvagens encolerizaram-se, dizendo que fora Hans quem trouxera o furacão.

– “Ele é um diabo”, explicou um, “e esteve hoje a olhar para o couro da trovoada”.

– Couro de trovoada, vovó? ...

– Sim. Chamavam couro de trovoada ao livro de capa de couro...

Narizinho saltou uma gargalhada:

– Que idiotas!

– Os índios eram supersticiosos, explicou dona Benta, e um livro seria para eles a coisa mais misteriosa e incompreensível do mundo, arte do demônio, como ainda hoje classificam nossos caboclos o gramofone, o telégrafo e as mais coisas que não podem compreender. (107-8)

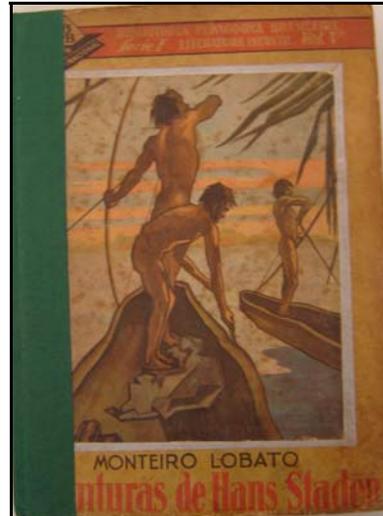
Outro dado importante a ser observado no processo de apropriação de *Hans Staden* para o público infantil e que atende às necessidades de uma situação oral é a composição da narrativa. Como no texto original, a versão lobatiana é composta por capítulos curtos, o que permite uma leitura parcelada da história. A obra é reduzida a 22 pequenos capítulos intitulados e os títulos<sup>155</sup>, ainda que breves, em oposição aos longos títulos didascálicos empregados na obra de Staden, sintetizam o conteúdo dos capítulos. A escolha dos títulos, no entanto, enfatiza dois aspectos da obra: as aventuras, no mar e em terra, de Hans Staden e a representação do índio. Essa mesma divisão parece prevalecer também nas ilustrações de capa das diferentes edições da obra, como aponta as figuras abaixo:

<sup>155</sup> Títulos: “Quem era Hans Staden”; “A revolta dos índios”; “A volta para Lisboa”; “A segunda viagem”; “Reconhecimento da terra”; “O naufrágio”; “O forte de Bertioga”; “A captura de Hans Staden”; “Rumo à taba”; “Os Maracás”; “O francês sem coração”; “Antropofagia”; “Esperança”; “A volta do francês”; “Cenas de canibalismo”; “Aparece outro navio”; “O carijó doente”; “O terceiro navio”; “A guerra”; “Festas de canibais”; “Hans muda de taba”; “A salvação”.

Fig. I e II

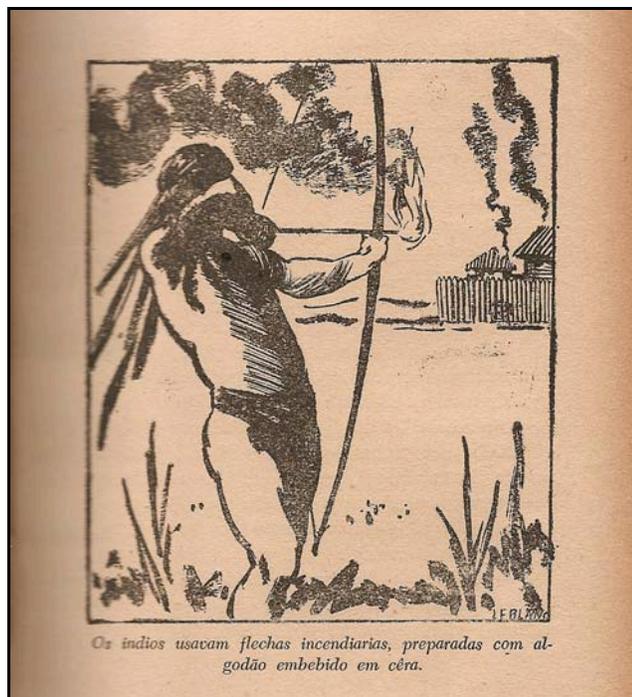


2.ed. (1932)



9.ed. (1954)

O livro não reproduz as xilogravuras do texto de Staden, mas apresenta ilustrações de episódios mais significativos para a história, imagens que auxiliam a leitura dos pequenos leitores e que enfatizam os trechos mais significativos do enredo. Nas primeiras edições da obra, as ilustrações são legendadas com trechos já anteriormente narrados. Mas esse não é fator comum a todas as edições, sobretudo nas mais atuais, em que as imagens não têm legendas.



**Fig. III** - Neste caso, a legenda retoma um trecho da narrativa: “Os índios usavam flechas incendiárias, preparadas com algodão embebido em cera.”.  
Ilustrações de André Le Blanc.

A adaptação infantil abrange a primeira parte do texto de Staden, em que são relatadas as viagens do protagonista e sua convivência com os índios no Brasil e traz, dispersas no texto, descrições dos costumes indígenas. Nesse sentido, Lobato faz um resumo da narrativa, considerando, ao lado do aspecto aventureiro do texto, seu valor documental (História do Brasil, Cultura indígena) para as crianças. Mas, ainda que baseada no texto original, a adaptação lobatiana apresenta um novo elemento no enredo da história, o pai de Hans Staden.

A figura do pai aproxima a história de Hans Staden à de Robinson Crusoe<sup>156</sup>, náufrago inglês que viveu sozinho durante anos numa ilha visitada, algumas vezes, por índios antropófagos. *Robinson Crusoe* é considerado um clássico da literatura para jovens e crianças, por causa, principalmente, da adaptação da obra para o público infanto-juvenil<sup>157</sup>.

<sup>156</sup> Abril de 1719 é a data da primeira edição do volume 1 da história de *Robinson Crusoe*, publicada em Londres, por Daniel Defoe.

<sup>157</sup> A tradução pioneira para o público brasileiro foi feita por Carlos Jansen, em 1885, época em que primeiro se observa, entre os homens de letras, um interesse, e mesmo, uma preocupação com a literatura infanto-juvenil. Muito tempo decorreu até que fosse feita uma nova tradução da história – somente em 1931, uma

Em Staden, no entanto, a desobediência paterna não é explorada e há uma única referência à figura paterna:

– O moço Staden tinha um temperamento aventureiro; não se contentava com o sossego da cidade natal. Queria ver mundo, viajar, cortar os mares, e teimava nisso por mais que o pai lhe dissesse que “boa romaria faz quem em casa fica em paz”.

Um dia resolveu sair de Homberg.

– “Adeus, meu pai! Não nasci para árvore. Quero voar, conhecer mundo. Adeus!”

– Pois vá, meu filho. Todos nós temos um destino na vida; se o teu é viajar, que se cumpra. (10)

Alguns temas abordados nas adaptações das obras de Robinson e de Hans Staden assumem um tom muito semelhante; são eles religião e antropofagia. A religiosidade dos protagonistas é tratada com um fato superficial, além de suprimida em muitas passagens. Quanto ao tratamento dado aos episódios de canibalismo da narrativa, em ambos os textos, o assunto é exposto de forma sutil, sem atribuir ao ritual o sentido de barbárie. Podemos também afirmar que a motivação que leva os aventureiros à vida no mar é a mesma: o sonho da riqueza.

A comparação com a obra de Defoe fica, no entanto, patente no prefácio da segunda edição infantil da obra de Hans Staden (1932). Neste, Lobato, motivado pela boa acolhida da primeira edição, justifica a impopularidade do livro de Hans Staden pela falta de adaptações, principalmente para o público infantil, a exemplo de *Robinson Crusoe*:

As aventuras de Robinson Crusoe constituem o mais popular livro do mundo. Da mesma categoria são estas de Hans Staden.

Se as de Robinson tiveram a divulgação conhecida, proveio da passarem às mãos das crianças em adaptações conforme a

---

outra edição é publicada por Monteiro Lobato, esta adaptada para crianças, na linha da literatura infantil que o autor vinha produzindo desde *Narizinho Arrebitado* (1921). A adaptação lobatiana foi sistematicamente reeditada, alcançando, no ano de 1995, a 38ª edição, reimpressa, pela 5ª vez, em 2001. Outros tradutores também dedicaram-se a adaptar *Robinson Crusoe* para o público infanto-juvenil (Ana Maria Machado, Werner Zotz, etc.). Dados levantados pelas pesquisadoras Lucila Bassan Zorzato e Raquel Afonso da Silva, em um trabalho desenvolvido para a disciplina “A Formação do Romance”, (Lt006), 2005.

idade, e sempre remoçadas no estilo, de acordo com os tempos. Com as de Staden tal não sucedeu – e em consequência foram esquecidas.

Quem lê hoje, ou pode ler, o livro de Defoe na forma primitiva em que apareceu? Os eruditos. Também só os eruditos arrostam hoje a leitura original das aventuras de Staden.

Traduzidas ambas, porém, em harmonia moderna, toante com o gosto do momento, emparelhar-se em pitoresco, interesse humano e lição moral. Equivalem-se.

As palavras de Lobato trazem à tona duas outras questões relacionadas ao seu projeto de criação de uma literatura infantil brasileira: a adaptação de clássicos e o trabalho com a linguagem. No primeiro caso, conforme acrescenta Lajolo (2002), contar a história de um clássico, como a obra de Cervantes, a de Defoe ou a de Hans Staden, é uma estratégia para vencer a transitória imaturidade literária dos jovens. Mantendo, muitas vezes, alguns termos originais, ou apenas exibindo a obra durante os serões de leitura, a avó educa lingüística e literariamente seus netos (e seus leitores) e insiste na idéia de que “ler um livro é melhor que ouvir sua história<sup>158</sup>”.

O trabalho com a linguagem é outra estratégia lobatiana de apropriação do texto. A adoção de uma linguagem de que estão ausentes formas eruditas e regras gramaticais, despojada de “literatices”, nas palavras de Lobato, é também um modo de interação com a obra. Em Hans Staden, Lobato procura usar uma linguagem próxima do universo infantil, simplificada no nível sintático e vocabular, acrescida de interjeições e de expressões populares e gírias: “Valha-me Deus!”, “Nossa!”, “derrota!”.

Os termos indígenas, visíveis ao longo da narrativa, têm seus significados transcritos em notas de rodapé, de maneira sucinta, ou são explicados pela avó, conforme ilustram os exemplos abaixo:

–“Pira” eu sei que é peixe, disse Pedrinho: Piracicaba, pirajuí, piracema, pirarucu...  
– Isso mesmo, aprovou dona Benta; e “cui” significa farinha.  
(56)

---

<sup>158</sup> LAJOLO, Marisa. Monteiro Lobato e Dom Quixote: viajantes nos caminhos da leitura. In \_\_\_\_\_ *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6.ed., 2002.

A especificidade e importância de cada língua (Portuguesa e Indígena) é foco de discussão entre as crianças do sítio. Nesse caso, a comparação entre os idiomas ressalta as diferenças existentes no modo de abordar a questão, levando em consideração as fontes históricas, as culturas distintas e os valores atribuídos em cada caso. Noutro sentido, como parte do projeto pedagógico de Lobato, é possível observar a preocupação deste em tornar a criança capaz de conhecer e entender as diversidades culturais e de despertar nela a capacidade de julgamento.

- Por que não falamos nós no Brasil a língua dos índios, em vez de portuguesa? Não era a língua natural da terra?
- Quando numa região se chocam dois povos, como aqui, vence a língua do mais forte. Os portugueses suplantaram os índios; era natural que predominasse a língua portuguesa sobre a Tupi. Mas a nossa língua brasileira, a que familiarmente falamos e serve sobretudo às populações no interior do Brasil, é uma verdadeira mistura de português e tupi, três quartos de português para um de tupi.
- É verdade, vovó, que a nossa língua é a mais bonita e rica de todas?
- É sim, minha filha, para nós; para os ingleses é a inglesa; para os franceses é a francesa, e assim por diante. Para os índios a mais bela está claro que seria a Tupi.
- Que pena ser assim! Exclamou Narizinho.
- Pena por que, menina?
- Por que então não há uma primeira, de verdade...
- Tanto melhor. Sendo cada língua a primeira para o povo que a fala, há no mundo muito mais gente satisfeita do que se não fosse assim. (57)

Alguns subtemas parecem adquirir novas significações na adaptação infantil; são eles: História, Religião e Antropofagia.

No que se refere à História, nota-se o destaque ao valor documental do texto de Staden, que traz importantes informações sobre a colonização do Brasil e os costumes dos povos indígenas, além de outros elementos que caracterizam o discurso histórico no texto infantil: valores morais, superstições, questionamentos quanto à veracidade dos fatos. Os personagens julgam os fatos narrados, comparando-os à sua realidade, questionam as verdades impressas e os valores que movem o homem na busca por riquezas e conquistas e,

em seu posicionamento crítico, citam e modificam fábulas e provérbios conhecidos de acordo com a sua própria visão dos fatos. Vejamos alguns exemplos:

O navio não se achava em condições de resistir, e seus tripulantes fugiram todos para a terra. Penteado apossou-se do barco sem luta, e fez um ótimo negócio, tanta farinha e vinho encontrou nos seus porões.

Foi um regalo. Os vencedores tiraram a barriga da miséria comendo e bebendo pelo resto do ano.

– Que boa vida! Exclamou o menino. Bem diz a vovó que *a história da humanidade é uma pirataria sem fim...*

– Infelizmente é verdade, meu filho. Com este ou aquele disfarce de pretexto, *o mais forte tem sempre razão e vai pilhando o mais fraco.*

– É a fábula do lobo e do cordeiro... lembrou a menina.

– Qual, cordeiro! Protestou Pedrinho. *É a fábula do lobo forte e do lobo fraco.*

– Bem pensado! Disse a vovó. Essa fábula não foi escrita por Esopo, nem La Fontaine, mas devia ser a fábula número um, porque é a que tem mais freqüente aplicação na vida. (28-29)

[Grifo Nosso]

No segundo trecho, é a avó quem chama a atenção dos netos para a veracidade das fontes históricas. Quase sempre a história tem o perfil do vencedor:

– Quer isso dizer que se os portugueses houvessem tratado com justiça os selvagens do Brasil eles seriam amigos, disse Pedrinho.

– Certamente, respondeu dona Benta. Mas os conquistadores do novo mundo, tanto portugueses como espanhóis, eram mais ferozes que os próprios selvagens. Um só sentimento os guiava: a cobiça, a ganância, a sede de enriquecer, e para o conseguirem não vacilavam em destruir civilizações inteiras, como os astecas do México, os incas do Peru, povos cuja civilização era já bem adiantada.

– Mas como é, então, vovó, que esses homens são gloriosos e a história fala deles como grandes figurões?

– Por uma razão muito simples: porque a história é escrita por eles. Um pirata quando escreve a sua vida está claro que se embeleza de tal maneira que dá a impressão de ser um magnânimo herói. Há uma fábula a esse respeito. À entrada de certa cidade erguia-se um grupo de mármore, que representava um homem vencendo na luta ao leão. Passa um

leão, contempla aquilo e diz: Muito diferente seria essa estátua, se os leões fossem escultores! (76)

No excerto acima, o relativismo de valores está associado à importância que as fontes históricas adquirem na obra lobatiana. A justificativa para o trabalho com a obra de Hans Staden – para adultos e crianças – é fundamentada em seu conteúdo histórico: “melhor documento aparecido no mundo sobre a nossa terra” (...) “o melhor documento daquela época quanto aos costumes e mentalidade dos índios”. Nesse sentido, Zinda Vasconcelos complementa:

A História não seria uma verdade objetiva passível de ser conhecida diretamente; seu acesso seria sempre filtrado por uma narração – e disso ele torna os leitores conscientes. (VASCONCELOS, 1982, p. 64)

As superstições, relacionadas ou não à religião, são quase sempre desmistificadas na obra lobatiana. Na adaptação infantil da obra de Staden, contudo, são poucos os exemplos de credices populares fora do contexto religioso.

Certa noite de chuva apareceram no costado dos navios muitas luzes mortas, coisas que Hans Staden não tinha visto ainda. Ondas de vagas batiam e ficavam a brilhar uma luz azul. Os marinheiros alegravam-se com o fenômeno, a que chamavam de santelmo e diziam ser sinal de bom tempo. (...) Mas a tal luz morta vovó, que era? Quis saber Pedrinho, e dona Benta explicou.

– Tratava-se de uma fosforescência de certos bichinhos que bóiam sobre as águas do mar aos bilhões de bilhões, numa verdadeira via láctea de massa viva. É a mesma fosforescência dos vaga-lumes, mas em animalecos extremamente pequenininhos... (17)

A menção à figura de Deus também é mais tênue, conforme a proposta empregada por Lobato nas edições de *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*. No tratamento dado à religião, o que prevalece é a ingenuidade daquele que se prende a superstições ou crenças. Ainda que a credice de Hans Staden seja ressaltada, é sob a figura do índio que as superstições têm maior influência:

Cada selvagem possuía o seu maracá e o acomodava numa cabana especial, onde lhe dava de comer e o consultava sobre tudo quanto pretendiam saber.

– Mas o maracá respondia às consultas?

– Respondia, sim, meu filho, como a Emilia responde às perguntas de Narizinho. Quem cala consente; os maracás se calavam, logo, respondiam sim a todas as consultas dos índios. (70)

Hans Staden, embora retratado em seus momentos de orações, invocando os poderes de Deus nas horas de perigo e rendendo graças às conquistas obtidas no findar de cada impasse, tem sua religiosidade questionada em alguns trechos da narrativa, como ilustra a citação abaixo.

Hans lembrou-se do incidente da lua e encheu-se de grande alegria, imaginando que Deus visivelmente o estava protegendo. Aproveitou-se do caso para convencer o índio de que era assim mesmo. A lua estava zangada com todos eles porque queriam comê-lo, como se fosse um pero, o que não era verdade; Vinha daí aquele rosário de desgraças.

Nhaepêpô pediu-lhe que curasse. Hans, então, deu-se ares misteriosos e girou em torno dos doentes, fazendo passes com as mãos e pronunciando palavras cabalísticas. Terminou assegurando que iriam todos sarar.

Infelizmente aquelas micagens não produziram nenhum efeito. (98) [Grifo Nosso]

Mesmo que o artifício de enganar os índios, usando a palavra de Deus, seja lido como um modo de sobrevivência, os vocábulos “imaginando” (para designar a crença de Staden) e “micagens” (referindo-se ao ritual para benzer a tribo) afetam o verdadeiro valor empregado no texto original, a partir do qual o poder divino, de fato, altera o rumo dos acontecimentos. Em Lobato, as evocações de Deus feitas por Staden parecem artificiais e, noutros casos, são tratadas do mesmo modo que as demais atividades rotineiras do personagem. Fica sugerido, nesse contexto, a crítica lobatiana à ingênua crença do auxílio divino. Tal postura, como bem aponta a pesquisadora Zinda Vasconcelos<sup>159</sup>, dialoga ainda com a crítica ao fatalismo do caboclo, que interpreta todos os seus males como resultado da

---

<sup>159</sup> Op cit. P.84-5.

vontade divina, contra a qual nada se pode fazer. De fato, em ambos os casos, o que prevalece é a intenção do autor em questionar o papel da religião na vida da população.

O ritual antropofágico, também descrito na versão infantil, é diversas vezes anunciado, aguçando a expectativa do leitor e o sentido de aventura que o narrador acrescenta à realização da cerimônia, como ilustram os seguintes excertos:

- Conduzidos em postas? Interrogou Narizinho. – Para serem enterrados lá?
- Não, minha filha: para serem comidos...
- Que horror! Exclamou a menina, fazendo uma careta de asco.
- Os tupinambás eram grandes apreciadores de carne humana, como vocês vão ver no decurso desta história. (52)

\*

Mas levaram-no para as canoas e lá viu Hans surgirem novos índios, que vinham a correr numa alegria, mordendo os braços para indicar que iam o comer. (60)

A descrição do ritual está dispersa em alguns capítulos, embora alguns deles, intitulados “Antropofagia”, “Cenas de canibalismo” e “Festas de canibais” direcionem o leitor para a representação da cerimônia. As cenas mais fortes são retratadas ora com humor, ora com argumentos culturais que expõem o sentido do ritual para a cultura indígena:

Suprimida a parte do corpo que horrizava pelo aspecto, desapareceu a repugnância dos índios, os quais tomaram o cadáver, chamuscaram-no no fogo, esfolaram-no, dividiram em postas e distribuíram-nas entre os circunstantes. Logo depois em cada cabana começou a chiar ao espeto um naco de carijó...

- Pare vovó! - exclamou narizinho; pare que estou sentindo uma bola no estômago...
- De fato, minha filha, o quadro é horroroso. No entanto fazemos nós hoje coisa muito parecida com os cadáveres dos bois e dos porcos... Afastado o aspecto moral, não vejo diferença entre o cadáver de um carijó e o cadáver de um boi. (119-120)

O impacto que a descrição do ritual causa nos ouvintes é amenizado pelo paralelo traçado entre o tratamento dado aos prisioneiros pelos índios e as mortes provocadas pelos europeus no processo de colonização dos territórios. Vejamos o texto nas palavras de Dona Benta:

Mas notem vocês que havia nisso mais brincadeira do que crueldade. Não há termo de comparação entre o modo pelo qual os índios tratavam os prisioneiros e o que era de uso na Europa. Lá a “civilização” recorria a todos os suplícios, inventava as mais horrendas torturas. Assavam os pés da vítima, arrancavam-lhe as unhas, esmagavam-lhe os ossos, davam-lhe a beber chumbo derretido, queimavam-na viva em fogueira. Não há monstruosidade que em nome da lei de Deus os carrascos civilizados, em nome e por ordem dos papas e reis, não tenham praticado. Mesmo aqui na América o que sobretudo os espanhóis fizeram é de arrepiar as carnes. Os índios, não. Brincavam com as vítimas apenas. Assim é que depois de tal dança de pernas amarradas eles rodearam Hans para escolher os pedaços. A perna é minha, dizia um; o braço é meu, dizia outro; eu quero este pé, exclamava o terceiro. (89)

Com relação à cultura indígena, outros aspectos são observados ao longo da narrativa: a organização da tribo, os hábitos alimentares, as vestimentas, a guerra entre diferentes nações Tupi, a função de homens e mulheres na sociedade indígena, a representação dos deuses e a relação com o branco no processo de colonização das terras brasileiras. Nesse sentido, a obra tenta resgatar a figura do índio e sua importância na história do país, a partir de uma visão na qual o índio não é romanticamente idealizado. Tais dados serão abordados no item seguinte – A representação do índio em *Aventuras de Hans Staden*.

Retomando certas particularidades do processo de adaptação da obra, é possível observar que a idéia de uma história dentro de outra, anteriormente mencionada, se solidifica na construção do texto, diversas vezes interrompido e retomado com cenas que direcionam o leitor ao universo do sítio. O uso desse recurso fortalece ainda a proposição que vê nos serões de leitura da avó um ritual, já que as personagens sabem que, a cada dia, em determinada hora, Dona Benta põe-se a narrar suas histórias.

- Vovó, interrompeu Pedrinho, é hora de botar a moringa no sereno.
  - E é hora também de recolher-nos, acrescentou Dona Benta;
  - Vamos deixar o resto para amanhã. (...)
- No outro dia, à tarde, sob a capa da jabuticabeira cheia de jabuticabas “pintando”, Dona Benta retomou o fio da narrativa. (44--5)

Nesses intervalos, outros personagens do sítio são lembrados, como Rabicó e Emília. A boneca, que ainda não teria sofrido sua “evolução gentai”<sup>160</sup>, também participa dos serões de leitura e é a eterna companheira de Narizinho:

- Pare um pouco vovó, pediu a menina. – Quero dar um pulo lá dentro para trazer a Emília. A coitadinha gosta tanto de ouvir histórias... (17)

\*

- Coitada da Emília! Exclamou Narizinho, beijando a boneca. – Está com cara de que não entendeu coisa nenhuma, esta boba... (24)

Segundo Nelly Novaes (1985), Emília é a única personagem que evolui dentro da obra lobatiana. Na primeira versão de *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920), seu papel é secundário e a personagem não passa de uma “bruxinha de pano”. É somente na edição posterior, *Narizinho arrebitado* (1921), que Emília, com a “pílula falante”, adquire o dom da fala, e após *Reinações de Narizinho*<sup>161</sup>, publicada em 1931, a boneca define-se como

---

<sup>160</sup> Em *A Chave do Tamanho* (1942), Emília explica sua evolução: “– Muito simples. Eu de fato fui boneca de pano. Mas evolui e virei gente. (p.52) (...) Eu sou a “evolução gentai” daquela bonequinha pernóstica. – Como? –Artes do mistério. Fui virando gentinha e gente sou; belisco-me e sinto a dor da carne. E também como.”(p.80) Embora a explicação de Emília não nos convença, a idéia de evolução da boneca é assunto da carta de 01/02/1943 a Rangel: “ (...) Emília começou uma feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custavam 200 réis. Mas rapidamente evoluiu, e evoluiu cabritamente – cabritinho novo – aos pinotes. Teoria biológica das mutações. (...)”. In: LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. P.341

<sup>161</sup> Sob o título *Reinações de Narizinho* (1931), Lobato agrupa vários títulos anteriormente publicados. São eles: *Narizinho Arrebitado* (1921), *O marques de Rabicó* (1922), *O Noivado de Narizinho* (1928), *O Gato Felix* (1928), *Aventuras do Príncipe* (1928), *A Cara de Coruja* (1928), *O Irmão de Pinocchio* (1929), *O Circo de Escavalinho* (1929), *A pena do Papagaio* (1930) e *O pó de Pirlimpimpim* (1931). Mas nem todas as publicações lobatiana aparecem neste volume, ficam de fora: *O Saci* (1921), *Fábulas* (1922), *A caçada da Onça* (1924), *Hans Staden* (1927) e *Peter Pan* (1930). Tal análise foi objeto de estudo da pesquisadora Jaqueline Negrini Rocha, em seu mestrado “De caçada às caçadas: O processo de re-escritura lobatiano de *Caçadas de Pedrinho* a partir de *A Caçada da Onça*”, defendido em 2006.

líder dos personagens do sítio e como porta-voz de Lobato. Em Hans Staden, Emília ainda não assumiu o papel de protagonista entre as personagens infantis do sítio; sua participação é ainda filtrada pela voz de Narizinho.

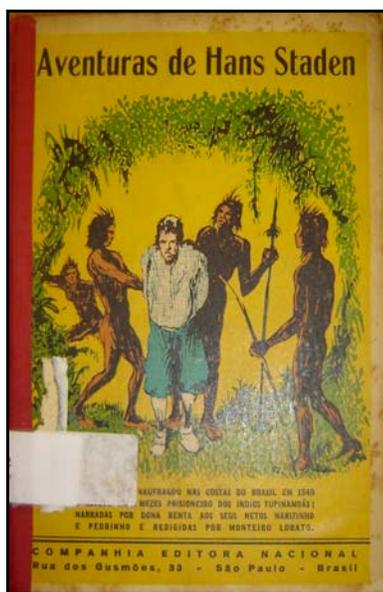
A versão infantil tem um significativo número de edições, conforme ilustra o anexo III. O quadro abaixo, uma amostra deste levantamento, aponta dados importantes para o estudo da recepção da obra entre o público infantil, e as principais mudanças editoriais presente a cada publicação do texto.

<b>Título</b>	<b>Adaptador/ Tradutor</b>	<b>Edição</b>	<b>Ano</b>	<b>Tiragem</b> 162	<b>Coleção</b>	<b>Páginas</b>	<b>Editora</b>
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato	1.ed.	1927	6.000	-	143	Editores Nacionais
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato	2.ed.	1932	6.000	Biblioteca Pedagógica Brasileira Vol.5	115	Editores Nacionais
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato	3.ed.	1934	10.000	Biblioteca Pedagógica Brasileira Vol.5	116	Editores Nacionais
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato	4.ed.	1939	7.123	Biblioteca Pedagógica Brasileira Vol.5	116	Editores Nacionais
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato	5.ed.	1944	10.096	Biblioteca Pedagógica Brasileira Vol. 5	114	Editores Nacionais
Aventuras de Hans Staden	J.M. de Sosa	-	1945	-	-	141	Editorial Americalle
Caçadas de Pedrinho; Aventuras de Hans Staden	-	1.ed.	1947	-	Obras Completas, Série 2, Vol. 3	244	Editores Brasiliense

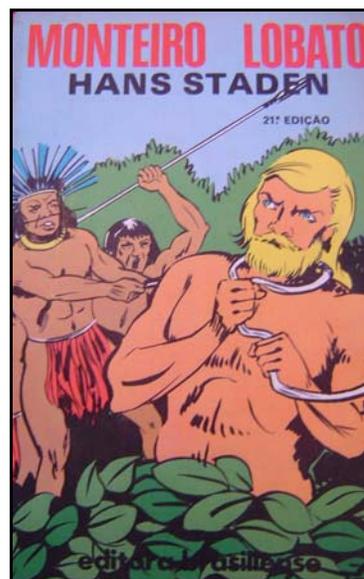
<sup>162</sup> Dados obtidos a partir do Movimento das edições da Editora Nacional.

No cotejo de algumas edições, encontramos elementos intrigantes para uma análise. A capa, “porta de entrada” para o texto, aponta o primeiro deles: o destaque dado ao adaptador, em detrimento do autor. Embora na primeira edição da obra o subtítulo, transcrito na capa, apresente a história de Hans Staden como um fato verídico, sua função como autor parece estar “camuflado” sob o nome de Monteiro Lobato. Nas demais edições, tal hipótese confirma-se e o nome de Lobato, escrito com formas grandes e cores fortes, ganha cada vez mais destaque. Podemos conjecturar que este destaque ao adaptador é uma possível estratégia de marketing das editoras (Nacional e Brasiliense), dado que Monteiro Lobato torna-se um autor consagrado de literatura para crianças, justamente o público que se pretende atingir.

**Fig. IV e V**



Capa da 1ª Edição (1927)



Capa da 21ª Edição (1980)

A mudança de títulos, como ilustra a imagem acima (*Aventuras de Hans Staden* e *Hans Staden*) é um recurso empregado em algumas das edições mais atuais, lançadas pela Editora Brasiliense. O mesmo se aplica ao subtítulo da obra (“O homem que naufragou nas costas do Brasil em 1549 e esteve oito meses prisioneiro dos índios tupinambás; Narrados

por Dona Benta aos seus netos Narizinho e Pedrinho”), que nessas edições, muitas vezes, não é citado. Com exceção da primeira, todas as demais publicações trazem o prefácio da 2º edição, no qual Lobato justifica o valor do livro de Staden e o compara à obra *Robinson Crusoe*, de Defoe, supracitado. Quase todas as versões publicadas pela Editora Nacional estão inseridas na coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira<sup>163</sup>, fato que se altera a partir da 7º edição, editada em 1948 pela Editora Brasiliense<sup>164</sup>. O nome das editoras também ganha destaque nas capas das edições mais recentes.

O conteúdo da narrativa não apresenta mudanças a cada reedição do texto, permanecendo com o número de 22 capítulos, todos titulados. As alterações mais significativas estão relacionadas à composição do texto: capas, ilustração, formatação. As tiragens de algumas edições ilustram a boa recepção da obra entre o público infantil. Fato registrado também por Lobato, e que serve de incentivo para novas edições do texto: “Anos atrás tivemos a idéia de extrair do quase incompreensível e indigesto original de Hans Staden esta versão para as crianças – e a acolhida que teve a primeira edição, bastante larga, nos levou a dar a segunda<sup>165</sup>”.

A obra é também traduzida para o espanhol por J.M. de Sosa, com ilustrações de Arturo Travi. Neste caso, o livro traz como paratexto uma síntese da figura de Hans Staden, o prefácio da 2º edição brasileira, e sugere a leitura seqüenciada dos livros que compõem a série infantil de Lobato com um lembrete ao leitor: “Las otras aventuras de esta pandilla continúan en el libro HISTORIA DEL MUNDO PARA LOS NIÑOS”. As edições infantis em espanhol, no entanto, começam a ser publicadas a partir de 1943.

Fator comum na maioria das edições, incluindo a versão em espanhol, é a referência às demais obras que compõe a série infantil de Lobato, como forma de divulgar a produção do escritor. A isso, acrescenta-se ainda um apêndice com dados relacionados à vida e obra do escritor Monteiro Lobato, como ilustra a imagem abaixo:

---

<sup>163</sup> A Biblioteca Pedagógica foi criada em 1930 por Fernando de Azevedo.

<sup>164</sup> A editora Brasiliense passa a publicar as obras de Monteiro Lobato em 1944.

<sup>165</sup> LOBATO, Monteiro. Prefácio da segunda edição de *Aventuras de Hans Staden*.



Fig. VI – Vida e obra de Lobato

A adaptação de Staden, assim como outras de suas publicações infantis<sup>166</sup>, recebe duras críticas, como ilustra o boletim da Liga Universitária Católica Feminina, que nos anos 40, embora reconheça o pioneirismo de Lobato e seu valor literário enquanto escritor infantil, conclui pelo negativismo de sua obra, apontando-lhe falhas morais: “Há em toda ela situações, episódios, conclusões morais que expressam grande pessimismo no valor dos homens (...)”. Nas *Aventuras de Hans Staden*, são consideradas impróprias algumas cenas de antropofagia, “descritas tão ao vivo que podem impressionar crianças muito pequenas ou muito sensíveis”. (apud CAVALHEIRO, op cit., p.168).

O aspecto final a ser examinado e que se relaciona ao projeto literário lobatiano é o conceito de “desliteratização”. Em diversos trechos de sua correspondência, Lobato insiste na idéia de eliminar de seus textos o “excesso de literatura” – fórmulas rebuscadas, repletas de “gramatiquices” que dificultam o acesso à obra. Tirar tudo aquilo que é supérfluo, para dotá-la de maior clareza e simplicidade. A carta abaixo transcrita retrata a visão do escritor:

<sup>166</sup> Neste caso, a Liga Universitária Católica Feminina aponta as “falhas” presente em todos os livros que compõem a série do “Sítio do Picapau amarelo”.

Rangel: apareceu-me uma senhora Dupré que está operando uma revolução literária. Está nos ensinado a escrever – e eu muito aproveitei a lição. Revelou-me um tremendo segredo: *o certo em literatura é escrever com o mínimo possível de literatura!* Certo, porque desse modo somos lidados, como ela está sendo e como eu consegui ser nos livros em que me limpei de toda “literatura”. Como nos envenenou aquela gente que andamos a ler na mocidade! (...) Campão revelou-me o sentido da aquarela: não empastar as cores, não sobrepor tintas, pois só assim alcançamos o que nesse gênero há de mais belo: a transparência. No estilo literário dá-se a mesma coisa: o empastamento mata a transparência, tal qual nas aquarelas. Se eu digo “céu azul”, estou certo, porque não sobrepus tintas e obtive transparência. Mas se venho com aqueles “lindos” empastamentos literários que nos ensinaram (“céu azul turquesa” – “a cerúlea abobada celeste”), estou fazendo literatura; e sobre a coisa mais linda que é a palavra “azul” sobreponho um tom empastante “turquesa” que no espírito do leitor irá sugerir a esposa dum Abud qualquer, ou “cerúleo” que nos sugere cera; positivamente borro o azul do céu – em vez do céu lindo que eu quis descrever me sai uma “literatura”. A Dupré mostrou-me que se pode escrever com zero de “literatura” e 100% de vida. (...) Na revisão dos meus livros a saírem na Argentina estou operando curioso trabalho de raspagem – estou tirando tudo quanto é empaste.

O último submetido a tratamento foram as *Fábulas*. Como o achei pedante e requintado! Dele raspei quase um quilo de “literatura” e mesmo assim ficou alguma coisa. O processo da raspagem não é o melhor, por que deixa sinais – ou “esquírolas”, como eu diria se ainda tivesse coragem de escrever como antigamente. (339-340, carta de 01/02/1943)

Embora a carta, de 1943, não sirva de embasamento sólido para uma afirmação sobre a concepção lobatiana de literatura e do “fazer” literário – deve-se considerar as condições em que a missiva foi escrita, ao calor da leitura de Lobato e sem uma pretensão “crítica” de fato – ela parece emblemática por sistematizar um dos intuitos perseguido pelo autor ao longo da constituição de sua obra infantil.

Um dos aspectos representativos desta linguagem “desliteraturizada” a que pretende Lobato é a incorporação da oralidade nas narrativas. Essa oralidade, por sua vez, dá margem à criação de um texto de leitura corrente, com o intuito de se aproximar do leitor. Há várias estratégias empregadas para este fim; podemos referir, por exemplo, a

incorporação da figura do “contador de histórias”, representado, na maioria das vezes, por D. Benta, além da forma dialogada de exposição da história, com as frequentes intervenções das crianças, em forma de comentários ou perguntas. A estas, D. Benta responde de maneira didática, a fim de esclarecer seus netos e, por extensão, os leitores.

A imagem de D. Benta como educadora, presente já em *Aventuras de Hans Staden*, parece integrar o objetivo pedagógico de Lobato, que se cristaliza no decorrer de sua obra. Observamos essa proposta em questões referentes à própria linguagem, bem como em discussões de caráter ideológico, como os que se notam na obra supracitada, quando é debatida, por exemplo, a representação do índio e de sua cultura, questão de que trataremos mais pontualmente no tópico que se segue.

No que se refere à linguagem, embora o autor opte mais frequentemente por uma linguagem de uso corrente, próxima ao cotidiano dos leitores, não se abstém, em alguns momentos, de utilizar um vocabulário mais “literário”. Neste caso, a avó-educadora elucida o significado e uso do termo, com a intenção mesma de instruir seus ouvintes, ainda de leitura incipiente, para lentamente se familiarizarem com estas construções:

(...) a navegação a vela foi uma grande epopéia.  
 – Que é epopéia, vovó? – exclamou a menina.  
 – Eu sei! – exclamou o menino. – Epopéia é, por exemplo, *Os Lusíadas*, de Camões, não é, vovó?  
 – Não é, meu filho. Dar exemplo não é definir. Epopéia quer dizer poema em que o poeta canta uma grande empresa heróica, uma alta façanha. *Os Lusíadas* são uma epopéia, mas “a epopéia não é, por exemplo, *Os Lusíadas...*” (...) (23)

No item que se segue analisaremos, com maior ênfase, a representação da figura do índio na adaptação lobatiana de Hans Staden, temática que, para as crianças, garante o tom de aventura da história.

### **3.2 A representação do índio em Aventuras de Hans Staden**

Em *Aventuras de Hans Staden* a representação do índio ganha especial relevo. Entre os 22 capítulos que compõem a narrativa, dez abordam, direta ou indiretamente, a cultura indígena sob diferentes enfoques: hábitos, costumes, religião, ritual antropofágico, guerras.

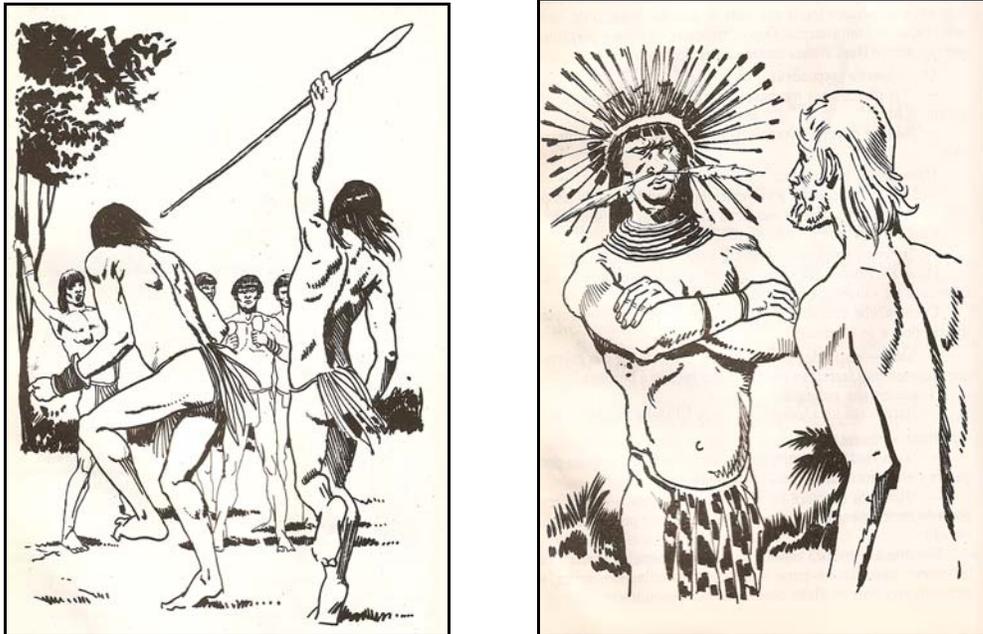
Embora a versão infantil não apresente as xilogravuras do original, as ilustrações<sup>167</sup> também apresentam parte desse universo indígena, ora complementando, ora sintetizando o conteúdo do texto.

Na maior parte das edições consultadas<sup>168</sup>, as ilustrações de capa retratam o índio com trajes e ornamentos típicos (cocares e penas), munidos com arcos e flechas, em seu ambiente natural – a mata. Junto à figura de Hans Staden, loiro e de olhos claros, opõem-se pela cor morena e um aspecto físico forte. As imagens que integram o texto não diferem dessa proposta e apresentam ainda cenas de guerra, de caça e também do ritual antropofágico vividos pelos índios. Neste último caso, como nas xilogravuras de Staden, as ilustrações reproduzem as várias etapas da cerimônia: a festa de apresentação do prisioneiro, o cativo, a interação da comunidade indígena no evento e o sacrifício do preso.

---

<sup>167</sup> São vários os ilustradores da obra: André Le Blanc, Voltolino, J.U. Campos, Belmonte, Manoel Victor Filho, Arturo Travi, na edição argentina, entre outros. Em algumas edições, as imagens são de vários ilustradores. Não há, no entanto, diferenças substanciais entre os ilustradores.

<sup>168</sup> Para a representação visual foram consultadas as seguintes edições: 1.ed. (1927); 2.ed. (1932); 3.ed. (1934); 6.ed. (1944); 9.ed. (1954); 21.ed. (1980), 32.ed. (1994) e 1.ed. das Obras Completas, vol.3, série infantil, (1947).



**Fig. VII e VIII** – Representam, respectivamente, a festa dos Tupinambá e o encontro de Hans Staden com o chefe indígena Cunhambebe.

A figura do índio é introduzida, no texto, no capítulo segundo – “A revolta dos índios” – em que a avó explica a luta entre indígenas e colonizadores, justificando que, ao contrário dos negros, os índios não aceitam pacificamente a escravização imposta pelo branco:

A raça vermelha, ou índia, nunca suportou a escravidão. Prefere a morte, e se não fosse a ganância dos brancos, quer portugueses, quer espanhóis, ganância que levou a insistir na escravização dos índios, não teria havido nas Américas os horrores que houve. (10)

O paralelo entre índios e negros retoma a discussão em voga nos séculos XIX e XX sobre a diversidade das raças que compõe a sociedade brasileira. Assim, a partir da idéia de aperfeiçoamento das raças, cabe ao branco a função de civilizador; ao índio, resgatado o valor de suas origens na história do Brasil, a de representante do nacional e, ao negro, a condição de degradado.

Em tal capítulo são ainda descritos os armamentos e métodos utilizados pelos selvagens na guerra contra os europeus. Ainda que desconhecedores de armas de fogo, os índios recorrem ao conhecimento que têm da natureza e dos recursos que a mata oferece para proteger a tribo da escravidão. Mesmo índios cativos oferecem resistência ao domínio do estrangeiro. Para tanto, utilizam-se de arcos e flechas, flechas incendiárias, árvores que obstruem o percurso dos rios e fumaça com pimenta como formas de defesa. Em toda a obra o índio é caracterizado como um grande guerreiro, mas a força física não vence a inteligência do colonizador. Mais uma vez, é possível observar a idéia de superioridade da raça branca:

- Os selvagens, a final de contas, não passavam de uns coitados, disse Narizinho. – Hans embaçou-os de uma vez.
  - É que [os índios] possuíam um grau de inteligência muito inferior ao dos brancos. Daí a facilidade dos pêros e espanhóis, em muito menor número, conseguiram dominá-los.
- (37)

Em outra vertente, a avó aborda a boa convivência entre índios e brancos. Nesse caso, os laços de aliança são traçados não só pelo escambo, mas também pela participação em atividades guerreiras. Em troca de mercadorias valorizadas no “Mundo Ocidental” e, posteriormente pelo domínio da região, os europeus auxiliam os índios nos conflitos entre tribos. Mas, se para os europeus a interação com o índio representa “aliança”, para os nativos é exatamente o oposto. Todo europeu aliado à tribo inimiga é também considerado inimigo e combatido segundo a lógica da guerra tupi: vingança, aprisionamento e sacrifício. Assim é tratado Hans Staden ao ser preso pelos índios tupinambás:

Os índios replicaram que era falso, pois se fosse francês não estaria entre os portugueses, gente inimiga dos franceses. Disseram ainda que os franceses vinham todos os anos trazer-lhes facas, machados, espelhos, pentes e tesouras, levando em troca pau-brasil, algodão, penas e pimentas. Por isso eram amigos dessa gente. Já com os portugueses fora o contrário. Tinham vindo àquela terra muitos anos antes e logo se ligaram aos seus rivais tupiniquins. Apesar disso, eles, índios,

tentaram aproximar-se e penetraram em seus navios, como costumavam fazer nos navios franceses. Quando os peros viram a bordo um bom número de tupinambás, agarraram-nos e entregaram-nos aos tupiniquins, para que os comessem. Além disso mataram a tiro muito que estavam de fora, nas canoas. Essas e outras crueldades fizeram-lhe nascer no coração um ódio de morte contra os peros. (27)

Várias tribos são citadas no decorrer da história – índios Potiguara, Carijó, Tupiniquim, Tupinambá. Embora a narradora não se aprofunde na característica segmentária da população indígena, trata mais detalhadamente das ações de guerra que definem a relação entre índios tupiniquim e tupinambá.

Os índios dessa região eram os tupiniquins, cujos domínios se limitavam ao sul com a terra dos carijós, e ao norte com a dos tupinambás, tribos inimigas entre si.

Os tupinambás odiavam aos portugueses por se terem aliado aos tupiniquins (...). (21)

O ritual antropofágico segue a lógica da guerra tupi: vingança, aprisionamento e sacrifício, e todo esse processo é resgatado na narrativa de D. Benta.

Neste sentido, o sentimento de vingança, justificativa para os conflitos entre aldeias, está presente tanto no responsável pela captura do inimigo, quanto no prisioneiro, que reage com a mesma hostilidade com que é tratado. O branco, ao contrário, apavora-se com a idéia de ser devorado, e sua aflição é interpretada como sinal de covardia:

Naquela imensa aflição [Hans Staden] pôs-se a rezar um salmo, com os olhos em pranto. Ao vê-lo nesse estado, os índios escarneceram.

– “Vede como chora! Ouvi como se lamenta!”.

Em transes idênticos os prisioneiros indígenas mostravam grande arrogância e profundo desprezo pela vida: arrostavam seus matadores, ameaçando-os com a vingança dos amigos e parentes. Os brancos, porém, em geral se acovardavam, choravam e pediam misericórdia. (24)

O aprisionamento e sacrifício do cativo são também acontecimentos que envolvem toda a comunidade indígena. Depois de capturado pelos guerreiros, os presos são recebidos pelas mulheres na aldeia com canto e festa. Antes de apresentá-lo ao demais integrantes da tribo, ornamentam os presos com pinturas, penas e colares.

As mulheres deixaram a roça e vieram rodeá-lo, cheias de curiosidade. Pela primeira vez viam um bípede implume loiro, de olhos azuis e cara vermelha, como presunto.

Os homens entregaram-lhes o prisioneiro, antes de irem para as cabanas guardarem as armas e repousar. Então, as mulheres, entoando os cantos que usavam quando iam devorar um inimigo, conduziram até à caiçara ou cercado de paus-a-pique que fechava a taba. Pelo caminho foram-lhe dando bofetões e arrancando-lhe punhados de barba. (25)

As mulheres são também responsáveis pela preparação da bebida típica para a cerimônia de antropofagia – o *cauim*:

– [cauim] Era a bebida fermentada dos nossos índios. Cada povo possui a sua bebida nacional e os nossos índios não podiam fazer exceção à regra. Preparam o cauim de um modo interessante: as mulheres mascavam o milho lançando-o com a saliva em grandes vasilhas, onde ficava a fermentar.

– Modo interessante, diz vovó! – exclamou a menina com ar de nojo. Que porcaria!

– Para nós – explicou D. Benta; para nós que temos outra cultura e modos de ver diferentes. Se você fosse uma índiazinha daqueles tempos, havia de achar a coisa mais natural do mundo e não deixaria de comparecer a todas as mascações do abati (22)

Tal relativismo de valores é aqui empregado como uma tentativa de ampliar o conhecimento de mundo dos leitores e apresentar a diversidade cultural que há entre os povos. O conceito de verdade, em diversos trechos da narrativa, relacionado às fontes históricas ou, neste caso, às diferenças culturais, é questionado por D. Benta.

O prisioneiro é ainda apresentado às tribos aliadas, como forma de socializar a vingança. O responsável pelo preso tem o direito de matá-lo ou oferecê-lo de presente a outro indígena. Tanto o executor quanto a vítima ganham prestígio com o sacrifício: aquele que o mata, além de adotar o nome do rival, fica conhecido como um valente guerreiro; aquele que é sacrificado passa a viver numa “terra-sem-mal”.

– Por fim apareceram na cabana os dois selvagens que o tinham capturado. Esses índios, seus donos por direito de guerra, eram os irmão *Alquindar –miri* e *Haepepô* – nomes que significam “alguidar pequeno” e “panela grande”. Vieram dizer-lhes que o haviam dado de presente a um tio, Ipiruguaçu (tubarão grande), o qual iria tomar conta dele e mata-lo para ganhar o nome.

– Que História é essa de ganhar um nome? Quis saber o menino.

– Era uso dos índios herdar o nome das vítimas. Ipiur havia, um ano antes, capturado um escravo e presenteado com ele seu sobrinho Alquindar. Este moço, querendo retribuir a gentileza, dava-lhe Hans de presente. Ipiru, então, o mataria e lhe herdaria o nome, para acrescentar ao seu, como um penacho. (69)

Nesse caso, a descrição dos passos do ritual antropofágico e o papel do índio na cerimônia não assumem o sentido empregado por Staden – ódio e inveja –, e nem mesmo adquire o tom heróico empregado por Gonçalves Dias no celebre poema “I Juca Pirama”, em que o poeta incorpora as informações do ritual fornecidas por Hans Staden. Para Lobato, o valor do ritual está associado às especificidades da cultura indígena.

O tratamento dado aos prisioneiros é comparado às crueldades exercidas pelos europeus no processo de colonização dos territórios, como ilustra o trecho abaixo:

Mas notem vocês que havia nisso mais brincadeira do que crueldade. Não há termo de comparação entre o modo pelo qual os índios tratavam os prisioneiros e o que era de uso na Europa. Lá a “civilização” recorria a todos os suplícios, inventava as mais horrendas torturas. Assavam os pés da vítima, arrancavam-lhe as unhas, esmagavam-lhe os ossos,

davam-lhe a beber chumbo derretido, queimavam-na viva em fogueira. Não há monstruosidade que em nome da lei de Deus os carrascos civilizados, em nome e por ordem dos papas e reis, não tenham praticado. Mesmo aqui na América o que sobretudo os espanhóis fizeram é de arrepiar as carnes. Os índios, não. Brincavam com as vítimas apenas. Assim é que depois de tal dança de pernas amarradas eles rodearam Hans para escolher os pedaços. A perna é minha, dizia um; o braço é meu, dizia outro; eu quero este pé, exclamava o terceiro. (89)

O questionamento e, em alguns momentos, até a aceitação do ritual antropofágico pelas crianças do sítio é resultado do sentido pretendido por Lobato – o de revalorização dos costumes indígenas e não de barbárie.

A apresentação do líder indígena – Cunhambebe – é outro acontecimento na narrativa. A fama de guerreiro impiedoso e as interrupções na descrição de sua figura justificam o ar de suspense e a expectativa criada sob o personagem.

(...) Cunhambebe, um dos poucos selvagens que deixaram nome em nossa história. (83)

\*

Hans já conhecia de fama o cacique Cunhambebe, guerreiro audacioso e hábil, que muito mal fazia aos portugueses. Mas não o conhecia pessoalmente. (83)

\*

– “És tu Cunhambebe? Vives ainda?”

– “Sim”, respondeu o índio; “vivo ainda.” (84)

\*

– Estou com medo vovó, disse Narizinho. Esse Cunhambebe me faz tremer...

– Pois eu estou animado! Gritou Pedrinho. Gosto muito de um tipo assim! Ele estava no seu papel. Estava defendendo a sua terra, invadida por estrangeiros. Tinha o direito de comer quantos pêros quisesse... (86)

O último aspecto examinado neste item diz respeito aos mitos indígenas, aos quais é dedicado um capítulo, Os Maracás. Nele, está exposta a crença em torno dos Maracás, deuses indígenas representados por uma “cabeça” ornamentada, e parte do ritual a eles

dedicado. Os índios, como já dito anteriormente, são então definidos como homens pagãos e muito supersticiosos e, como Hans Staden, dependente de uma “força superior”:

– Dali as índias conduziram Hans para defronte da cabana onde guardavam os maracás, isto é, ídolos ou deuses selvagens. Eram cabeças cheias de pedrinhas, atravessadas por um cabo, com uma grande boca pintada, ou recortada. Cada selvagem possuía o seu maracá e o acomodava numa cabana especial, onde lhe dava de comer e o consultava sobre tudo. (73)

A descrição da figura indígena na adaptação infantil *Aventuras de Hans Staden* está diretamente associada à tarefa, assumida primeiramente pelos membros dos Institutos Históricos, de resgatar e valorizar a cultura indígena dentro da História do Brasil. Assim, ao contrário do papel heróico e romântico descrito por Gonçalves Dias ou José de Alencar, o índio descrito por Lobato não é tratado como um ser genérico, que vive em perfeita harmonia com a natureza. Seus costumes e cultura são resgatados e também questionados frente à cultura ocidental.

## Conclusão

O objetivo desta dissertação é apresentar documentos que definam a relação entre Lobato e a Alemanha e, também por meio deles, oferecer novas perspectivas de análise da obra lobatiana, em especial sobre os processos de reorganização e adaptação das obras *Meu cativo entre os selvagens do Brasil* (1925) e *Aventuras de Hans Staden* (1927).

Assim, num primeiro momento, buscamos identificar os variados discursos relacionados à temática alemã registrados em artigos, prefácios, biografias, e, principalmente, cartas – muitas delas inéditas – de maneira a trazer mais elementos para o estudo da influência alemã na obra de Monteiro Lobato. Informações que apontem o conhecimento de obras e autores alemães, como Hans Staden, Grimm, Nietzsche, negócios com firmas alemãs, manifestações sobre o papel dos alemães nas guerras, a circulação de sua obra nas comunidades alemãs dentro e fora do Brasil e, até mesmo, sua relação com a própria língua.

Nesse contexto, alguns documentos apontam dados ainda pouco explorados pelos estudiosos de Lobato. O primeiro deles é o resgate da figura de seu tio, José Francisco Monteiro Júnior que, após estudar medicina na cidade de Leipzig, casa-se na Alemanha com Adele Monteiro. Durante o período em que vive em Taubaté, José Francisco destaca-se como médico e como político. Além de lutar por melhorias na saúde pública, atendendo gratuitamente a população mais carente, envolve-se na luta pelo fim da escravidão, proferindo discursos em prol da abolição e da proclamação da República. Tal posição política poderia justificar a contenda familiar entre José Francisco e seu pai, o Visconde de Tremembé, algumas vezes mencionada em suas cartas a Lobato, escritas entre 1901 e 1904.

De igual relevância são as cartas endereçadas à família do escritor por tradutores alemães, bem como a publicação de alguns contos lobatianos em alemão, como *Totes Land* (1917), *Die alte Fazenda* (1932), *Der Estancia Käufer* (1956), além do estudo desenvolvido por Annemarie Shrage - *Die Erzählungen Monteiro Lobatos* (1982), bastante sugestivos de certa internacionalização do escritor.

Para poder interpretar estes e outros dados registrados nos documentos, recuperamos alguns aspectos da vida e da obra do escritor, como o período em que, com artigos publicados no jornal *O Estado de São Paulo* ao longo de 1918, Lobato se dedica às

questões higienistas, lideradas por Miguel Pereira, Belisário Penna e Artur Neiva, e também o momento em que esteve empenhado na luta pelo petróleo, na década de 30. Neste último caso, as missivas trocadas com o engenheiro suíço Charles Frankie, ao longo das várias campanhas e iniciativas do escritor, trazem à tona menções sobre a dificuldade de Lobato com a língua alemã, da qual não tem nenhum domínio. No que se refere às campanhas de saneamento, a discussão está associada ao discurso racial e eugenista adotado por Lobato na descrição do papel dos alemães nas Primeira e Segunda Guerras Mundiais. A intenção que guia esta análise é mostrar, de um lado, a representação da questão racial na intelectualidade do período e, de outro, a volubilidade das posturas de Lobato.

Os trabalhos como editor e tradutor oferecem respaldo ao estudo de reorganização e adaptação da obra de Hans Staden. Com esse objetivo em vista, procuramos identificar, ainda que brevemente, os métodos de produção, divulgação e a “escolha” de autores e obras que atendessem às necessidades do público e do editor Lobato. Nesse ínterim, a publicação do livro de Hans Staden dialoga com a intenção, promovida já pelos Institutos Históricos e Geográficos do Rio de Janeiro e de São Paulo, de resgatar obras e documentos relacionados aos primórdios da História do Brasil, construindo, com isso, uma identidade para a nação. Os estudos sobre a “teoria lobatiana de tradução”, introduzidos pela pesquisadora Adriana Vieira, muito contribuem para o exame das mudanças determinadas por Lobato a cada reedição das obras de Staden e para os recursos adaptativos empregados na versão infantil *Aventuras de Hans Staden*.

A obra infantil aponta várias das inovações promovidas pelo escritor em seu projeto de criação de uma literatura infantil brasileira, como o trabalho com a linguagem, a valorização do conhecimento e da leitura, a divulgação de temas nacionais e o desenvolvimento da capacidade crítica das crianças. A representação do índio assume também papel significativo ao retomar o tema da procura por uma identidade nacional.

## BIBLIOGRAFIA

### Bibliografia de Monteiro Lobato

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 4. ed. Obras Completas. São Paulo: Brasiliense, 1951. V. 11 e 12, I e II Tomo (1º série).

\_\_\_\_\_. *A Chave do Tamanho*. 42. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

\_\_\_\_\_. *Aventuras de Hans Staden*. 1. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1927.

\_\_\_\_\_. *Cartas Escolhidas*. 4. ed. Obras Completas. São Paulo: Brasiliense, 1951. V. 16 e 17, I e II Tomo (1º série).

\_\_\_\_\_. *Cidades Mortas*. 4. ed. Obras Completas. São Paulo: Brasiliense, 1951. V.2. (1º série).

\_\_\_\_\_. *Críticas e outras notas*. São Paulo: Brasiliense, 1965.

\_\_\_\_\_. *Conferências, artigos e crônicas*. 4. ed. Obras Completas. São Paulo: Brasiliense, 1951. V.15. (1º série).

\_\_\_\_\_. *Contos de Grimm*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.

\_\_\_\_\_. *Prefácio e Entrevistas*. 4. ed. Obras Completas. São Paulo: Brasiliense, 1951. V.13. (1º série).

\_\_\_\_\_. *Na Antevéspera*. 4. ed. Obras Completas. São Paulo: Brasiliense, 1951. V.6. (1º série).

\_\_\_\_\_. *Negrinha*. 4. ed. Obras Completas. São Paulo: Brasiliense, 1951. V.3. (1º série).

\_\_\_\_\_. *Novos Contos de Grimm*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

\_\_\_\_\_. *Robinson Crusoe*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

\_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Série Literatura Infantil. São Paulo: Brasiliense, 1947.

\_\_\_\_\_. *Obra infantil completa: edição centenário – 1882-1982*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

### Bibliografia sobre Monteiro Lobato

- ARROYO, Leonardo. Literatura infantil brasileira. *Ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- BIGNOTTO, Cilza Carla. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. IEL/Campinas, 2007. tese de doutorado.
- AZEVEDO, Carmem de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato, furação na Botocúndia*. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- CHIARELLI, Tadeu. *Um jeca nos vernissagens*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. N. *A literatura infantil*. História – Teoria - Análise. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil*. São Paulo: Quíron, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- GÊNOVA, Mariana Baldo de. *As terras novas do sítio: Uma nova leitura da obra O picapau Amarelo (1939)*. IEL/Campinas, 2006. Dissertação de mestrado.
- HABIB, Paula Arantes Botelho Brigkia. *Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou: raça, eugenia e nação*. IFCH/Campinas, 2003. Dissertação de mestrado.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.
- LAJOLO, Marisa. Jeca Tatu em três tempos. In: SCHWARZ, R. (Org.) *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1984.
- \_\_\_\_\_. Lobato, um Dom Quixote no caminho da leitura. In: \_\_\_\_\_. *Do Mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- \_\_\_\_\_. Negros e Negras em Monteiro Lobato. In: LOPES, Eliana Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. (Org.) *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LANDERS, Vasda Bonafim. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LUCA, Tania Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Unesp, 1999.

NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM: Record, 1986.

PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

RIBEIRO, Milena Martins. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. Campinas: IEL/Unicamp, 2003. Tese de doutorado.

ROCHA, Jaqueline Negrini. *De Caçada às Caçadas: O processo de reescrita lobatiano de Caçadas de Pedrinho a partir de A Caçada da Onça*. IEL/Campinas, 2006. Dissertação de mestrado.

SCHRAGE, Annemarie. *Die Erzählungen Monteiro Lobatos*. Frankfurt: Peter Lang, 1982.

SOUZA, Ruth. Villela Alves. *Presença dos autores alemães nos livros infantis brasileiros*. Rio de Janeiro: 1979.

VALENTE, Thiago Alves. *Uma Chave para A Chave do Tamanho, de Monteiro Lobato*. UNESP/Assis, 2004. Dissertação de mestrado.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

VIEIRA, Adriana. Silene. *Um inglês no sítio de Dona Benta: Estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana*. Campinas: IEL/Unicamp, 1998. Dissertação de mestrado.

\_\_\_\_\_. *Viagens de Gulliver ao Brasil: estudo das adaptações de Gulliver's Travels por Carlon Jansen e por Monteiro Lobato*. Campinas: IEL/Unicamp, 2004. Tese de doutorado.

\_\_\_\_\_. O Livro e a Leitura nos textos de Lobato. In: LOPES, Eliana Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. (Org.) *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ZILBERMAN, Regina. (Org.). *Atualidades de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

## Bibliografia Geral

ABREU, Marcia. *Da fé em Deus à brasilidade: uma história do livro e da leitura em Duas viagens ao Brasil*, de Hans Staden. In: MARI, Hugo; WALTY, Ivete; VERSIANI, Zélia (Org.). *Ensaio sobre Leitura*. Belo Horizonte: Pucminas, 2005.

BELLUZZO, Anna Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros, 1994.

BENEDITO, Antonio Prezia. *Os indígenas do planalto paulista nas crônicas quinhentistas e seiscentistas*. São Paulo: Humanitas, 2000.

BRANDENBURGER, Clemens. *Brasilische Prosa*. Südamerikanische Literatur. São Leopoldo: Rotermund & Co., 1917. V.14.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

CALDERÓN, Demetrio Estébanez. *Diccionario de términos literários*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

\_\_\_\_\_. *A literatura e a formação do homem*. Ciência e cultura. São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1972.

CARPEAUX, Otto Maria. *A Literatura alemã*. 2. ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução Mary Del Priore. Brasília: UNB, 1994.

DENIS, Ferdinand. *Brasil*. Belo Horizonte: Iatatiaia; São Paulo: Ed. Livraria Progresso salvador, 1955.

FAUSTO, Carlos. Fragmentos de História e cultura Tupinambá. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

GOMES, Angela de Castro (Org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da USP, 1985.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LERY, Jean. *História de uma viagem feita à terra do Brasil*. Org. Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Nacional, 1926.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SANCHEZ, Edney Christian Thomé. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico: um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX*. IEL/ Unicamp, 2003. Dissertação de mestrado.

SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: Etnicidade e conflito. In: Fausto, Boris (Org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Editora da USP, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

STADEN, Hans. *Zwei Reisen nach Brasilien (1548-1555)*. Trad. Kart Fouquet. Marburg: Trautvetter & Fisscher Nachf, 1963.

\_\_\_\_\_. *Suas viagens e cativo entre os selvagens do Brasil*. Trad. Albert Löfgren. São Paulo: Eclectica, 1900.

\_\_\_\_\_. *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*. Org. Monteiro Lobato. 1. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1925.

\_\_\_\_\_. *Suas viagens e cativo entre os índios do Brasil*. Org. Monteiro Lobato. 4. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945.

\_\_\_\_\_. *Duas viagens ao Brasil*. Trad. Guiomar de Carvalho Franco: Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SOUTHEY, Robert. *A História do Brasil*. I Tomo. Trad. Luís Joaquim de Oliveira e Castro. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. Série Reconquista do Brasil, Vol.67.

THEILE, Albert. *Unter dem Kreuz des Südens: Erzählungen aus Mittel – und Südamerika*. Zürich: Manesse Verlag, Conzett & Huber, 1956.

VENANCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. (Org.) In: GOMES, Angela de. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin *et alii*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

VILLA, Marco Antonio. (Org.). *Cronistas do descobrimento*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000

#### **SITES:**

##### **Biblioteca Monteiro Lobato:**

<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/cultura/bibliotecas/monteirolobato>

**Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro:** [www.bn.br](http://www.bn.br)

##### **Biblioteca Mario de Andrade:**

<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/cultura/bibliotecas/marioandrade>

**Deutsche Nationalbibliothek:** <http://www.ddb.de>

**Instituto Martius-staden:** [http:// www.martius.staden.org.br](http://www.martius.staden.org.br)

**Instituto Goethe:** [http:// www.goethe.de/saopaulo](http://www.goethe.de/saopaulo)

**Projeto Memória da Leitura:** [http:// www.unicamp.br/iel/memoria](http://www.unicamp.br/iel/memoria)

**Projeto Monteiro Lobato (1982-1948) e outros modernismos brasileiros:**

[http:// www.unicamp.br/iel/monteirolobato](http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato)

## Anexo I - Corpus epistolar do capítulo 1 – Lobato alemão

<b>CÓDIGO</b>	<b>DATA</b>	<b>LOCAL</b>	<b>REMETENTE</b>	<b>DESTINATÁRIO</b>	<b>ASSUNTO</b>
Biblioteca Monteiro Lobato	1/7/1901	Dresden, Alemanha	José Francisco	Monteiro Lobato	Descrição de sua vida na Alemanha e lembranças de problemas familiares.
Biblioteca Monteiro Lobato	15/8/1904	Dresden, Alemanha	Adele Monteiro	Monteiro Lobato	Agravamento da saúde de José Francisco Júnior, tio de Lobato.
A Barca de Gleyre. Vol. 1, 1951. (P. 65)	24/8/1904	São Paulo	Monteiro Lobato	Godofredo Rangel	Leitura e comentários sobre a obra do filósofo alemão Nietzsche.
A Barca de Gleyre Vol.2, 1951 - (P.155)	11/10/1917	Caçapava	Monteiro Lobato	Godofredo Rangel	Comentários sobre a I Guerra Mundial e a definição do “germanismo” lobatiano.
Fundação casa de Rui Barbosa - Col. AS / Cp 139 – fl. 36-37-38	Década de 1920 (?)	Monteiro Lobato	Monteiro Lobato	Antônio Salles	Comentários sobre o papel da Alemanha na II Guerra Mundial.
A Barca de Gleyre Vol.2 - P. 275	11/01/1925	São Paulo	Monteiro Lobato	Godofredo Rangel	Trabalho com a obra dos Irmãos Grimm, dados pela Garnier.

Fundo Charles Frankie Chf 1.2.00050 CEDAE / UNICAMP	11/3/1935	São Paulo	Monteiro Lobato	Charles Frankie	Dificuldades com a língua alemã nos negócios com o petróleo.
Fundo Charles Frankie Chf 1.2.00052 CEDAE / UNICAMP	15/3/1935	São Paulo	Monteiro Lobato	Charles Frankie	Dificuldades com a língua alemã nos negócios com o petróleo.
Dossiê Monteiro Lobato ( IEB / USP / ( IEB / USP / C1 P2 C8 ) )	11/2/1936	Pelotas	Maria Luiza	Monteiro Lobato	Correspondente de Lobato e estudiosa da língua alemã.
Dossiê Monteiro Lobato ( IEB / USP / C1 P2 09)	1936 (?)	Pelotas	Maria Luiza	Monteiro Lobato	Recado, em alemão, para Emília.
Fundo Charles Frankie Chf 1.2.00131 CEDAE / UNICAMP	18/6/1936	São Paulo	Monteiro Lobato	Charles Frankie	A parceria dos alemães nos negócios de extração do petróleo.
Fundo Monteiro Lobato BL-ms 00003 CEDAE / UNICAMP	21/6/1936	São Paulo	Monteiro Lobato	Maria Luiza	A Emília começa a aprender a língua alemã.

## Fontes - Anexo I

LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre. I e II Tomo. São Paulo: Brasiliense, 1951.
LOBATO, Monteiro. Cartas Escolhidas. II Tomo. São Paulo: Brasiliense, 1951.
Biblioteca Monteiro Lobato. Disponível em <a href="http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/cultura/bibliotecas/monteirolobato">http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/cultura/bibliotecas/monteirolobato</a>
Dossiê Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrade e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)/USP.
Fundo Monteiro Lobato. Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE)/IEL/UNICAMP.
Fundo Charles Frankie. Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE)/IEL/UNICAMP.

## Anexo II - Breve cotejo das edições e traduções da obra de Hans Staden

LÍNGUA	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO	TRADOTOR/ EDITOR	EDIÇÃO	COLEÇÃO	OBSERVAÇÃO
Alemão	Marburgo	1557		1.ed.		
Alemão	Marburgo	1557	André Kolbe	2.ed.		
Alemão	Frankfurt	1557	Weigand Han			
Alemão	Frankfurt	1557	Weigand Han			
Flamengo	Antuérpia	1558	Christoffel Plantijn			
Flamengo	Antuérpia	1563	Jan Roelants			

Alemão	Frankfurt	1567	Martin Lechler		Coleção: FranckFeyrabend	
Latim	Frankfurt	1592	Adam Lonicer		Coleção: Teodoro de Bry	
Alemão	Frankfurt	1593			Coleção: Teodoro de Bry	
Flamengo	Amsterdam	1595	Cornelis Claesz			
Holandês	Amsterdam	1625	Broer Jansz			Publicado também em 1627 e 1634.
Holandês	Amsterdam	1630				
Latim	Frankfurt	1630	LudovicusGottofridus			

Holandês	Amsterdam	1640				
Alemão	Frankfurt	1655	Mathias Merian			
Holandês	Amsterdam	1655	Jan Jacobsz Bouman			Publicado também em 1656 e 1660.
Alemão	Amsterdam	1664	Hans Just Wickelmann			Paráfrase da Obra de Hans Staden publicada em "Americanischen Neuen Welt Beschreibung".
Holandês	Amsterdam	1679	Miguel de Groot			
Holandês	Utrecht	1683				
Holandês	Utrecht	1685	Jurialn van Poolsum			

Holandês	Amsterdam	1686	Gijsbert de Groot			Reedição da obra em 1701.
Holandês	Leyden	1706			Coleção: Pieter van der Aa. Vol.15.	
Holandês	Amsterdam	1707			Coleção:Pieter van der Aa. Vol.15.	
Holandês	Amsterdam	1714			Coleção:Pieter van der Aa. Vol.15.	
Holandês	Amsterdam	1727			Coleção: Pieter van der Aa. Vol.15.	
Francês	Paris	1938		Ternaux-Compans	Coleção: “Voyages, relations et mémoires originaux pour servir à l’ histoire de la découverte de l’ Amérique”, Vol. 03	
Alemão	Hamburgo	1871	Robert Ave-Lallemant			

Alemão	Stuttgart	1859	Karl Klüpfel			
Inglês	Londres	1874	Albert Tootal			
Português	Rio de Janeiro	1892	Tristão de Alencar Araripe	1.ed.		Publicação da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RJ, tomo 55. Traduzida da versão francesa de Ternaux-Compans.
Português	São Paulo	1900	Albert Löfgren			Publicação do Instituto Histórico e Geográfico de SP. Traduzida da 2.ed. alemã; com notas de Teodoro Sampaio
Alemão	Munique	1920	Georg Müller			

Alemão	Buenos Aires	1920/1921	Roberto Lehmann-Nitsche			Publicado na Revista “Zeitschrift des Deutschen Wissenschaftlichen”.
Português	Rio de Janeiro	1925	Monteiro Lobato	1.ed.		Organização literária da obra de Albert Löfgren, publicada pela Cia. Editora Nacional. Reedições da obra em 1926 e 1927.
Alemão	Frankfurt	1925	Richard M. Wegner			Publicado também em 1927.
Espanhol	Buenos Aires	1927	Roberto Lehmann-Nitsche			Publicado no “Botetin del Inst. de investigaciones históricas de la Facultad de filosofía y letras”, Tomo V.
Alemão	Frankfurt	1927	Richard M. Wegner			

Português	São Paulo	1927	Monteiro Lobato	1.ed.		Adaptação infantil
Inglês	Londres	1928	Malcolm Letts		Série: Broadway Travellers	
Alemão	Leipzig	1929	Roberto Lehmann-Nitsche			Esta versão da obra foi publicada com o título: Hans Staden – Ein deutscher Landsknecht in der neuen Welt.
Inglês	New York	1929			Série: Argonaut	Baseado na tradução de Malcolm Letts.
Português	Rio de Janeiro	1930	Abert Löfgren		Série: Publicações da Academia Brasileira, História, vol. II.	Notas de Teodoro Sampaio.
Alemão	Buenos Aires	1934	Gertrud Tudsen			
Alemão	São Paulo	1941	Karl Fouquet		Série: Publicações Da Academia Brasileira	
Português	São Paulo	1942	Guiomar de Carvalho Franco	1.ed.		Editora Melhoramentos

Espanhol	Buenos Aires	1944	Edmundo Fuentes		Biblioteca de Fuentes, Vol. I	
Português	São Paulo	1945	Monteiro lobato	4.ed.	Biblioteca do Espírito Moderno, Vol. 39.	
Português	São Paulo	1948	Guiomar de Carvalho Franco			
Português	Salvador	1955			Coleção de Estudos Brasileiros, Série Cruzeiro. Vol.10.	Notas de Afrânio Peixoto; prefácio de A. Löfgren.
Alemão		1963	Karl Fouquet	2.ed.		
Português	São Paulo	1965	Jamil Almansur Haddad			Editado pela Difusão Européia do Livro
Alemão	R. Brockhaus	1967	Kurt Salecker			
Alemão		1970	KarlFouquet	3.ed.	Publicações da Sociedade Hans Staden	

Italiano	Milão	1970	Américo Guadagnin			
Português	São Paulo	1974	Guiomar de Carvalho Franco			
Alemão	Kassel	1978	Günter E. Th. Bezenberger		Coleção Reconquista do Brasil	
Português	São Paulo	1980	Manoel de Abreu			Publicado pela Editora Parma
Alemão		1988	Ulrich Schlemmer			
Português	São Paulo	1988	Luís Antônio Aguiar			Adaptação infantil
Português	São Paulo	1998	Angel Bojadsen			Título: Portinari devora Hans Staden. Editora Terceiro Nome.
Português	São Paulo	2005	Jô Oliveira			Adaptado em quadrinhos. Editora Conrad do Brasil.

## Fontes - Anexo II

STADEN, Hans. Suas viagens e cativo entre os selvagens do Brasil. Trad. Albert Löfgren. São Paulo: Casa Eclectica, 1900.
STADEN, Hans. Duas viagens ao Brasil. Trad. Guiomar de Carvalho Franco. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Usp, 1974.
STADEN, Hans. Suas viagens e cativo entre os índios do Brasil. Texto ordenado por Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Nacional, 1945
STADEN, Hans. Zwei Reisen nach Brasilien (1548-1555). Trad. Kart Fouquet. Marburg: Trautvetter & Fisscher Nachf, 1963.

## Sites - Anexo II

Biblioteca Monteiro Lobato - Disponível em <a href="http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/cultura/bibliotecas/monteirolobato">http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/cultura/bibliotecas/monteirolobato</a>
Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro - Disponível em <a href="http://www.bn.br">www.bn.br</a>
Biblioteca Mario de Andrade - Disponível em <a href="http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/cultura/bibliotecas/marioandrade">http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/cultura/bibliotecas/marioandrade</a>
Deutsche Nationalbibliothek - Disponível em <a href="http://www.ddb.de">http://www.ddb.de</a>
Instituto Martius-staden - Disponível em <a href="http://www.martius.staden.org.br">http:// www.martius.staden.org.br</a>
Instituto Goethe - Disponível em <a href="http://www.goethe.de/saopaulo">http:// www.goethe.de/saopaulo</a>

## Anexo III - Edições e traduções da obra Aventuras de Hans Staden, de Monteiro Lobato.

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR/ TRADUTOR</b>	<b>TIRAGEM</b>	<b>EDIÇÃO</b>	<b>ANO</b>	<b>COLEÇÃO</b>	<b>EDITORIA</b>	<b>PÁGINAS</b>	<b>ACERVO</b>
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato	6.000	1.ed.	1927		Cia. Editora Nacional	143	BML Martius-Staden
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato	6.000	2.ed.	1932	Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol.5.	Cia. Editora Nacional	115	CEDAE
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato	10.000	3.ed.	1934	Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol.5.	Cia. Editora Nacional	116	BML CEDAE FFLCH
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato	7.123	4.ed.	1939	Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol.5.	Cia. Editora Nacional	116	BML
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato	10.096	5.ed.	1944	Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol.5.	Cia. Editora Nacional	114	BML Martius-Staden
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato		6.ed.	1944	Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol.5.	Cia. Editora Nacional	114	BML FFLCH

Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato		7.ed.	1948		Editora Brasiliense	134	BML
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato		8.ed.	1951		Editora Brasiliense	134	BML
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato		9.ed.	1954		Editora Brasiliense	134	BML CEDAE Martius-Staden
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato		10.ed.	1957		Editora Brasiliense	131	FFLCH
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato		11.ed.	1960		Editora Brasiliense	160	FFLCH Deutsche Bibliothek
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato		14.ed.	1968		Editora Brasiliense	131	BML FFLCH
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato		15.ed.	1969		Editora Brasiliense	115	FFLCH

Hans Staden	Monteiro Lobato		21.ed.	1980		Editora Brasiliense	p.84	Acervo pessoal
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato		24.ed.	1982		Editora Brasiliense	46	FFLCH
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato		28.ed.	1986		Editora Brasiliense	46	IFSC
Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato		32.ed.	1994		Editora Brasiliense	46	UNESP - Assis
Aventuras de Hans Staden	J.M. de Sosa			1945	Obras Completas - Literatura infanto- juvenil – Tradução	Editorial Americalle	141	BML
Aventuras de Hans Staden	J.M. de Sosa		5.ed.		Obras Completas - Literatura infanto- juvenil - Tradução	Editorial Americalle	143	Martius-Staden

Aventuras de Hans Staden	J.M. de Sosa		6.ed.	1954	Obras Completas - Literatura infanto- juvenil – Tradução	Editorial Losada	143	CEDAE
Caçadas de Pedrinho e Hans Staden	Monteiro Lobato		1.ed.	1947	Obras Completas – Série 2 – Vol. 03	Editora Brasiliense	224	Acervo pessoal

## Nomeclatura - Anexo III

BML: Biblioteca Monteiro Lobato
CEDAE: Centro de Documentação Alexandre Eulálio /Unicamp
Martius-Staden: Instituto Martius-Staden
IFSC: Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Usp
FFLCH: Biblioteca do Instituto de Física de São Carlos
Unesp-Assis: Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Campus de Assis